

ALITA TORTELLO CAIUBY

**OUTROS TEMPOS DE
JUÓ BANANÉRE**

Other times of Juó Bananére

CAMPINAS

2012



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ALITA TORTELLO CAIUBY

OUTROS TEMPOS DE JUÓ BANANÉRE

Orientadora/Supervisor: Profa. Dra. Maria Eugenia Boaventura

OTHER TIMES OF JUÓ BANANÉRE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA , NA ÁREA DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA

MASTERS DISSERTATION PRESENTED TO THE INSTITUTE FOR THE STUDY OF LANGUAGE OF THE STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS IN CANDIDACY FOR THE DEGREE OF MASTERS OF PHILOSOPHY IN LITERARY THEORY AND HISTORY, IN THE AREA OF LITERARY THEORY AND CRITICS

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C124o Caiuby, Alita Tortello, 1982-
Outros Tempos de Juó Bananére / Alita Tortello
Caiuby. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Maria Eugenia Boaventura.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Bananére, Juó, 1892-1933 – Crítica e interpretação.
2. Diário Nacional (Jornal). 3. A Manhã (Jornal). 4. Jornal
das Trincheiras. 5. Modernismo. I. Boaventura, Maria
Eugenia, 1947-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Other times of Juó Bananére.

Palavras-chave em inglês:

Juó Bananére

Diário Nacional

A Manhã

Jornal das Trincheiras

Modernism

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Mestra em Teoria e História Literária.

Banca examinadora:

Maria Eugenia Boaventura [Orientador]

Benedito Antunes

Paula Esther Janovitch

Data da defesa: 29-02-2012.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura Dias _____

Benedito Antunes

Benedito Antunes _____

Paula Ester Janovitch

Paula Ester Janovitch _____

Jefferson Cano

Pascoal Farinaccio

DEDICATÓRIA

*À memória de Caprice,
amiga de todas as horas.*

AGRADECIMENTOS

Ao CAPES que financiou grande parte desta pesquisa.

A minha orientadora Maria Eugenia Boaventura, por suas considerações preciosas, por fazer parte de meu crescimento como pesquisadora e como pessoa, e por seu respeito e paciência quando da finalização desta obra.

Ao professor Benedito Antunes pelo interesse em minha empreitada até o momento final, pelas informações e materiais.

Ao professor Jefferson Cano, pelos apontamentos e direções fundamentais para o término deste trabalho.

À professora Paula Janovitch pela atenção, disponibilidade e provimento de material valioso.

À Ana Paula Freitas de Andrade por sanar algumas dúvidas e disponibilizar prontamente sua pesquisa em meu auxílio.

Aos funcionários do setor de Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo, do CEDAE e da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – pela disposição em me atender, sempre que precisei.

À Joana D´Arc Moreno pela atenção especial e pelo esforço, mesmo com a reforma da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

À Julio Moreno, pelas visitas, empréstimos, debates e cappuccinos.

A minha mãe Elza e meu pai Beto, por acreditarem e me apoiarem nos caminhos que optei traçar, mesmo com tantas mudanças no percurso.

Aos meus irmãos Davi e Bia, pelas longas conversas, discussões calorosas e desabafos necessários.

Ao meu amado companheiro Fabio, por sua paciência, pelas descobertas conjuntas e por seu carinho, dando força para persistir sempre.

Aos professores de vida, que muitas vezes ensinam mais que as dimensões acadêmicas e fazem a pesquisa alcançar um sentido mais profundo.

Aos meus amigos, pela presença e cuidado de sempre, por discutir e reler meu trabalho, por acompanhar minhas frustrações e, principalmente, conquistas.

RESUMO

Esta obra pretende apresentar um estudo crítico de uma seleção de textos do autor macarrônico Juó Bananére. Personagem criada pelo engenheiro Alexandre Marcondes Machado, o barbeiro italiano fez muito sucesso nos anos de 1910 quando publicava na revista *O Pirralho*, fundada pelo modernista Oswald de Andrade. Tal reconhecimento lhe rendeu algumas pesquisas no meio acadêmico.

Com uma fortuna crítica ainda em formação, dada a quantidade de material não estudado, pretendemos estender o conhecimento de sua produção. Para isso, escolhemos 125 textos que foram publicados nos periódicos seguintes: *Diário Nacional* (1927 – 1932), *Jornal das Trincheiras* (1932) e *A Manhã* (1926 – 1933). O período selecionado para este trabalho é diverso da maioria das pesquisas até agora existentes.

Percebemos, ao longo de nossa leitura, que a política paulista é o grande tema das crônicas de Juó Bananére. Nelas encontramos referência a diversos momentos históricos importantes, além de oferecer um panorama cultural e social da época em que os textos se inserem.

ABSTRACT

This work is intended to present a critical study of a selection of texts from the macaronic author Juó Bananare. A character created by the engineer Alexandre Marcondes, the Italian barber was very successful in the 1910s while being published in the magazine *O Pirralho* (The Kid), founded by the modernist Oswald de Andrade. Such recognition resulted in some research of his literature in the academic field.

With a critical fortune still in formation, given the amount of material yet to be studied, we seek to extent the knowledge of his production. For this, we chose 125 texts that were published in the following periodicals: *Diário Nacional* (1927 – 1932), *Jornal das Trincheiras* (1932) e *A Manhã* (1926 – 1933). The period selected for this work is different from most of the research that has been done so far.

We notice, during our reading, that the politics of São Paulo is the major theme for Juó Bananére's chronicles. There we found references to many important historical moments, in addition to offer a cultural and social outlook from the time in which the texts were written.

SUMÁRIO

<u>Apresentação</u>	15
---------------------------	----

PARTE UM

Alexandre Marcondes	21
Juó Bananére	23
Fortuna Crítica	27
Retorno de Juó Bananére	39

PARTE DOIS

<i>Diário Nacional</i>	57
<i>A Manhã</i>	79
<i>Jornal das Trincheiras</i>	97
Outros tempos de Juó Bananére	111

<u>Considerações Finais</u>	125
-----------------------------------	-----

Bibliografia	127
Anexo I – <i>Jornal das Trincheiras</i>	135
Anexo II – Cronologia dos Artigos	145

Apresentação

Juó Bananére nasce em 1909 da pena do caricaturista Voltolino¹. Somente em 1911, no décimo número da revista *O Pirralho*, o estudante da Escola Politécnica, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, dá voz e vida à personagem cômica.

A figura é oferecida aos leitores por Annibale Scipione, pseudônimo de Oswald de Andrade, quando ele decide colocar em sua coluna de *O Pirralho*, “As cartas do Abax’o Pignes”, uma missiva recebida de outro italiano, um tal Juó Bananére. A linguagem também macarrônica do novo correspondente, mistura estropiada de português e italiano, veio ferina e contundente, deixando sua marca no jornal durante os seis anos seguintes.

O suposto poeta, jornalista, barbeiro e imigrante, “figlio di intaliano risidentimo nu Brasile”², publicou apenas um livro³, *La Divina Increnca*⁴, mas tem vasta produção literária em inúmeros periódicos, em especial os da cidade de São Paulo. Seus comentários irônicos e sarcásticos, as paródias, os poemas e as crônicas voltavam-se indiscriminadamente para a religião, a arte, a política e qualquer assunto relacionado à sociedade paulistana de seu tempo.

O antigo sucesso rendeu, embora tardiamente, algumas pesquisas a seu respeito; quase todas sobre sua fase em *O Pirralho*. Ana Paula Freitas Andrade e Wilma da Silva Vitalino, como

¹ Como aponta Ana Maria de Moraes Beluzzo em seu livro *Voltolino e as raízes do modernismo* (1979), Voltolino, pseudônimo do caricaturista João Paulo Lemmo Lemmi (1884-1926), é também responsável pelo sucesso de Juó Bananére, mesmo porque a representação gráfica da personagem veio antes da verbal. Em 1908 ele desenha a imagem de Luigi Capalunga na revista *A Ronda*, que teria todas as feições correspondentes a de Juó Bananére em 1909. O artista, no entanto, morre antes das publicações presentes nesta pesquisa. Ainda que algumas de suas imagens apareçam no *Diário Nacional*, elas não fazem parte da seção elaborada por Marcondes Machado.

² Juó Bananére, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 59, 20/09/1927.

³ *Galabáro*, publicado em 1917 com o subtítulo “libro di saniamiento siciali” poderia também ser visto como outro livro. Entretanto, por não ter editora ou catalogação optamos pela denominação de panfleto, como é chamado pela maioria dos pesquisadores.

⁴ Já está bastante disseminada a informação de que o livro teve diversas edições até chegar à sua versão final. Carlos Eduardo Capela, em *Juó Bananére - Irrisor, irrisório*, traça detalhadamente o percurso das diversas edições. Conforme Benedito Antunes, o livro de Bananére foi publicado pela primeira vez em 1915, e na 9ª edição, em 1925, encontra sua última forma.

veremos, são as únicas a se direcionarem para momentos posteriores a esse.

Alguns estudos sobre o jornalista tentam inseri-lo na discussão do meio acadêmico. Como veremos, a hipótese de que seu estilo bem humorado e segmentado tenha colaborado para esse afastamento é válida. Pesquisas contrapondo tal proposição são relativamente recentes.

Como esclarece Vladimir Propp, o cômico implica em sua definição alguns conceitos negativos, como algo baixo, insignificante, a falta de ideias, a contradição, o contraste, a oposição ao sublime⁵, gerando certo desprezo no âmbito literário. No entanto, o “humor não deixa de ser um traço da cultura”⁶, e muitos dos gracejos de Bananére estão vinculados às circunstâncias da época, o que prejudica seu entendimento na atualidade, mas não fere sua competência literária. O recurso jocoso não é, por conseguinte, a única razão para o relativo esquecimento de sua obra, mas sim a dificuldade de revisitar os objetos mais significativos de suas pilhérias.

Quando as atenções se voltaram para Juó Bananére, as pesquisas estavam ainda restritas a essa posição “inferior”, relacionada ao cômico, na qual situavam o narrador, e procuraram explorar o material da revista *O Pirralho* dando a ele certa relevância. Suas paródias e poemas foram retomados à exaustão por um pequeno grupo de estudiosos que, de diversas formas, esforçou-se para valorizá-lo no meio acadêmico.

Diante disso, percebemos a relevância de um estudo da produção mais tardia de Juó Bananére, para conhecer mais sobre essa figura literária. Seu longo tempo como personagem e os diversos textos posteriores à sua fama colaboram para expandir as avaliações.

Nossa proposta é expor um estudo crítico sobre as crônicas contidas nos seguintes jornais: *Diário Nacional* (1927 – 1932), *Jornal das Trincheiras* (1932) e *A Manhã* (1926 – 1933). O corpus conta com 125 textos em linguagem macarrônica, sempre em estilo bem humorado e que tratam de momentos importantes da história brasileira – em especial, a paulista – e do mundo⁷.

O Juó Bananére dos anos de 1927 a 1933 não é o mesmo de *O Pirralho*, semanário que o

⁵ Vladimir Propp, trad. BERNARDINI, Aurora Fornoni & ANDRADE, Homero Freitas de. *Comicidade e riso*, São Paulo: Ática, 1992, p. 20.

⁶ Mario da Silva Brito, “O humorismo”. In: *Cartola de mágico*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 41.

⁷ O *Diário Nacional* teve seus números originais consultados na Biblioteca do Instituto Estudos da Linguagem (IEB) - USP; *A Manhã* foi examinado em microfilmes gentilmente cedidos pelo setor de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade e o *Jornal das Trincheiras* pode ser analisado em versões facsimilares no IEB e no *Bloco Cinquentenário da Revolução Paulista*, organizado pelo IMESP – DAESP em 1982.

consagrou. Não só a configuração política e social é outra, mas o narrador também, porquanto sofre algumas mudanças ao longo do tempo. Exemplo disso são os processos pelos quais passa sua linguagem macarrônica. Segundo Ana Paula Freitas, esta se transforma, tornando-se única e incomparável; a princípio, com uma dicção acaipirada e, mais tarde, assimila padrões linguísticos da capital. Dissertaremos sobre uma figura já conhecida, isenta de se identificar para o público como barbeiro, morador do Baixo Piques ou pai de Beppino, para se firmar como personagem literária. Sua popularidade estruturou-o tão fortemente que, como veremos, quando reaparece nas páginas, tem o reconhecimento de um convidado especial. Analisar essa produção posterior significa também colaborar para a compreensão de um período distinto da cidade de São Paulo e de como isso se manifesta nas linhas do cronista.

Sérgio Milliet afirmou que o humor de Juó Bananére institui-se num contexto preciso da história paulista, com uma linguagem sem possibilidade de renovação, pois vivia do afluxo imigratório italiano⁸. No entanto, além de uma característica própria dificultando sua percepção, ou seja, uma linguagem atrelada a uma situação histórica, a falta de acesso faz sua obra cair no esquecimento.

Não se sabe em quais revistas ou periódicos Bananére participou, seus textos estão dispersos. Felizmente, por outro lado, isso traz a expectativa de novas descobertas, como é o caso desta pesquisa, com artigos do *Jornal das Trincheiras*. Confiamos ainda ser possível encontrar mais materiais de sua autoria.

Colaborar na divulgação e interpretação de sua produção literária, mostrando mais um olhar sobre suas crônicas, é a principal finalidade deste trabalho. Aqui, temos a oportunidade de ver um narrador versátil, que escreveu para públicos e jornais distintos, mas com a consciência de que o humor e ironia funcionavam como instrumento fundamental para criticar, debochar e repreender, em especial, disparates do contexto social e político de um dado momento.

Muitas obras literárias possuem camadas sujeitas à caducidade e ao perecimento, no caso de Bananére, não será diferente. Entretanto, procurando em sua produção “a faceta persistente da criatura humana”⁹, nomeada de “resíduo” por Maussaud Moisés, descobriremos seguramente

⁸ Comentário feito em prefácio de *Brás, Bexiga e Barra Funda – Laranja da China*, São Paulo: Martins Editora, 1944, de Antônio de Alcântara Machado.

⁹ Maussaud Moisés, “A crítica literária”. In: *A criação literária – prosa*, São Paulo: Cultrix, 1985, p. 320.

alguma camada, em especial nos momentos ligados à política quando o jogo com a linguagem ganha, de fato, estatuto literário. Além disso, as mazelas da política no Brasil despontadas nos textos – o descaramento, a corrupção, o corporativismo, a manobra de alianças e rupturas entre partidos – são de admirável atualidade. Logo, o caráter exclusivamente satírico não faz de Bananére um autor menor, como foi por vezes rotulado. Devemos vê-lo como um cronista que se firmou na sociedade paulistana e fez dela o grande mote para sua produção literária.

Nosso estudo está dividido em duas partes: a primeira procura recapitular informações importantes a respeito da construção e continuidade da personagem Bananére. A segunda refere-se à análise dos textos.

Inicialmente, retomaremos rapidamente a biografia de Alexandre Marcondes e a trajetória de sua personagem nos vários periódicos. Esse resgate parece-nos necessário, pois auxiliará leitores não familiarizados com o escritor macarrônico.

Discutiremos também a relação de Bananére com o meio acadêmico, e os temas abordados pelos estudiosos. Embora elaborem diversos pontos, os caminhos percorridos não parecem ser tão distantes. Os estudos possuem poucos confrontamentos e muitas constatações similares. Na tentativa de aprofundar as questões literárias, os pesquisadores tomam como paradigma conceitos estabelecidos logo nos primeiros ensaios. Isso se justificaria, todavia, pela simultaneidade da realização dos trabalhos.

Durante alguns anos, Bananére fica ausente dos jornais, voltando com regularidade somente em 1927. Em “Retorno de Juó Bananére” buscamos situar o narrador no conturbado momento histórico, social, político e econômico. Neste capítulo discorreremos também sobre aspectos referentes à crônica, à linguagem e ao uso da ironia.

Feito isso, iremos à segunda parte, quando procuraremos inferências que possam ser comprovadas nos próprios escritos, baseadas no conjunto histórico-social no qual o material se insere.

A situação política, cultural e social de São Paulo durante os anos 1920 e 1930 será por vezes recuperada. Para cada periódico teremos um capítulo à parte iniciando com uma breve

apresentação do jornal e da participação de Bananére. Em seguida, selecionamos algumas crônicas para expor melhor sua maneira de produção, os temas tratados, seus recursos e artifícios.

No *Diário Nacional*, órgão de propaganda do Partido Democrático, nosso colaborador participa com 30 textos esparsos iniciando em 1927 indo até 1931. Em *A Manhã*, periódico carioca de cunho satírico e fundado por Aparício Torelly em 1926, a produção era semanal e durou três anos, de 1931 a 1933, somando 80 textos. Já o *Jornal das Trincheiras* faz parte de um momento mais conturbado, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, e conta com apenas 13 números. Nele, foram encontradas cinco crônicas, todas na coluna “Cronacas da Retaguardia”.

A participação de Juó Bananére em periódicos tão dessemelhantes confirma sua flexibilidade como narrador. Mais uma vez, o humor e a ironia funcionam como artifícios eficientes para tal tarefa. E embora esteja imerso em campos diferentes de jornalismo, mantém seu estilo.

No último capítulo, começamos assinalando temas coincidentes nas crônicas de Bananére ao longo dos anos. Menções aos jornais de 1911 a 1920 foram inevitáveis. Isso será feito, prioritariamente, com base nos estudos disponíveis sobre essas publicações.

Nesta mesma parte, focamos também nas imagens destes três jornais. Iniciamos justamente em 1927, um ano depois da morte de Voltolino. Com a parceria de longa data desfeita, a caricatura de Bananére passou por diversos desenhistas.

Não pretendemos analisar esses desenhos plasticamente, tampouco nos foi possível fazer um estudo mais aprofundado sobre a caricatura de Bananére, tópico que deverá ser mais bem explorado em futuros trabalhos.

Nossa intenção aqui foi estabelecer de forma geral a relação entre representação visual e texto, procurando compreender as mudanças dessa personagem. A nova imagem no *DN*¹⁰ sugere a ascendência social de nosso imigrante e, como afirma Ana Paula Freitas, mesmo sendo barbeiro, parece estar gozando de prestígio como jornalista e poeta¹¹.

¹⁰ Abreviação de *Diário Nacional*.

¹¹ Ana Paula Freitas de Andrade, *Juó Bananére: verve, litteratura, futurisimo, cavaçó, ecc. ecc.* – indexação e reunião de textos macarrônicos publicados de 1911 a 1933, São Paulo: FFLCH – USP, 1999, p. 28. Dissertação de mestrado.

A Manhã, além das ilustrações, traz fotos, cartuns e charges. No *Jornal das Trincheiras*, junto à coluna “Cronacas da Retaguardia” vem um desenho do rosto de Bananére, ajudando o leitor a identificar o cronista.

Como o material é pouco conhecido, optamos por transcrever trechos longos durante as análises. Estes foram copiados dos próprios jornais ou do material disponibilizado por Ana Paula Freitas de Andrade, particularmente quando havia alguma dificuldade de leitura na impressão. Preferimos manter o texto da maneira como foi encontrado, julgando não ser possível estabelecer se um “erro” provinha da prensa ou era mais um recurso estilístico de Bananére, dada a grafia inconstante de suas palavras.

Ao final, temos dois anexos: as cinco crônicas do *Jornal das Trincheiras* e uma indexação dos textos dos periódicos.

PARTE UM

Alexandre Marcondes

Durante seu trabalho como escritor, Alexandre Marcondes Machado fez da cidade de São Paulo o grande mote de seus textos, assumiu a figura de imigrante sem nem mesmo ter saído do país.

Sua biografia permanece um pouco confusa. As informações advêm de artigos publicados por testemunhas da época e trazem, muitas vezes, referências equivocadas. Sabemos que nasceu em 11 de abril de 1892¹², em Pindamonhangaba, vindo de uma família numerosa¹³. Na infância, morou em Araraquara e, mais tarde, em Campinas, onde fez seus estudos preparatórios¹⁴; em 1910, mudou-se para São Paulo.

Com 18 anos, Alexandre Marcondes fazia o 4º ano do curso de Humanidades no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, o Ginásio do Estado. Neste momento, começa também a trabalhar nas redações de alguns jornais, entre eles, *O Estado de S. Paulo*, exercendo a função de revisor.

Formou-se em engenharia pela Politécnica, em maio de 1917, e embora tenha atuado nessa profissão com a firma “Escritório Técnico dos Engenheiros Octavio F. Sampaio e

¹² Essa é a data fornecida na maioria dos estudos. Entretanto, segundo Carlos Eduardo Capela, em *A farsa como método: (a produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas O Pirralho, O Queixoso e a Vespa)*, a certidão de nascimento de Alexandre Marcondes traz a data de 11 de maio de 1892. Mas, como explica Ana Paula Freitas, em sua dissertação *Juó Bananére: verve, litteratura, futurisimo, cavaçó, ecc. ecc.*, o registro de nascimento pode ter sido feito mais tarde, o que era bastante comum, devido à multa cobrada pelo atraso do registro.

¹³ Conseguimos algumas informações inéditas a respeito da família de Alexandre Machado. Nossas fontes foram as seguintes: o livro de Athayde Marcondes, *Pindamonhangaba*, alguns outros dados foram fornecidos por Cláudio Marcondes Machado, filho de Brasília, irmão de Alexandre Marcondes, portanto, sobrinho de Alexandre Marcondes Machado, e finalmente, uma carta de Armando Marcondes Machado, gentilmente cedida pelo professor Benedito Antunes. Assim, verificamos que o médico José Francisco Marcondes Machado era casado com a prima Maria Angélica Ribeiro do Amaral, ambos de origem veneziana (Marcondi). Com ela, teve quatro filhos, José Benedito (Nhonhô), Cássio, Ercília e Guilherme. Em seguida, a esposa faleceu e José Francisco casou-se com sua cunhada, Mariana Ribeiro do Amaral. Este último casal teve doze filhos: Maria Angélica (Maricas), Mariana (Marianica), Ricardo, Vicentina, América, Brasília, Virginia, que faleceu criança, Armando, Maria José (“Sinhá”), Alexandre (Juó Bananére, também chamado de “Sinhô”), Brasilina e Maria de Nazareth, que também faleceram.

¹⁴ Raimundo de Menezes, “Juó Bananére”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7/10/1948.

Alexandre R. M. Machado”¹⁵, foi como cronista que teve reconhecimento. A longa jornada pelos periódicos paulistas intercala-se com algumas incursões em textos teatrais pouco conhecidos¹⁶ e uma raríssima obra sobre arquitetura barroca chamada *Arquitetura Colonial no Brasil*. O livro, publicado após viagem a Minas Gerais, em 1917, não tem nenhuma catalogação tipográfica, sendo dificilmente encontrado.

Marcondes residiu na capital paulista até o fim de sua vida, falecendo em 22 de agosto de 1933¹⁷ de anemia perniciosa aos 41 anos. Foi casado com Diva Melo Barreto, que morre três anos após a morte de seu marido¹⁸.

¹⁵ Benedito Antunes, *Juó Bananére: as cartas d’abax’o pigues*, São Paulo: Unesp, 1998, p. 17.

¹⁶ Não encontramos, até o momento, nenhum estudo a respeito da atividade de Marcondes Machado como dramaturgo. Segundo Ana Paula Freitas de Andrade, o autor escreve as seguintes peças teatrais: *A guerra ítalo-turca – comédia em um acto*, 1913; *Sustenta a nota*, 1917 (em parceria com ANDRADE, E. e VAMPRÉ, D.); *Você vai ver*, 1917; *Aluga-se um quarto*, 1919 e “A ceia dos avacaggiado” que consta no livro *La Divina Incrência*, 2ª ed, 1916. Além destas, há aquela apresentada por Benedito Antunes, advertindo que, em 1913, escreve um monólogo, *Varredoro Municipalo*.

¹⁷ Luiz Franceschini, “Juó Bananére”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23/8/1933.

¹⁸ Cristina Fonseca, *Juó Bananére: o abuso em blague*, São Paulo: Editora 34, 2001, p. 24.

Juó Bananére

Como vimos, a personagem surge na revista *O Pirralho*, em 1911. Substituindo Annibale Scipione (pseudônimo de Oswald de Andrade), passa a colaborar regularmente na coluna.

Em 1912, Bananére divulga uma carta em *Gavroche*, declinando o convite do diretor Baby de Andrade para ser colaborador do periódico.

Em 1913, ainda em *O Pirralho*, inaugura folha independente, “O Rigalegio”, publicada até 9 de maio de 1914¹⁹. Neste mesmo ano de 1913, inspira-se na tradição do teatro paulistano, com personagens italianas de fala macarrônica e escreve um monólogo, *Varredoro Municipalo*. Segundo Benedito Antunes, a peça é representada na récita em prol da Igreja de Santa Cecília²⁰. Escreve ainda *A guerra ítalo-turca – comédia em um acto*.

A primeira edição de seu livro *La Divina Incrensa* é de 1915. E em dezembro deste ano, lança a revista *O Queixoso*, assinando a seção “Sempre Avanti...!!!”, com Voltolino.

Continua a escrever em *O Queixoso* até abril de 1916. Por pressões do governo, a revista é substituída por *A Vespa*, tendo apenas três edições²¹.

Mais tarde, em 1917, Juó Bananére volta às páginas de *O Pirralho*, em folha chamada “O Féxa”. Sua colaboração dura apenas sete edições, sendo a última em 27 de junho. Em maio, Alexandre Marcondes e Antônio Paes, com o pseudônimo Moacir Piza, juntam-se e distribuem o panfleto *Galabáro – libro di saniamiento suciali*²². A segunda incursão ao teatro, também nesse ano, é com Danton Vampré e Euclides de Andrade, escreve a peça *Você vai ver...* e a comédia *Sustenta a nota*, a qual é representada 58 vezes pela Companhia Arruda.

Juó Bananére volta à atividade em 1924, inaugurando a seção “A Grizia Política”, no

¹⁹ Andrade, op. cit., p.12.

²⁰ Antunes, op. cit., p. 27.

²¹ Andrade, op. cit., p. 21.

²² Carlos Eduardo Schmidt Capela, *A farsa como método: (a produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas O Pirralho, O Queixoso e a Vespa)*, Leuven: NE, 1996, p. 28. Dissertação de Mestrado.

jornal *O Estado de S. Paulo*, com uma série de oito artigos. Em 1926, Marcondes publica apenas um texto em *O Sacy* retirado de *La Divina Incrensa*. Também neste ano, *O Jornal*, de Assis Chateaubriand traz uma entrevista com Juó Bananére a respeito de Filippo Tommaso Marinetti²³.

Como dissemos, sua volta é a partir de 1927. No final de agosto, convidado a colaborar no *Diário Nacional*, publica seu primeiro texto na “Secção livre” do jornal. Em setembro, passa a assinar sua própria coluna, intitulada “Crônicas de Juó Bananére”. Escreve até março de 1931.

Já neste ano, o autor estava no jornal carioca *A Manhã*, que teve início em fevereiro e lança dois discos em que o próprio Alexandre Marcondes, imitando a fala de Bananére, declama, canta e discursa quatro textos de sua autoria²⁴, a saber: “Non fui ista a inrivoluçó che io sugné”, “O indigobrimto do Brazil”, “O lobo i o gorderigno” e “U cavagnac”²⁵.

Entre 1931 e 1932, continua a aparecer nas páginas de *A Manhã*. Durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, escreve para o *Jornal das Trincheiras*.

Em 1933, cria o *Diário do Abaxó Piques*, lançado em 3 de maio. Sendo seu fundador e diretor, publica 16 números.

As ausências de Bananére dos jornais serão comumente justificadas pela doença. Em *O Pirralho*, de 9 de janeiro de 1915, desculpa-se por duas semanas de omissão:

Minhos querito inleitore.

Mi sento primére di tutto inzina a coscenzia, a brigaçó di spricá p’rus signoros o motive che io non scrivi a migna preciada ingolaboraçó.

O motive fui che io a settimana passata mi dexê pigá una malattia indigraziata, gapaze di amatá un regimento di bersagliere intirigno.

²³ Andrade, op. cit., p. 24-26. No entanto, Ana Paula Freitas Andrade diz não ter localizado o texto em *O Jornal*, e a transcrição é feita a partir de *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Moraes, São Paulo: Companhia das Letras, 1984, p. 147-148.

²⁴ Andrade, op. cit., p. 27-29.

²⁵ Paula Ester Janovitch organizou material em CD ROM em que recuperou a gravação do discurso feito por Alexandre Marcondes, nele é possível ouvi-lo recitando o poema “Non fui ista a inrivoluçó che io sugné”. As faixas “U lobo i o gordeirigno” e “U cavagnac” estão na internet na página do Instituto Moreira Salles, no endereço: <<http://ims.uol.com.br>>, última visita em 13/01/2011.

Mi faceva a dolore na a gabeza, na as gosta, na a barrigula, na as gâmbia, i tambê inzima dus pé diretto i du dedo dus pé isquerdimo.

Intó io, che stavo nu migno saló alavorando, mi dexê pegá o garadura i fui s´imbora p´ra gaza mia.²⁶

No dia 16 de novembro de 1927, o *Diário Nacional* publica uma nota sobre isso:

Tendo enfermado ha alguns dias, o nosso collaborador sr. Juó Bananére deixou de nos enviar, ainda hoje, a crônica em que habitualmente commenta os acontecimentos do nosso mundo político. Todavia, esta semana não estarão os nossos leitores privados da sua leitura, pois o apreciado jornalista, já restabelecido, nos promete para sexta feira a sua colaboração.²⁷

Em janeiro de 1932, escreve apenas duas crônicas para o jornal *A Manhã* e mais uma em março do mesmo ano. Em 2 de abril, quando consegue retomar de fato a coluna, Juó Bananére fala novamente de sua “malattia”:

Io mi sento cumpretamente apenhorado co desinteresse chi voceis mostráro c’oa sospençó intemporaria da minha modesta ingollaboraçó literaria, io un povero barbiere desvalorizato, modesto, caf. Uff., dott, professore, membaro das Gademia Baolista di letteri, Gademia Brasiliere (gadera do o portiére), Gademia di Corte dona Xiquinha i varias otra, ecc. ecc. Ista sospenso porê fui independente da a migna voluntá. Fui u cauzo che io fiquei ammalato, aguardando u letto inzima da a gama faize quasi uno anno giá! Urtimamente as cosa pioraro e io tive da sospendê a attividado giurnalistiche, ma ricomincio oggi di nuovamente che io stô un poco migliore ma senza cumpremisso, perché se io apiorá di nuóvo io apáro otraveis.²⁸

Em 1933, ele torna a agradecer a atenção dos amigos devido ao seu estado de saúde:

U sigondo dovere suciali, chi io tegno da gumpri sô us mignos mais profundo engrandecimenti pelas disatençó chi us mignos amighio mi dispenzaro durante a migna longa amalattia.

Stive amalatto quazi duos anno i soffri pra burro! Ma, palavra di Deuse,

²⁶ Juó Bananére, “A mia malattia”, *O Pirralho*, SP, ano IV, nº 169, 9/1/1915.

²⁷ *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 108, 16/11/1927, p. 6.

²⁸ Juó Bananére, “Subblemento italiano - Organo Farcista”, *A Manhã*, RJ, ano IV, nº 13, 02/04/1932.

che io non temia tanto peccato assi da apagá!!²⁹.

Não há dados que comprovem a anemia perniciosa, doença de Alexandre Marcondes, como a verdadeira razão para esses afastamentos. Todavia, pareceu-nos importante apontar para a recorrência dessa justificativa nos periódicos.

²⁹ Juó Bananére, “Subblemento Italiano”, *A Manhã*, RJ, ano V, nº 2, 13/01/1933.

Fortuna Crítica

Debatendo mais especificamente da análise literária e menos da repercussão dos textos do cronista, veremos que os artigos “Uma voz da democracia paulista”³⁰ e “Juó Bananére”³¹, escritos respectivamente por Otto Maria Carpeaux e Alcântara Machado têm papel fundamental na fortuna crítica de Bananére.

Enquanto o primeiro abre a possibilidade de situá-lo no Modernismo, o segundo dá à Bananére elogios dignos de um cânone literário com sequências como “glória literária”, “há de ficar clássico”, ou “todos ficaram muito longe do autor da *Divina Incredula*”. Respeitados, eles são a voz final em quase todas as pesquisas posteriormente publicadas, sendo invariavelmente usados como alavanca para justificar os estudos. A citação repetitiva dos textos de Carpeaux e Alcântara Machado foi, aos poucos, instituindo-lhes um valor canônico dentro da própria crítica literária de Juó Bananére.

Carpeaux trata o barbeiro como *pseudônimo* de Alexandre Marcondes e Alcântara Machado atribui a ele características de *personagem* atestando que “com o tempo adquiriu vontade própria, conquistou sua independência, se libertou, firmou e desenvolveu sua personalidade, a impôs ao criador”³².

Em 1985, Mario Carelli decide colocar Bananére sob a ótica dos imigrantes, explicando como o contexto pode contribuir na construção da *personagem*. Alcântara Machado é outro escritor bastante citado, neste caso, para revelar a influência externa sobre a criação literária, porque sua obra também discute sobre os imigrantes italianos em território brasileiro³³.

Sylvia H. T. de Almeida Leite defende a tese de Doutorado *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas, rigalegios: a caricatura na literatura paulista (1900 – 1920)* em 1992. Na obra,

³⁰ Texto publicado primeiramente no *Diário de São Paulo*, 12/06/1955.

³¹ Texto em *Cavaquinho e Saxofone*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

³² Alcântara Machado, *Cavaquinho e Saxofone*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 255.

³³ Mario Carelli, *Carcamano e comendadores*, São Paulo: Ed. Ática, 1985.

ressalta a construção de Bananére tendo a linguagem como seu componente essencial. Sua proposta ao analisar “a composição de caricaturas na literatura de escritores paulistas cuja produção mais significativa foi empreendida entre 1900 e 1920”³⁴ esclarece como a caricatura de um barbeiro italiano adquire grande expressividade pelo uso do macarronismo. Trata Bananére como *pseudônimo* do autor, mas nota sua autonomia.

A biografia de Alexandre Marcondes recebe atenção na primeira pesquisa de Carlos Eduardo Capela, de 1996: *A farsa como método: (a produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas O Pirralho, O Queixoso e a Vespa)*. Além disso, traz os artigos publicados nessas revistas e analisa os mecanismos da sátira e da expressão macarrônica.

Já Benedito Antunes tem um olhar mais atento aos procedimentos textuais em sua tese de Doutorado *Juó Bananére: as cartas d’abax’o pigues*, também de 1996. Faz comentários sobre a dinâmica da ficcionalização de Bananére, seu universo, personagens, discussão sobre gênero, estrutura e modo de elaboração das pequenas narrativas contidas nas crônicas. É o primeiro a traçar um panorama como este. Examina os textos com outra perspectiva que não apenas a do comediante, dando-lhes uma amplitude mais literária. Destaca que a personagem mais completa deste conjunto é o próprio barbeiro e que “este universo de fantasia é organizado basicamente por um narrador onipresente, embora não-onisciente, que se mostra, durante todo o tempo, em busca de brilho e destaque”³⁵.

Um ano mais tarde, Maurício Martins do Carmo, em *Paulicéia scugliambada, paulicéia desvairada: Juó Bananére e a imagem do italiano na literatura brasileira*, retoma a temática do estrangeiro. Comparações com Alcântara Machado servem para discutir o estatuto literário, questionando as escolhas da canonização pelos estudiosos, visto que o assunto dos dois autores não seria tão divergente.

Ana Paula Freitas, em 1999, tenta abranger toda a participação de Bananére na imprensa durante os anos de 1911 a 1933. Não estão incluídos o livro *La Divina Incrénca*, pois foi reeditado algumas vezes, e as crônicas do *Jornal das Trincheiras*. Seu trabalho foi diversas vezes consultado por nós. Como anota a pesquisadora, pela sua extensão, não há a análise literária

³⁴ Sylvia H. T. de Almeida Leite, *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas, rigalegios: a caricatura na literatura paulista (1900 – 1920)*, São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1996, p. 13.

³⁵ Antunes, op. cit., p. 53.

desses textos. Há uma exposição inicial da figura de Bananére e seu percurso como escritor. Esse esforço colabora muito para a compreensão da produção do jornalista, possibilitando uma visão crítica perante os textos ao longo das décadas. Ao elencar cronologicamente suas participações, ela nos oferta um universo mais amplo, e algumas mudanças na personagem ficam mais aparentes.

Em 2000, Bananére é mostrado novamente como um produto da sociedade de São Paulo do início dos anos 20 por Nicolau Sevcenko³⁶. Para ele, esse narrador refletiria traços da comunidade italiana e do momento vivido por aquela cidade. Em estudo do mesmo ano, Saliba reafirma a hipótese ao dizer que a literatura de Bananére “funcionou como uma espécie de catalisador simbólico da Belle Epóque paulista e do seu convulsivo processo de metropolização”³⁷.

Em seguida, em 2001, Cristina Fonseca publica *Juó Bananére: o abuso em blague*, analisando textos de Bananére em *O Pirralho* e sua possível relação com o Modernismo brasileiro³⁸.

Somente em 2004 Wilma Vitalino elabora o mestrado sobre o *Diário do Abaix’o Piques*. É pioneira no sentido em que trabalha com um material completamente elaborado por Marcondes, formatado de acordo com as suas concepções. Vitalino indica as temáticas recorrentes, o modo de elaboração das crônicas e faz uma seleção de textos, exibindo uma pequena parte da discussão sobre esta outra fase do escritor. Neste momento, Bananére já não possuía o sucesso de outrora, mas o periódico representa uma faceta importante de um autor que ainda apostava no discurso macarrônico mesmo no ano de 1933, quando os italianos estavam mais adaptados.

Em 2005, na linha de discussão em que se lembra da figura do estrangeiro, Francisco Cláudio Alves Marques³⁹ retoma a proposta de Mario Carelli. Apropriando-se da mesma

³⁶ Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³⁷ Elias Thomé Saliba, *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Epóque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 175. Esse estudo foi tese de livre docência na Universidade de São Paulo, em 2000.

³⁸ Fonseca, op. cit..

³⁹ Francisco Cláudio Alves Marques, *O imigrante italiano em Juó Bananére e António de Alcântara Machado*:

comparação estabelecida pelo professor francês, Marques também comenta a obra de Alcântara Machado e Bananére tentando compreender a imagem do imigrante pela perspectiva dos dois autores.

A diversidade de opiniões sobre Bananére recebe a atenção do professor Carlos Eduardo Capela em seu segundo estudo, *Juó Bananére – Irrisor, irrisório*⁴⁰, de 2009, quando procura clarear e reorganizar o panorama literário em volta do poeta macarrônico. O livro conta com uma antologia do tempo de fama do autor.

Capela inicia comentando a demonstração deliberada de leitores e colegas de redação que escreviam aos jornais para mostrarem sua afeição ao narrador macarrônico. Anuncia, de antemão, que desde então Bananére era visto como de uma “posição inferior no quadro da cultura e literatura de seu tempo”⁴¹. Com um percurso cronológico, parte dos artigos publicados sobre o autor como os de Daniel Linguanotto, Raimundo de Menezes, Luiz Franceschini, Fernando Cerqueira Lemos ou Trajano Vieira, e chega aos estudos mais aprofundados como de Otto Maria Carpeaux, Mário Carelli, Elias Thomé Saliba, Cristina Fonseca e Benedito Antunes, para citar alguns nomes.

Ao percorrer detalhadamente essas pesquisas, Capela descortina alguns equívocos e conclusões precipitadas. Para ele, Bananére foi esquecido logo após sua morte, justificado pelo fato de seu único livro, *La Divina Increnca*, só ter sido reeditado em 1966, ou seja, 31 anos após o falecimento do escritor. Comenta que quando voltam a pensar sobre a personagem de Marcondes Machado, ela aparece como mera curiosidade e os estudos trazem muitas informações desconhecidas, as quais infelizmente seriam repetidas. Em sua opinião, Bananére será, mais tarde, colocado em relevo por dois autores: Brito Broca e Otto Maria Carpeaux, pois tentam aproximá-lo ou relacioná-lo ao Modernismo literário de 1922.

Esse intento, a seu ver, é decisivo para as análises posteriores. É a partir disto que os pesquisadores irão tirar algumas consequências. Uma delas, encontrada nos estudos de Cristina Fonseca e Maurício Martins do Carmo, é alçar a figura de Bananére ao panteão modernista, na

assimilação e (des)enraizamento social, São Paulo, FFLCH, USP, 2005. Dissertação de Mestrado.

⁴⁰ Carlos E. Capela, *Juó Bananére – Irrisor, Irrisório*, São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

⁴¹ Capela, op. cit. (2009), p. 56.

tentativa de canonizá-lo ou inseri-lo no campo literário erudito. Outras vezes, ele é agrupado aos outros cronistas humorísticos, de nível inferior, como é o caso dos estudos de Elias Thomé Saliba, Nicolau Sevcenko e Fernando Cerqueira Lemos, este último, baseado em entrevista com Décio Pignatari sobre o *Bananére*.

De maneira geral, excetuando-se a obra de Benedito Antunes, Capela se vê um pouco desapontado com os rumos das pesquisas e conclui: “Infelizmente, porém, parece que parte dos críticos e estudiosos do trabalho de Juó Bananére tem se revelado pouco atentos para pesquisas já realizadas”⁴².

Em seu percurso, Capela não menciona as dissertações de mestrado de Ana Paula Freitas de Andrade e de Wilma da Silva Vitalino.

Concordamos que as análises evidenciam algumas disparidades, mas poderíamos também apontar a recorrência de assuntos similares nas obras de estudo. Claramente, o período de êxito do autor é assunto de destaque. *O Pirralho* tem seu favoritismo em quase todas as pesquisas. É o que acontece com Elias Thomé Saliba, Sylvia de Almeida Leite, Vera Maria Chalmers, Maurício Martins do Carmo, Cristina Fonseca, Benedito Antunes, Mario Carelli e mesmo com Carlos Eduardo Capela, não obstante em sua segunda obra, discuta algumas passagens de *A Manhã*.

Em um exame mais metódico, observamos a repetição de alguns textos de Bananére nas pesquisas, em especial, das paródias. A mais citada é, sem dúvida, “Migna Terra”, baseada no poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, que recebe comentários de Maurício Martins do Carmo, Sylvia H. T. de Almeida Leite, Cristina Fonseca, Mario Carelli e Francisco Cláudio Alves Marques. São também populares para a crítica “Amore co Amore si Paga” (“Nel mezzo del camin...”) e “Uvi stella” (“Via Láctea XIII”), ambos de autoria original de Olavo Bilac; neste caso, analisados por Cristina Fonseca, Francisco Alves Marques e Maurício Martins do Carmo. Outros poemas muito mencionados, também paródias, são “As Pombigna”, “Os meus Otto Anno”, “Sunetto Crassico” e “O Lobo i o Gorderigno”. Essa redundância só vem a confirmar a

⁴² Capela, op. cit. (2009), p. 78.

conclusão de Capela.

Até onde pesquisamos, Capela é o único a mencionar a capacidade de sobrevivência do narrador por um longo período. Lembramos que mesmo em 1933, mais de 20 anos depois de sua estreia, o autor lança o jornal de Bananére.

Não podemos negar que a linguagem é o aspecto que lhe institui essa possibilidade, como defende Sylvia de Almeida Leite ao classificá-lo como caricatura verbal. Quando Voltolino morre, o narrador desprende-se de sua caricatura visual e passa a contar fortemente com a eficiência da sua língua macarrônica, facilmente identificável para os leitores de outrora.

Aparentemente aleatória, a criação da fala do barbeiro italiano gera debate entre os críticos. Em 1958, Carpeaux diz que a mistura de dialetos tem fins parodísticos e que “o verdadeiro macarronismo é uma técnica literária que foi antigamente usada em muitos países, sobretudo no século XVI e XVII na França, na Espanha e especialmente na Itália (...)”⁴³.

Para Capela, “Alexandre Marcondes Machado procurou manter-se ao menos até certo ponto fiel à linguagem e ao estilo oral dos imigrantes de São Paulo”⁴⁴. Mesmo posicionamento toma Mário Carelli: “Ele reproduz graficamente tudo o que capta foneticamente, usando tanto o código ortográfico português quanto o italiano”⁴⁵. Já Benedito Antunes defende a consciência da linguagem de Alexandre Marcondes afirmando ser ele “(...) dono de uma escrita correta e elegante. Esta qualidade, voluntariamente ou não, acaba contaminando seus textos macarrônicos (...)”⁴⁶.

Essa mesma linguagem dá origem ao paralelo entre Juó Bananére e Alcântara Machado, sendo esse, mais um ponto comum nas pesquisas. Retomando um juízo feito por Oswald de Andrade⁴⁷, Mario Carelli, Décio Pignatari e Elias Thomé Saliba acreditam que por seu caráter satírico, o barbeiro tenha sido relegado ao esquecimento, enquanto Alcântara Machado foi quem firmou a figura do imigrante italiano na literatura brasileira.

⁴³ Otto Maria Carpeaux, “Uma voz da democracia paulista”. In *Presenças*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958, p. 203.

⁴⁴ Capela, op. cit. (1996), p. 139.

⁴⁵ Carelli, op. cit., p. 119.

⁴⁶ Antunes, op. cit., p. 49.

⁴⁷ Oswald de Andrade, *Estética e Política*, org. Maria Eugenia Boaventura, São Paulo: Globo, 1992.

Como notamos, Bananére é tratado por Carpeaux como *pseudônimo* de Marcondes Machado. É assim que se referem a ele Elias Saliba, Sylvia de Almeida Leite, Wilma Vitalino e Cristina Fonseca.

Os 22 anos acompanhando uma mesma criação e a leitura mais atenta dos textos permitem assegurar, além da intimidade do autor com sua criação, a dimensão complexa atingida pela personagem; não configurando, portanto, um caso de pseudônimo. A elaboração, repleta de detalhes, não aconteceu de uma hora pra outra. Fruto de uma persistente construção, com traços específicos solidificados ao longo dos anos, a personagem mostra-se, mais tarde, pronta para seus leitores e fala menos sobre sua “vida” ou universo ficcional particular e mais sobre questões políticas da época.

Todas essas discussões culminam na dificuldade em situar Bananére no campo literário. Nas palavras de Capela, essa é uma das grandes questões para a crítica. Carpeaux coloca o narrador em uma categoria “na qual não tem companheiros”, de uma literatura menor. Mas continua, dizendo que “Juó pode ser considerado como precursor do modernismo, para o qual contribuiu, desmoralizando os deuses parnasianos”⁴⁸. A assertiva fica marcada na história da crítica de Bananére sendo retomada diversas vezes, como expusemos.

Mário Carelli questiona: “A produção de Bananére não é uniforme. As leituras feitas por seus contemporâneos também devem ser dissonantes. Qual é, afinal, sua intenção? E que significado atribuir à obra do jornalista macarrônico?”⁴⁹. Para concluir, mais adiante: “Numerosos testemunhos concordam com a enorme popularidade do autor de *La Divina Incrência*; em compensação, os críticos não sabem situá-lo dentro de um ponto de vista literário”⁵⁰.

Essa discussão parece ter por objetivo a escolha de um lugar para o narrador macarrônico em algum campo da literatura brasileira. Seria modernista? Futurista? Ou poderíamos dizer, equivocadamente, “pré-modernista”? A lista para caracterizar a personagem é vasta: anárquica, irreverente, versátil, indefinida, contraditória, volúvel, histriônica, barulhenta, popular,

⁴⁸ Carpeaux, op. cit., p. 200 - 201.

⁴⁹ Carelli, op. cit., p. 111.

⁵⁰ Carelli, op. cit., p. 118.

deformante, cômica, subversiva, lúdica, impagável, debochada, demolidora, múltipla, entre tantas outras. Isso mostra, no mínimo, a dificuldade para classificá-lo.

Maurício do Carmo opta por voltar-se para um questionamento dos limites impostos pela tradição literária e suas compartimentações, pedindo que desentorem as obras esquecidas, procurando o que elas podem nos oferecer para um entendimento maior do campo literário. Protesta, por exemplo, por qual razão as *Cartas Chilenas*, “produção satírica também relacionada a circunstâncias particularíssimas de Minas Gerais ao final dos Setecentos” recebeu mais atenção da crítica que os poemas debochados de Bananére.

Francisco Marques aponta para as “tendências regionalizantes” vinculadas ao fenômeno migratório. Apoiado em Wilson Martins, entende o regionalismo de Bananére como urbano, da grande cidade industrial, marcada pela entrada de imigrantes italianos.

Cristina Fonseca vê o poeta como “antropófago dadá” e cubista. Para a autora, Bananére é “o único artista dadá do Modernismo no Brasil” e sua atuação na literatura só é comparável a Gregório de Matos e ao próprio Oswald de Andrade. Segundo ela, o poeta-barbeiro “já havia percebido que a revolução estética só chegaria com um verdadeiro recomeço”⁵¹ e notou isto antes mesmo dos dadaístas europeus. Estas afirmações receberam fortes críticas de Capela.

Obviamente, ela toma como única marca de Bananére características que eram, na verdade, procedimentos comuns para a imprensa humorística da década de 1910. Paula Ester Janovitch em seu *Preso por Trocadilho* procura mapear esses escritores e suas crônicas de narrativa irreverente, revelando como estão imersos em conjunturas específicas. Ou seja, tendo influência direta das revistas francesas, a imprensa ilustrada paulistana vê o início da “possibilidade de novos métodos de composição gráfica, assim como a variedade de temas retirados do próprio viver urbano”⁵². É desse fenômeno que nasce uma imprensa galhofeira e altamente crítica.

Bananére não era único em seu meio. Em 1908, por exemplo, Luigi Capalunga, já tinha coluna fixa em *A Ronda*, com “Bilhetes do Bom Retiro”, escritos com macarronismo italiano, narrando acontecimentos sob a ótica de imigrantes estabelecidos em São Paulo. Também os

⁵¹ Fonseca, op. cit., p. 85.

⁵² Paula Ester Janovitch, *Preso por Trocadilho*, Alameda: São Paulo, 2006, p. 94.

alemães, eram explorados nessa imprensa. Em 1909, o semanário *O Bicho*, trazia o colaborador Franz Büller, de “*Xoifille (Zandas Gadarrima)*”, com uma coluna “estropiada” sob o título “correspondência de Santa Catharina”⁵³. Ou seja, Bananére não foi pioneiro neste tipo de produção.

Ainda sobre essa discussão, Ana Paula Freitas pontua que “a proximidade com as vanguardas literárias e sua posterior não filiação ao Modernismo encontram assim, uma justificativa na própria tipologia da personagem, no que ela tem de indefinido, contraditório e mutante”⁵⁴. Na mesma linha está Wilma Vitalino ao defender que

uma vez que sua obra, partindo da própria linguagem, absolutamente anárquica, questionava tudo o que fosse estabelecido ou programático, não poderia se aliar a um movimento tão pleno de manifestos e receitas, como foi o nosso Modernismo⁵⁵.

Apesar de as duas pesquisadoras simplesmente afastarem Bananére do movimento de 22, sem elaborar mais profundamente a questão, Capela atenta para um fato relevante: as sátiras e paródias elaboradas pelo autor no começo de sua carreira são estranhas à ótica modernista – “Isso porque a ideia de Modernismo inexistente no universo textual composto em torno e a partir de Juó Bananére”. Nem mesmo o futurismo, diversas vezes mencionado em seus textos pode ser tratado como índice modernista, porque “funciona como mais uma motivação para o exercício criativo do escritor macarrônico”⁵⁶; esse processo seria análogo ao que Bananére faria com teorias científicas, fatos policiais, canções, poemas etc.

Para Benedito Antunes, mesmo sendo amigo próximo de um dos mentores do movimento modernista no Brasil, Oswald de Andrade, o engenheiro “comporta-se como alguém que não se entusiasma com os modismos e não se envolve com a literatura oficial, acadêmica, e nem mesmo

⁵³ Janovitch, op. cit., p. 171-175.

⁵⁴ Andrade, op. cit., p. 16.

⁵⁵ Vitalino, op. cit., p. 10.

⁵⁶ Capela, op.cit. (2009), p. 60.

com a vanguarda”⁵⁷. Antes disso, o autor conjectura: “É possível que não se levasse a sério”⁵⁸. Concordando com o autor de *Juó Bananére: as cartas d’Abaxo Piques*, Capela também admite que o caráter excessivamente cômico tenha possivelmente afastado Bananére da crítica.

Em documentário, Elias Thomé Saliba, assinala que Juó Bananére é deixado à margem da história da cultura paulista porque após a Revolução Constitucionalista de 1932, “ele continua apostando na pluralidade, ele continua apostando no registro anárquico, ele continua apostando num registro que não é o registro da unidade”⁵⁹. Para ele, a desordem de seu lirismo iria contra os anseios de construção e da pretensa ordem de identidade que São Paulo buscava.

Parte interessante dessa discussão é que ao indagar sobre essa dificuldade de inserir Bananére nas vanguardas e movimentos da literatura brasileira, os autores acabam por reforçar a questão.

Com o conceito de campo literário, formulado por Pierre Bourdieu entenderemos que este “sistema”, como postula o autor, é inerente a outras questões sociais e culturais e não há nele um acordo objetivo, mas sim uma aposta de conflito permanente.

Assim, diz Bourdieu, o campo literário se constitui cada vez menos pelo trabalho do artista. Antes, põe em jogo todos os membros que dele participam, ou seja, as obras, os críticos, os colecionadores, os intermediários e todos que tenham qualquer ligação com a arte. Colocados em embate, eles têm como aposta a definição do sentido e do valor da obra de arte, colaborando, por consequência, na produção do valor da arte e do artista⁶⁰.

O processo pelo qual a obra de Bananére passa, nada mais faz que comprovar a teoria do filósofo, mostrando como a crítica é responsável por atribuir o estatuto de literário a um autor ou obra. Neste terreno de decisões constantemente reverificadas, temos enganos e acertos.

No impulso de reavaliar o percurso literário de Bananére, o pesquisador deve contar com essas variações, percebendo se o escritor tem ou não alguma qualidade literária, a depender,

⁵⁷ Antunes, op. cit., p. 73.

⁵⁸ Antunes, op. cit., p. 29.

⁵⁹ “São Paulo de Juó Bananére” (1998), de João Cláudio de Sena.

⁶⁰ Pierre Bourdieu, trad. MACHADO, Maria Lucia. *As Regras da Arte*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 330.

principalmente, das perspectivas escolhidas para a discussão. A semelhança das pesquisas pode ser entendida também por esse viés – além de esses estudos serem concomitantes, o que impediu um confronto maior foi o fato de a escolha da metodologia e estratégia adotada pelos estudiosos serem similares.

Podemos supor que, no final de sua carreira, Juó Bananére era visto como uma figura estável nos meios culturais e jornalísticos. Segundo Ana Paula Freitas, ele foi “convidado” a escrever para o *Diário Nacional*. Ver como se deu o processo de manutenção dessa figura ítalo-paulista na imprensa colabora para compreendermos a dimensão atingida pela personagem de Alexandre Marcondes, possibilitando descobrir outras táticas para a apreensão de seu texto. Sua produção posterior ainda é um filão pouco explorado pelos pesquisadores. Os textos publicados em *O Estado de S. Paulo* (1924), *A Manhã* (1926 – 1933), *Diário Nacional* (1927 – 1932) e *Jornal das Trincheiras* (1932) não recebem mais que rápidas menções nos estudos. Este último não é ainda conhecido. Uma futura análise comparativa entre os textos do jovem Bananére e outro mais experiente será um importante auxílio para sua fortuna crítica, em especial no que concerne o processo de modificações da personagem.

Como afirma Capela, não adiantaria tentarmos inserir Bananére em uma categoria a qual ele não pertenceu de fato, ou seja, a de escritor modernista. Sua classificação não é o ponto mais relevante de nossa discussão, mas sim sua presença insistente em um período que já não lhe parecia conveniente. Bananére talvez tenha sido deixado de lado, não pelo seu estilo bufo, pois é o humor que fornece as bases para a manutenção dessa personagem, mas pela assinalada historicidade de sua obra, marca do gênero cronístico. O caráter cômico é, aliás, o que proporciona o registro dessa personagem.

Isso quer dizer que “não podemos exigir da crônica funções específicas de outros gêneros”⁶¹. Sua produção deve ser relida cuidadosamente para encontrarmos nela “a espessura de texto literário”⁶², ou seja, aquilo que os textos contêm de “residual”, buscando a recorrência das mesmas constantes que nos apresentem certa unidade de sua obra literária⁶³.

⁶¹ Jorge de Sá, *A crônica*, São Paulo: Ática, 1985, p. 87.

⁶² Davi Arrigucci Junior, “Fragmentos sobre crônica”, In: *Enigma e comentário*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶³ Moisés, op. cit., p. 332.

Retorno de Juó Bananére

Os textos dos três periódicos aqui estudados não oferecem propriamente um conjunto narrativo, embora, algumas vezes, dialoguem entre si. O caráter seriado, inerente aos jornais, dificulta a composição de uma narrativa geral mais complexa. Contudo, como iremos apontar, existem sequências em que propositadamente o narrador discorre sobre um mesmo assunto, elegendo como trama um acontecimento em pauta no momento.

Bananére transita em terreno híbrido, entre literatura e jornalismo, características próprias da crônica, somadas ao tom fortemente humorístico. Roncari, ao escrever sobre isso, menciona que os temas nascerão quase sempre de “um diálogo estreito com as notícias diárias”⁶⁴. Tida como gênero heterogêneo e flexível “usa e abusa da variedade dos pequenos gêneros, dos simples aos mais complexos”⁶⁵, como Bananére lança mão de narrativas, cartas, poemas, diálogos, discursos, manifestos, receitas, bilhetes, telegramas ou entrevistas.

Para Davi Arrigucci Jr., esse tipo de registro submete-se “aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna”⁶⁶. Para Antonio Cândido ocorre sempre em um sistema jornalístico, ou seja, um veículo transitório, de publicação efêmera, sem grandes pretensões literárias, descompromissado, buscando mais a diversão que a informação. Acrescenta também que tem quase sempre humor⁶⁷; como sabemos, elemento constante em nosso autor.

O humor, como a crônica, parte da observação da realidade. Nas palavras de Massaud Moisés é uma “modalidade literária sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo, a crônica sobrevive quando logra desentranhar o perene da sucessão anódina de acontecimentos diários e

⁶⁴ Luiz Roncari, “A estampa da rotativa na crônica literária”. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46. n. ¼, jan-dez, 1985, p. 13.

⁶⁵ idem, p. 14.

⁶⁶ Arrigucci Junior, op. cit., p. 53.

⁶⁷ Antonio Candido, “A vida ao rés-do-chão”, In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas, SP, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp: Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 14.

graças aos recursos de linguagem do prosador”⁶⁸. O presente, portanto, é sua matéria, o texto registra o circunstancial.

Essas particularidades são as que mais contribuem para certo esquecimento do autor. “É que um poema enterrado no jornal, pelo fato mesmo de não conhecer o destino do livro, parece fadado ao mesmo esquecimento que cerca os artigos, editoriais, etc.”⁶⁹ Ainda segundo Massaud Moisés, a crônica ganha consideração dos críticos apenas quando conhece a forma de livro. Lembramos que o único publicado por Bananére foi uma seleção de textos retirados de *O Pirralho*, em 1910.

Embora sua voz seja dada a um imigrante, Bananére falou tanto para os italianos quanto para os paulistas. Contudo, se em 1910 os estrangeiros estavam ainda se incorporando ao solo e cultura brasileiros, em 1927, já estavam mais adaptados à vida paulista.

Em 1920, a população analfabeta do Brasil era de 76%. No estado de São Paulo essa taxa caía para 70% porque na capital paulista chegava a 46%⁷⁰. Sampaio Dória, alagoano membro da elite paulistana, procurou tornar o ensino obrigatório em São Paulo, criou grande número de escolas rurais e modernizou os métodos pedagógicos, procurando resolver o grave problema do analfabetismo no Brasil. Houve reformas similares no Ceará, em 1924, em Minas, em 1927 e no então Distrito Federal, em 1928. Segundo Antonio Candido, tais melhoras “visavam a renovação pedagógica consubstanciada na designação de “escola nova”, que representava posição avançada no liberalismo educacional”⁷¹. Havia em São Paulo, portanto, um grande número de potenciais leitores de jornais, ou seja, uma população bem informada.

Fica claro que os jornais tinham certa relevância, não apenas porque contribuía para circular informação como durante a guerra civil de 1932, mas também pela sua colaboração na

⁶⁸ Massaud Moisés, *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo: Cultrix, 2004. (verbete crônica)

⁶⁹ Moisés, op. cit. (1985), p. 248.

⁷⁰ Esses dados são retirados da obra de Paula Ester Janovitch, op. cit., p. 17.

⁷¹ Antonio Candido, *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987, p. 183.

construção da imagem de São Paulo perante os leitores.

Brito Broca assinala ainda outro papel fundamental dos periódicos, constatando que a imprensa tinha forte relação com a literatura, proporcionando oportunidade aos autores de praticar suas atividades de escritor. Para ele, seria “injusto negar o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira”⁷². Essa literatura tinha certo caráter político, pois usava a palavra também como arma para persuasão, isso acontece mais declaradamente no *DN* e no *Jornal das Trincheiras*, por exemplo. Este indicador é fundamental para entendermos a função de Bananére nestes periódicos, estabelecida de acordo com as propostas políticas e sociais do jornal e do momento.

Entre os anos de 1887 e 1930, dos cerca de 3,8 milhões de estrangeiros que entraram no Brasil, 35,5% deles eram italianos. Da população total paulista, 9% eram italianos⁷³. A cidade de São Paulo em 1890 tinha pouco menos de 65 mil habitantes, mas em 1920 esse número subiu para bem perto de 580 mil⁷⁴. Segundo Darcy Ribeiro, o Brasil de 1920 contava com 2 milhões de imigrantes europeus, e São Paulo era, provavelmente, a cidade brasileira que mais falava italiano⁷⁵. Neste ano, cerca de dois terços da população total paulista era constituída de imigrantes estrangeiros e de seus filhos⁷⁶.

Para Francisco Alves Marques, a presença dos italianos não era vista com bons olhos, e é a partir desse mal estar que se desenvolve

uma imagem preconceituosa dos italianos - a figura do carcamano -, que destaca a suposta ignorância, falta de polidez e de honestidade do imigrante, estereótipos e preconceitos muitas vezes reforçados tanto pela literatura oficial como pela

⁷² Brito Broca, *A vida literária no Brasil: 1900*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 286.

⁷³ Bóris Fausto, *História do Brasil*, São Paulo: EDUSP, 2000, p. 279.

⁷⁴ Zuleika Maria Forcione Alvim, “O Brasil italiano (1880 – 1920)”. In: *Fazer a América*. (org. Boris Fausto) São Paulo: Edusp, 2000, p. 404.

⁷⁵ Darcy Ribeiro, *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*, Rio de Janeiro, Guanabara Dois, 1986, p. 438.

⁷⁶ Boris Fausto, “Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo” in *Imigração política em São Paulo*, São Paulo: Editora Sumaré, 1995, p. 11.

produção humorística da “Belle Epóque”⁷⁷.

Sobre esse preconceito em São Paulo, Boris Fausto afirma que os objetivos principais da Liga Nacionalista – o da moralização dos costumes por intermédio da educação popular e do voto secreto – estavam relacionados com o problema do imigrante. Segundo a Liga, fundada em 1916 e fechada em 1924 por causa da conivência com os revolucionários tenentistas, os dois grandes perigos enfrentados pelo país eram “os imigrantes e seus filhos, muitos deles analfabetos, que se sentiam ligados a países estrangeiros; e aqueles brasileiros empolgados por sentimentos que não eram o sentimento nacional”⁷⁸.

Fausto refere-se ainda a Júlio de Mesquita Filho, diretor de *O Estado de S. Paulo* a partir de 1927, segundo o qual o estrangeiro, movido por interesses exclusivamente materiais, não se integrava na nacionalidade; tal desinteresse pela vida política aumentava na razão direta dos seus lucros e, logo, mais calamitosa se tornava sua influência sobre o brasileiro nato. Porém, a “toxina africana”, incapaz de participar da nova fase de atividades do país, estava sendo removida pelo imigrante em algumas regiões, fato considerado um aspecto positivo pelo jornalista⁷⁹. Na área educacional, as escolas bilíngues controladas pelos estrangeiros não eram bem vistas. Já Sampaio Dória não caracterizava o imigrante como agitador carente, mas, como Mesquita, via sua presença como ameaça à integração nacional; afirmava ser a alfabetização a única forma de assimilar o estrangeiro que aqui buscava “fortuna esquiva, Do contrário, é o nacional que desaparecerá absorvido pela inteligência mais culta dos imigrantes.”⁸⁰

Não havia necessariamente uma separação de interesses entre os imigrados e os paulistas, existiam, na verdade, grupos políticos fechados, mas que rapidamente perceberam a necessidade de se aproximar. Este elo estava cada vez mais forte e se acentua no momento da Revolução de 1932. A inserção dos estrangeiros no campo político dava-se primeiramente no âmbito municipal e progredia aos poucos.

⁷⁷ Marques, op. cit., p. 20-21.

⁷⁸ Boris Fausto, op. cit. (1995), p. 14 e 15.

⁷⁹ Boris Fausto, op. cit. (1995), p. 16.

⁸⁰ Boris Fausto, op. cit. (1995), p. 17.

Os dois maiores partidos políticos paulistas, o PRP e o PD, encaravam o imigrante de modo diverso. O PRP, por conta de sua visão pragmática, apoiou-se nos imigrantes e defendeu-os das críticas dos nacionalistas, condenou os ataques aos seus jornais. A engrenagem partidária os colocava, então, em cargos mais modestos, tais como integrantes de diretórios inexpressivos, cabos eleitorais, etc. Assim, por exemplo, um italiano, José Molinaro, de quem falaremos adiante, foi um dos chefes políticos no Bom Retiro.

O PD, constituído por muitos empresários estrangeiros, era visto como um partido xenófobo⁸¹, mas também precisava dar espaço para esses cidadãos, para que esta imagem se alterasse. Os setores da classe média, do comércio, da indústria e muitos imigrantes, voltavam-se para esta agremiação, por verem aí a única alternativa de se opor ao governo.

Os dois partidos eram representantes da “elite tradicional” e, em ambos, os imigrantes tinham reduzido nível de decisão, embora no interior do estado, imigrantes e descendentes filiados ao Partido Democrático chegassem a ocupar cargos de alguma projeção na política local.

Era claro, portanto, que esses estrangeiros se tornassem importantes nos conchavos da política paulista, não podendo ser ignorados. Eles teriam de participar dos trâmites políticos e não funcionarem simplesmente como instrumentos para fraudar eleições, como costumeiramente acontecia já havia muito tempo pelas máquinas do PRP.

A relação entre estrangeiros e paulistas é complexa e necessita cuidado ao ser analisada, em especial, quando figuras como o carcamano ou o ítalo-paulista são vistos sob a ótica do teatro popular, da imprensa e da literatura.

Como afirma Fausto, a hostilidade aos imigrantes na Primeira República não deve ser exagerada; eles eram em grande número e estavam de tal forma arraigados na sociedade que dificilmente poderiam ser atingidos profundamente. A resistência provinha da Faculdade de Direito, da Liga Nacionalista, de *O Estado de São Paulo* e do Partido Democrático. O PRP, no poder, defendia os imigrantes, como dissemos, e suas lideranças, por intermédio do Correio Paulistano, “demonstraram, como bons oligarcas autoritários, franca simpatia pelo regime de

⁸¹ Como nos adverte Maria Lígia Coelho Prado apoiada em texto de Boris Fausto em que ele aborda especificamente a Revolução de 1930 e utiliza o *Diário Nacional* para confirmar suas premissas. Trata-se de *A Revolução de 1930 – Historiografia e história*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1975.

Mussolini”⁸².

Após a independência, a imigração foi fraca, principalmente pelo tráfico africano ser a opção mais econômica para o suprimento de mão de obra nas fazendas. Não obstante, com a extinção definitiva do tráfico depois de 1850, ocorre a retomada do processo de imigração. A perspectiva cada vez mais favorável do mercado internacional para o café a partir de 1870, provoca a expansão da cultura do produto – que foi ainda favorecida pela abertura de fazendas em terras férteis de São Paulo. Desse modo, a solução do problema do povoamento vai sendo gradualmente substituído pelo atendimento às necessidades de mão de obra pelos proprietários rurais; a partir de 1885 a “colonização” é totalmente abandonada⁸³.

A urgência do abastecimento da mão de obra faz que se organize na Europa um sistema oficial de propaganda para o recrutamento, por meio da “imigração subvencionada” de trabalhadores que serão destinados diretamente aos grandes proprietários rurais, tendo o estrangeiro sua viagem paga até o seu lugar de destino. Mas, essa forma de imigração era, no fundo, uma compra de trabalhadores com “muitos pontos de semelhança com o antigo e extinto tráfico africano que ele viera substituir”⁸⁴.

Márcia Mascarenhas Camargo descreve sobre a incapacidade do estado de absorver economicamente essas levas de trabalhadores na agricultura durante o processo de industrialização, fazendo os excedentes do campo irem para a cidade, onde pairava um estado de desemprego e subemprego crônico, surgindo, entre o proletariado, um mercado informal e diversos tipos de profissões autônomas⁸⁵.

Além de trabalharem em fábricas, os italianos da cidade empregavam-se em bares e restaurantes, trabalhavam como jornaleiros, engraxates, vendedores de frutas, peixes, reparadores de objetos domésticos e muitos tinham seu próprio estabelecimento comercial: relojoeiros,

⁸² Boris Fausto, op. cit. (1995), p. 18.

⁸³ Ver Caio Prado Junior, *Evolução política do Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1975.

⁸⁴ Caio Prado Junior, op. cit., p. 240.

⁸⁵ A obra de Márcia Mascarenhas, *A Villa Kyrial e o imaginário da Belle Epoque paulistana*, São Paulo, FFLCH, USP, 1999 (Tese de Doutorado), fornece dados interessantes a respeito da São Paulo dos séculos XIX e XX. Partindo da ótica do senador, professor e poeta Freitas Valle, a autora discorre sobre diversas características da cidade como hábitos e costumes, arquitetura, encontros culturais nos salões, projetos educacionais e relações políticas.

sapateiros, alfaiates, fotógrafos, e muitos outros⁸⁶. Iam parar nas regiões do Bixiga, ali conseguiam, de certa forma, prosperar. Estavam próximos do centro da cidade, da rua da Consolação e da Paulista, onde moravam os barões do café. Muitos ficaram no Largo do Piques, atual Praça da Bandeira⁸⁷. Este será o local de trabalho e residência de Bananére, um barbeiro entre os vários italianos que se estabeleceram no ramo.

Vale também assinalar a interferência dos imigrantes letrados, artistas que contribuíram para o universo cultural brasileiro. Como adverte Maria Eugenia Boaventura, em *A Vanguarda Antropofágica*, “a presença do imigrante atuou no plano material e no cultural. Há que se registrar a ação do artista imigrante que agiu diretamente no panorama da arte plástica brasileira no início do século – Brecheret e Lasar Segall”.⁸⁸

No começo do século XX, observamos grande atividade jornalística estrangeira em São Paulo. Os imigrantes liam seus próprios jornais, nas suas próprias línguas. Assim, tínhamos o jornal japonês, *Nabei* ou *Nabei Shuho* (1916), o espanhol *O Socialista* (1896), o português *Echo Portuguez* (1896), e o alemão *Germânia* (1878)⁸⁹, para citar alguns exemplos. Os italianos também contribuíram para o jornalismo brasileiro, basta lembrar as folhas *Fanfulla* (1893), de Vitaliano Rosselini, *La Battaglia* (1904), de Oreste Ristori, *Barricada* (1901), de Gigi Damiani e *Avanti* (1900), de Antonio Picarollo⁹⁰.

Com o advento do rádio na década de 20 surgiram, principalmente na década de 30, programas de músicas italianas, japonesas e árabes falados na própria língua e programas cômicos em linguagem macarrônica como o de Zé Fidélis e Nhô Totico. O próprio Alexandre Marcondes, como dissemos, gravou discos narrados como Bananére.

⁸⁶ Alvim, op. cit., p. 414.

⁸⁷ Informações retiradas do livro de Júlio Moreno, *Memórias de Armandinho do Bixiga*, São Paulo: SENAC, 1996, em que Armando, fundador do Museu do Bixiga, retoma a chegada de seus avós ao Brasil.

⁸⁸ Maria Eugenia Boaventura, *A vanguarda antropofágica*, São Paulo: Editora Ática, 1980, p. 14.

⁸⁹ Camila Escudero e Nayara Teixeira, *Quando a imprensa imigrantes de São Paulo se tornou alternativa*. In: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007 da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, publicado em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0101-1.pdf>>

⁹⁰ Luis Alberto De Boni (org.), *A presença Italiana no Brasil*, Porto Alegre: Torino: Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

Com esses dados, queremos mostrar que os imigrantes vindos da Itália transformaram completamente a fisionomia urbana, a estrutura econômica, as relações sociais e até mesmo a vida cultural da cidade de São Paulo, com seus costumes e hábitos alimentares, por exemplo.

Na capital de São Paulo, o número de imigrantes italianos e a ativa participação destes na vida da cidade justificam o fato de Alexandre Marcondes adotar o macarrônico como linguagem para fazer suas crônicas. Para Boris Fausto, é através da fala ítalo-brasileira que se abrirá “o caminho das percepções que a elite letrada teve do imigrante”, combinando atração e ironia⁹¹. Bananére será a representação do imigrante italiano politizado.

Sua figura, todavia, não evidencia um possível racismo de Marcondes. Conquanto escrevesse em jornais hostis ao estrangeiro (*DN* e *OESP*), nos quais teria possibilidades amplas de depreciar o imigrante, Bananére não é caracterizado como um italiano ignorante e um barbeiro desonesto; pelo contrário, desperta a simpatia do leitor, discorre com propriedade sobre os assuntos relevantes do momento, é um arguto observador das relações sociais, principalmente da política e não mostra qualquer tipo de preconceito contra as demais categorias de imigrantes e seus descendentes estrangeiros – ou pelo menos, italianos – residentes em São Paulo. Sua críticas a Menotti del Picchia, filho de italianos, não tem caráter racial, como se verá quando analisarmos os artigos. E, mesmo no caso do Major Molinaro não se refere à sua condição de imigrante italiano, mas à fraude eleitoral da qual supostamente participava.

Intó, nu die das inleçó io piguê uma cédula du Amarrei, butei n'un velope du guvernimo i fui p'ru Bó Ritiro.

Xiguê lá i fique sperano axamá u migno nomino. Assi chi xamáro: Juó Bananére! io si prossimeí, scrivi u migno nomino inzima do o livro i tire o migno voto do o borso p'ra butá na urnima. Inguanto isto, aquillo indisgraziato do o Molinaro pigô um voto du guvernimo i abutô nu buracco da a urna i quano io fui abuta u mio, illo dissi: - Non pricisa io já butê p'ra vucê!

Ma che s'invirgonha! Mi fiz, avutá co guvernimo sê quirê!⁹²

⁹¹ Boris Fausto, *Historiografia da Imigração para São Paulo*, São Paulo: Editora Sumaré, 1991, p. 40.

⁹² Juó Bananére, “O voto secreto”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 90, 26/10/1927.

O léxico do macarrônico de Bananére não tem regras disciplinadoras, isto é, não permite a organização de um “dicionário de Juó Bananére”, porque, em um único texto, a mesma palavra é escrita em mais de uma forma como, por exemplo, “bilezza” e “bileza”. Outros vocábulos ou expressões são dificilmente traduzíveis para o português, como “abstrusse” ou “largo idimo”. Mas, a despeito dessa anarquia da escrita, podemos deduzir que sua linguagem é a de um italiano do sul. Alguns termos por ele empregados, como “Ingoppa”, “nisciuno”, “guaglió”, “Ru” (no nome próprio Franguinho Ru Bixiga, sobrinho de Bananére) sugerem a ascendência napolitana da sua família. A farsa criada pelo autor revela-nos seu conhecimento amplo tanto do idioma nacional como do italiano, sendo o recurso mais comum a deformação a partir do português. De onde deflagramos mais um de seus aspectos contraditórios: é preciso conhecer a língua para “falar errado”.

Em *A Manha*, em suposta carta enviada a Getúlio Vargas, Bananére manifesta sua opinião sobre “o uso da ortogaffia moderna inzima das scuola, dus vrio i dus giornale” e declara a autoridade sobre sua linguagem:

Nu causo particulareda língua ufficiale du Abax’o Piques, o signore no se metta, perché aqui chi manda sono io. Fui io che inventê a língua, i a grammatiga sô io, a Gademia sô io, i sô só io chi sê quano é p’ra dobrá i quano é chi é p’ra non dobrá as letra. Na língua du Abax’o Piques, o Xeffe da Dentadura só io!⁹³

O *Aurélio* assim define “macarrônico”: “Diz-se do gênero irônico de poesia ou prosa em que à língua original se adicionam, burlescamente, palavras latinas ou de outra língua”. No *Houaiss*, o vocábulo é definido como “falado e/ou escrito de forma errada e imprópria (diz-se de idioma) (...) pouco sério, que tem caráter de paródia; burlesco”.

Pelo fato de ser macarrônica, portanto, a linguagem de Bananére já é irônica em si mesma. Massaud Moisés no verbete “ironia” do *Dicionário de termos literários* cita Vladimir Jankélévitch: “a ironia não quer que se acredite nela, mas que seja compreendida, interpretada”⁹⁴,

⁹³ Juó Bananére, “Suprimento Intaliano”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 31, 12/08/1933.

⁹⁴ Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004.

ou seja, diz-se o contrário do que pensa, mas com elementos ao leitor para ser entendido. Segundo D. C. Muecke, o traço básico está no contraste entre uma realidade e uma aparência⁹⁵. Deste modo, estabelece uma dualidade, um embate entre o enunciado de um pensamento e o seu conteúdo. “Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato”⁹⁶. Northop Frye define a principal diferença entre ironia e sátira, esta última é ironia militante⁹⁷.

A mesma ambiguidade também permanece no sarcasmo, o qual ocorre quando a ideia escondida no texto adquire forma grosseira e violenta tornando-se direta e compreensível por aquele a quem se dirige. Ou seja, a primeira se utiliza da dualidade para perturbar o interlocutor, enquanto no segundo serve para destruí-lo.

Massaud cita o pensamento de Philippe Hamon, para quem “a complexidade da comunicação irônica em literatura simboliza exemplarmente a própria complexidade da literatura em geral”⁹⁸.

Na maior parte dos artigos de Bananére a ironia é detectada de imediato e parece feita para ser digerida sem grande esforço interpretativo. Mas em outros casos, isso já não ocorre. Como veremos nas análises das crônicas no *Diário Nacional*, em *A Manhã* e no *Jornal das Trincheiras*, alguns textos admitem várias interpretações, sem excluir até mesmo as conflitantes. A própria natureza do texto irônico, como vimos, traz embutida essa dificuldade, que é a mesma da própria literatura. Os aspectos apontados justificam a dificuldade enfrentada pelo leitor de distinguir com precisão qual determinada parcela da crônica, ou até a sua totalidade, pode ser considerada no sentido literal ou quanto pode ser considerada o seu oposto.

Se nas suas obras Bananére demonstrasse alguma coerência – política, por exemplo – ainda assim a deliberação de um sentido para a crônica seria penosa. Mas, ele ora norteia e ora desnorteia o leitor por ser um narrador inconstante que se contradiz o tempo todo, muda de

⁹⁵ D. C. Muecke, *Ironia e o irônico*. Trad. SOUZA, Geraldo Gerson. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Coleção Debates).

⁹⁶ Moisés, op. cit. (2004).

⁹⁷ Northop Frye, “O Mythos do Inverno: a ironia e a sátira”, Trad. RAMOS, Péricles Eugenio da Silva. In: *Anatomia da Crítica*, São Paulo: Cultrix, 1957, p. 219.

⁹⁸ Moisés, op. cit. (2004).

posicionamento, faz propaganda de partidos e depois os recrimina, tem diversas profissões etc. Como consequência, o leitor enfrenta um duplo problema – o da dualidade inerente à ironia e o da volatilidade das ideias do narrador –, fazendo que o sentido do texto tenda a se tornar indefinido.

Em alguns casos, essa indeterminação pode ser levantada por indícios deixados no texto pelo narrador. Um exemplo é o do último verso do poema “Una furtiva lagrima” do *DN* de 24 de março de 1931, no qual a chorosa saudade dos políticos do PRP exposta no restante do poema é negada somente na última palavra, “ominoso”, isto é, execrável:

Una furtiva lagrima
Cai dus mios zoglios xuroso,
Solamente di sodades
Daquillos tempo “ominoso”

Outra forma de tentar definir o texto é procurar vestígios que podem ser encontrados fora dele. Por exemplo, o fato de Bananére escrever em um jornal de viés político deliberado como o *DN*, do Partido Democrático, autoriza-nos, com razoável grau de certeza, a tomar as suas críticas diretas aos políticos do PRP no seu sentido literal e seus elogios como ironias.

Para reforçar esses aspectos, mostraremos três textos escritos para *A Manhã*. No primeiro, intitulado “Otras Formola”, de 5 de maio de 1933, Bananére pondera sobre as tendências políticas mais significativas do momento:

Temos ainda argunas formola molto particolare di guvernimo, come u FASCISIMO na Intalia, che contrariamenti, da “dimograzzia” che só Deuse trabaglia p´ra tuttos, lá na Intalia inveiz, tuttos trabaglia só p´ro Mussolino.

É uno sistema molto gusto quano a genti é u xeffe, tanto che o Itrillo prantô illo recentementi na Allamagna i u Prino Sargato stá quiréno prantá elli aqui in Zan Baolo.

Na prossima Ingostituente, onti inlegida, ma chi non si sabi ainda chi fui chi agagnô, vamos vê quale é o gruppo chi vence: si os fasciste do Juó Aberto, si us dismogratigo di Zan Baolo, si us sicialiste do Gitulio Danella co Vardo Aranha i co Bagacêra o si os gommoniste do Nostro Quirido Direttore Baró di Tararé...⁹⁹

O Barão de Itararé, diretor de *A Manhã* era um homem de esquerda, aderiu ao marxismo e

⁹⁹ Juó Bananére, “Suprimento Intaliano”, *A Manhã*, RJ, ano V, nº 17, 05/05/1933.

foi um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora, em março de 1935¹⁰⁰. Portanto, é muito provável que no artigo acima, o comunismo do Barão possa ser tomado de forma literal, embora o “Quirido”, em maiúscula, soe irônico para o leitor. Mas, menos de um mês depois de seu ingresso no quadro de redatores de *A Manhã*, Bananére havia escrito, em 20 de março de 1931, o artigo “U Borxevisimo”, no qual abertamente satirizava o bolchevismo:

U Borxevisimo é una tioria filosoficca segundo a quale treis o quatro pirata maise aguia chi us otro toma gonta du Stado i u Stado torna gonta du resto.

Per inzepio: — U Stado toma gonta du dignero da a genti, da as casa da a genti, das imprantaçó da a genti, dus figlio da a genti, das molbere da a genti, ecc. ecc. i us aguia toma gonta du Stado, i into, pur tabella illos fica con tunas cósa da a genti.¹⁰¹

Aqui temos múltiplas possibilidades de interpretação: em uma, a crítica ao bolchevismo pode ser tomada no sentido literal; na outra, ela seria de fato uma zombaria da propaganda anti-bolchevista, alternativa plausível se levarmos em conta a ideologia política do Barão de Itararé; mas, pode também ocorrer que o Barão, embora marxista, não apoiasse as ideias do bolchevismo russo; ou ainda, que em *A Manhã*, os redatores tivessem alguma liberdade de fazer piadas contra as opiniões políticas do próprio Barão.

Em 31 de setembro deste mesmo ano, Bananére decide elogiar o comunismo, concorrendo para um posicionamento ainda mais incerto:

O Gummunismo é una tioria russa che dice acussi: - Tuttos nois semos uguali.

Non inzisti ricco né pobri se grandi ingus tizia suciali. Tutto nois nascemo pillado sê uno tosto no o borso. Tuttos nois nascemo garrecca sê uno gabello na a gabeza.

(...) Uno che fica ricco stá arubano o outro che fica pobri. Uno chi mora inzima di nuo palazzo gometti una ingiustizia gontra uno chi moa imbaxo da a ponti, ecc. ecc.

U gommunismo non dimitti istas ingiustizia: - é tutto uguali come uno ovo co otro ovo.

¹⁰⁰ Cláudio Figueiredo, *As Duas Vidas de Aparício Torelly – O Barão de Itararé*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987, p. 74.

¹⁰¹ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manhã*, RJ, ano III, nº 14, 20/03/1931.

Istu é chi é batuta!

O linguajar macarrônico na fala das personagens é outro recurso usado invariavelmente. A conversão lhe propicia trocadilhos eficientes desautorizando o discurso da personagem na medida em que esta passa a se reportar na mesma linguagem de um barbeiro italiano do Piques. É o caso das famosas “circunferenzas” em que Bananére entrevista alguma personalidade do campo político, e a partir de sua fala, explora suas fraquezas e contradições. Veja-se, por exemplo, a entrevista com Góes Monteiro:

- Eh! bondie so Gois! come vá ista forza?
- Non vô molto bê sô Bananére! S’umagine chi faiz maise di una settimana che io non dô né una trivista!!... Non posso acussi! Io prciso aparlá, dizê bestêra, afazê baruglio, sino io perdo o sonno i non dormo né c’oa ingeçó da marvina.
- Intó disbux’á lá sô Goes! Podi aparlá che io já stô aprivinido con una ingeçó gontra gobra i gontra largato¹⁰².

Podemos partir do pressuposto de que Marcondes fosse um engenheiro interessado em política, pois ela está presente na maior parte dos seus artigos. Poderíamos até mesmo conhecer quais seriam seus pensamentos políticos – ser filiado a um partido, por exemplo¹⁰³ – ainda assim, o conhecimento prévio de tais juízos de pouco nos serviria na tarefa analítica da obra de Bananére.

Booth afirma que o “‘Narrador’ é geralmente aceite como o ‘eu’ da obra, mas o ‘eu’ raramente, ou mesmo nunca, é idêntico à imagem implícita do artista”¹⁰⁴. O fato de o narrador de qualquer obra literária quase nunca poder ser identificado com o autor é acentuado no caso de Juó Bananére em razão do forte conteúdo manifestamente irônico dos seus textos. E suas crônicas políticas, que atiram para todos os lados, podem ter várias motivações, dentre as quais não se

¹⁰² Juó Bananére, “Organo Uff. da golia intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 26, 20/06/1931.

¹⁰³ Não encontramos documentos comprovando a participação de Alexandre Marcondes em qualquer partido, e a suposição de que ele pertencia ao PD vem de declarações publicadas por testemunhas da época. O dado encontra sua referência no artigo *Juó Bananére*, de Luiz Franceschini, publicado em *O Estado de São Paulo*, dia 23/08/1933: “Ao mesmo tempo que comentava pelos jornaes, esse homem excepcional tomava vehementes atitudes políticas, ocupando posto de mando no Conselho Deliberativo do Partido Democrático”.

¹⁰⁴ Wayne Booth, trad. GUERREIRO, Maria Teresa. *A Retórica da Ficção*, Lisboa: Arcádia, 1980, p. 90.

excluem a ligação com uma ideologia política próxima do anarquismo ou o fato do autor ver a própria atividade política como motivo de pilhéria em si mesma; ou a atitude de um bom vendedor que escreve aquilo que população quer ler, independente de suas próprias opiniões; ou mesmo a de tentar se encaixar na linha política do jornal para o qual escrevia, com vista a garantir o emprego.

Os mandantes do governo são seu alvo de preferência, levando o leitor a pensar que ele se opõe a todos ligados ao poder, tanto do país como do estado de São Paulo e sua capital. Alguns desses artigos são mais sérios, com humor reduzido, outros são cômicos, mas expõem o lado de uma situação que, em essência, para o leitor, nada tem de risível e é, antes, causadora de tristeza ou mesmo revolta. Como quando fala do sistema democrático, mostrando a prática recorrente da corrupção e comodismo:

(...) temos a DIMOGRAZZIA chi é a tioria di guvernimo mais uzata. Fui inventada do o famoso giurisconsolto gaúxo Ri Barboza.

U principio filozofigo dista tioria é chi podi assacódi, i chi non podi assigura a barba do bodi, o intô p'ra usá una formola maise inleganti: - "Gadauno p'ra si, i Deuse per tuttos".

Cunformo si vê, nistu sistema, non é come no sucionalismo che tuttos trabaglia, ma a migliore parti fica p'rus águia; o come no gommunisimo che tuttos trabaglia, troxas i aguias, i só os gamaradas do guvernimo é chi fica co bolo. Nistu sistema só Deuse trabaglia i tuttos ganha...

Istu é u sistema indeali, i pur isso o mondo intero só adota istu sistema.¹⁰⁵

Em muitos dos casos, os julgamentos tratam dos participantes da história política do país estabelecendo comparações com velhas figuras como Artur Bernardes ou Hermes da Fonseca. Por princípio, o governo anterior, para Bananére, é sempre melhor que o atual.

Frequentemente, o narrador se denomina também como personagem funcionando como protagonista que tudo observa, que de tudo entende, voltando às atenções para si. Em alguns episódios, como veremos, ele age como se exprimisse a voz do povo. Em "Una circunferenza inzima du Pirolito" Bananére questiona o prefeito de São Paulo de forma agressiva sobre o que a população gostaria de saber:

¹⁰⁵ Juó Bananére, "Supprimento Intaliano", *A Manhã*, RJ, ano V, nº 17, 05/05/1933.

Fui nistu momente chi che io dê una intrada nelli i preguntê se illo mi apirmitia di afazê una circumferenza inzima delli.

– ora come nó, mi dissi elli!

– In primiére lugáro io quero asabê u signore chigné, perchê nunca ningê iscuitó aparlá nu signore i di repentimo vucê parecera aqui come guvernatore da a cittä!...¹⁰⁶

O tema da política é por diversas vezes, o parâmetro escolhido por ele para toda e qualquer situação. Não importa se o tópico em pauta é culinária, tamanho de prédios ou esculturas, bênçãos, sessões espíritas, agricultura, descobertas científicas etc. Todo e qualquer assunto terá imediata relação com alguma parte da política paulista ou nacional. Assim, quando Bananére fala do tamanho da mão do Cristo Redentor, diz que só no maior dedo do pé da estátua cabem todos os grandes generais da Revolução de Outubro. E conclui: “a genti já podi afazê uma indeia du tamagno du tale dedo du Gristo do o Ingorgovato!”¹⁰⁷.

A maioria das crônicas e os temas abordados concernem assuntos do momento, principalmente na cidade de São Paulo: buracos nas ruas, visitas ilustres como a do Príncipe de Galles e Sir Otto Niemeyer, fraudes eleitorais, festas luxuosas. As personagens também são as que estão em evidência, sempre por motivos que as depreciam perante a opinião pública: Washington Luís, Júlio Prestes, Pires do Rio, Menotti del Picchia, Getúlio Vargas. A essas figuras políticas somam-se aquelas criadas ou recuperadas do cotidiano do barbeiro como seu filho “Beppino”, “Concetta Verduriera”, “Marriquinhas Lavadiera”, “Xico do o Boteghino” ou “Sarafino Garletto”. As figuras tanto de sua família como seu círculo de amigos são tão mutáveis e inconstantes quanto o barbeiro. Ainda que sejam superficiais, elas ajudam a criar o universo ao qual Bananére pertence, e dão suporte às suas peripécias. Alguns trechos de sua história ficcional ficam perdidos em meio às crônicas e com o passar do tempo se adaptam àquilo que mais convém ao seu autor. Como aponta Benedito Antunes, até a idade de Bananére variava de acordo com suas intenções. Em *O Pirralho*, a princípio, declara ter 63 anos e mais tarde, diz ter 44¹⁰⁸.

O narrador parte do pressuposto de um conhecimento prévio sobre as personalidades

¹⁰⁶ Juó Bananére, “Una circumferenza inzima du Pirolito”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 116, 25/11/1927.

¹⁰⁷ Juó Bananére. “Organo Uff. Da golonia italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manhã*, RJ, ano III, nº 43, 16/10/1931.

¹⁰⁸ Antunes, op. cit., p. 55.

notórias citadas. Embora os nomes sejam pouco ou muito modificados, ele espera que seus chistes sejam compreendidos pelos leitores por terem informações adicionais sobre certas situações, em especial as que competem ao comportamento de figuras em evidência e muito provavelmente conhecidas do público. Mas, para o leitor atual, muitas dessas personagens não podem ser reconhecidas, ou porque sua importância foi definhando com o tempo ou porque seus nomes estão de tal forma corrompidos que não possibilitam a identificação. Essa deturpação dos nomes reproduz a forma pela qual seriam pronunciados por um italiano, como, por exemplo, Washington Luís, “Oxintó Luigi”, José Pires do Rio, “dotore Pirolo”, Rui Barbosa, “Ri Barbosa”, Floriano Peixoto, “Froriano Pixotti” e tantos outros. Outras vezes a modificação sugere características negativas das personagens. É o caso de Júlio Prestes, chamado de “Giulio Presto”, “Gulio chi istá quereno Prestá” ou “Giulio Imprestimo”, sendo os dois últimos evidentes referências à situação econômica do Estado de São Paulo. Determinadas personagens – como o do mesmo Júlio Prestes – assumem mais de um nome.

Com personagens da política, Bananére parece ter intimidade. Fala deste círculo como se estivesse a par de tudo que acontecia em seus bastidores. Neste ponto, devemos adiantar que a escolha de barbeiro como profissão propicia este tipo de aproximação, pois ele age como confidente e conselheiro de seus clientes. É de se esperar também que na sua barbearia receba diversos tipos sociais. Entre clientes ricos e pobres, políticos ou não, ele faz de seu negócio uma espécie de fonte de notícias, boatos e fofocas.

Como barbeiro, pratica um ofício que o aproxima das classes baixas. Sendo conhecido como jornalista e poeta, pode transitar entre as diferentes classes sociais, dos mais humildes aos mais poderosos. Ele comporta-se como um político experiente, dono de verdades e soluções imprescindíveis para a situação do país.

Sua sobrevivência como personagem constante na cidade de São Paulo ainda nos anos de 1927 até 1930 configura um caráter diferenciado. Ele chega a escrever ao mesmo tempo em três jornais diferenciados, distinguidos, de maneira geral, como: um partidário (*DN*), um satírico (*A Manha*) e um revolucionário (*Jornal das Trincheiras*). Isso mostra sua aceitação em camadas sociais e leitores distintos.

O *DN* ou *O Estado de S. Paulo*, para os quais escreve no final dos anos 20, têm outra demanda de leitura se comparada a *O Pirralho*. Esse movimento parece fazer parte de um

processo literário único de Bananére, pois até onde pesquisamos isso não aconteceu com outras personagens ou pseudônimos satíricos brasileiros criados nos anos de 1910; aos poucos, eles foram desaparecendo.

O lugar ocupado por nosso narrador adapta-se aos mecanismos da própria imprensa paulistana. A experimentação com a linguagem e a liberdade de expressão oral nascem na pequena imprensa crítica que dialogava com os grandes jornais. Mais tarde, torna-se a marca destoante que, por reunir contradições, passa a ser conveniente aos produtores de tendências modernistas desses periódicos mais sérios. Sua linguagem deformada, de certa forma, ainda transmite o espírito revolucionário do movimento cultural de 1922.

Apropriada ou não, a presença de Bananére nesses jornais de estilo mais informativo como o *DN* e *OESP*¹⁰⁹ representa uma questão importante, isto é, a percepção diversa dos leitores sobre ele em 1927. Tendo participação especial nos jornais, age como um convidado exclusivo e poderíamos conjecturar que por ser imigrante talvez tentasse modificar, por meios humorísticos, a noção preconceituosa dos democráticos com os estrangeiros, porquanto publicam crônicas de um “italiano”. Uma nota sai na primeira página do *Diário Nacional*, no dia 16 de maio de 1930, e pelo seu tom caricato, pode ter sido escrita pelo autor, Alexandre Marcondes:

Os senhores conhecem perfeitamente o cav. uff. Juó Bananére, que é, sem favor, o mais completo jornalista do Abaixo-o-Piques.

Pois o cav. uff. Juó Bananére, depois da dilatada estação de repouso que fez, em vários países do velho, do novo e do novíssimo mundo, vae reentrar para esta afanosa lida da imprensa, como se costumava dizer em tempos que lá vão... E, como o bom filho à casa volta, volta para o DIARIO NACIONAL.

Isso, porém, que já é muito (sejamos francos, modéstia à parte) não é tudo. O cav. uff, Juó Bananére reentra para a luta com uma grande, invejável conquista: foi o unico reporter convidado a fazer parte da regia caravana que com o sr. Julio Prestes vae passear pelo estrangeiro...

O DIARIO NACIONAL, dessa maneira, terá as primicias do noticiario da imperial excursão, que nos serão enviadas pelo diligente jornalista que S. Paulo todo admira.

Já neste domingo que vem, no entanto, poderemos apresentar novamente o nosso illustre colaborador, que, com a competência que todos reconhecem, versará os magnos problemas da mensagem presidencial.

A reacquisição que acabamos de fazer dispensa outras palavras. O publico sabe aquilatar do seu valor.¹¹⁰

¹⁰⁹ Abreviação para *O Estado de S. Paulo*.

¹¹⁰ *Diário Nacional*, ano I, n°262, 16/05/1930, p. 1.

Percebemos uma pausa nas suas publicações no *DN*, do dia 5 de fevereiro de 1928, com a crônica “U gaso Du Minotti Del Piques”, ao dia 18 de maio de 1930, com “A mensagia prizidenciale do Oxinintó Luigi”. Durante este período tem três participações pouco significativas. A primeira, no entanto, é com a reprodução de seu famoso poema “O lobo i o gorderigno”, inserida na página *literária* do jornal, fato que podemos assinalar como relevante, pois é colocado em uma seção que o toma por artista. As outras duas aparições são para a “Seção Livre” do periódico. Sua volta à coluna vem com longa sequência de elogios. Tido como “o mais completo jornalista do Abaixo-o-Piques” e “illustre colaborador”, Bananére, é oferecido com uma reputação ilusória de sua importância no meio jornalístico.

Essa notoriedade fictícia é reverificada na fala do narrador. Os títulos que dá a si mesmo vão se acumulando com o passar do tempo. Em *O Pirralho* assinava como “tenento da ‘briosa’”, e logo se promoveu a “Capitó-tenento inda a ‘briosa’”. Nesta época, declarou ser membro da Academia Paulista de Letras e candidato a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. No *Diário Nacional*, a assinatura vem precedida do título “Cav. Uff.”, significando Cavaleiro Oficial. No *Jornal das Trincheiras*, não hesita em qualificar-se como “tenenti” ao final das crônicas, cargo de grande status durante a revolução de 1932. Já em *A Manhã*, no dia 4 de abril de 1931, o procedimento se intensifica e ele se denomina “Cav. Uff. On. Proff. Conte Baró da a Zanta Sé”. Essa insistência em dar designações de honra a si mesmo, está claro, faz parte de seu recurso literário. Enquanto nomeia-se indiscriminadamente banaliza toda e qualquer titulação importante na sociedade paulistana, gerando uma situação interessante, pois sua fama como escritor é que lhe permite tal ousadia.

PARTE DOIS

Diário Nacional

O periódico paulista *Diário Nacional* foi, de 14 de julho de 1926 a 30 de setembro de 1932, publicado diariamente, exceto às segundas-feiras. De modo geral, tinha 8 páginas; no entanto, em edições especiais, poderia chegar a 48 páginas, como sucede em 14 de julho de 1929, data comemorativa dos três anos do jornal.

A folha contava com diversas ilustrações, tirinhas e muitos anúncios que, por vezes, ocupavam uma página inteira. É perceptível também a melhoria na qualidade de impressão das imagens e fotos que passam a ter mais destaque a cada ano conforme o jornal se ajustava aos novos modelos de diagramação.

A direção alternou-se entre os membros do partido e, logo no início, a tiragem chegou a 35.000 exemplares¹¹¹. Importantes nomes como Antônio Carlos Couto de Barros, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Guilherme de Almeida e Prudente de Moraes, neto faziam parte da sua lista de colaboradores. Engajados politicamente, alguns desses intelectuais chegaram a combater na Revolução de 1932, como é o caso de Guilherme de Almeida. O jornal contava ainda com um importante representante da aristocracia paulista daquela época, o Conselheiro Antônio Prado, um dos fundadores do Partido Democrático.

As páginas do *DN* percorrem a história política paulista. Órgão oficial de propaganda do Partido Democrático (PD), fundado em 1926, tem definida linha partidária declarada da primeira à última edição, retratando, dentro de sua ótica, o cenário brasileiro e, especialmente, o paulista em um período relativamente curto de seis anos, mas extremamente conturbado. Até 1930 tece fortes críticas contra o governo do PRP – delatando as falcatruas, corrupções, bem como as constantes e conhecidas fraudes eleitorais – e colabora com o golpe getulista. A decepcionante indicação, por Getúlio Vargas, de João Alberto como interventor de São Paulo, cargo pretendido

¹¹¹ Informações retiradas de <<http://memoria.fundap.sp.gov.br/memoriapaulista/publicacao/partido-democratico/diario-nacional>>, último acesso em 28/11/2011.

para Francisco Morato, fez com que o PD se aliasse ao PRP. Assim, depois de combater duramente o governo perrepista, passa a ter Getúlio como alvo prioritário.

A participação de Bananére no *Diário Nacional* é quase um ano depois da inauguração do jornal. A estreia deu-se na “Secção Livre”, sem qualquer declaração da parte da redação. A personagem parafrasea com humor a notícia de dois dias antes, publicada sobre Alberto Cintra, à época presidente da Associação Comercial de Santos, na mesma “Secção Livre” e sob o título, “Política de principios”, anunciando seu desligamento do Partido Democrático. Quando Bananére também anuncia sua decisão, o texto vem com o cabeçalho: “Mais um adherente que deixa o Partido Democratico: O SR. JUÓ BANANÉRE”. Como acontece aqui – e como veremos – o narrador usa os acontecimentos noticiados no *DN* para impulsionar sua obra.

Mais um adherente que deixa o Partido Democratico: O SR JUÓ BANANERE

Incententissimo signore Dottore Diretorio du Partido Dimocratico.

Como esses inlustro irettorio sabe molto bê, io entre p’ru partido di Vostra Signoria pur causa chi o Garlo de Gampo non quizi afazê u alagamento da ladére du u Piques ando só io u Totó Lacerda da a zona.

Acuntece purem chi sendo io molto amigo du Giuligno Presto, attuale prisidentimo du Stá, pur causa che fumo cullegas giunto na scuola e brinquemos giunto di acusado imbax’o da a ponte du viadutimo, io nó axo diretto afazê opposiçó p’ru governimo delli.

Alê disso illo prumettu chi vae mandá alrgá a ladêre du Piques, u largo idimo, i vai mi dá un lugaro di disputado.

Diante distu fattimo u signore á di cumprendê che io non sô besta! Ficá bancando u troxa ai cum vuceis, apanhando nu bacagliau, inquanto tá xiigno di genti menos impurtante che io afazaendo a figuraçó na Gamera, io chi sô puette, Barbieri i giornaliste, cav. uff. conte-baró, ecc. ecc.

Una ova!!

Io vô sê disputado i vuceis va prantá batata.

A migna inrisoluçó é indefinida e indefinitiva.

JUÓ BANANÉRE

Futuro indisputado.¹¹²

¹¹² Juó Bananére, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 40, 28/08/1927.

O texto é exemplar de um aspecto persistente das relações sociais no Brasil, notadamente na política, o da não distinção entre as esferas pública e privada refletidas em nepotismo, compadrismo e corporativismo. Para o narrador, sua entrada no PD deu-se por causa da negativa do ex-governador Carlos de Campos em atender uma necessidade particular, a do alargamento da ladeira do Piques, o que contribuiria para aumentar a sua freguesia e o status de seu negócio. Mas ele resolve mudar, porque recebeu a promessa adicional de cargo de deputado no PRP e não vê possibilidade de crescimento político no seu partido atual – embora se considere muito mais qualificado do que outros membros, por ser poeta, barbeiro, jornalista e ostentar títulos de nobreza. Para esconder o motivo exclusivamente pessoal procura mostrar elogiável lealdade a Júlio Prestes afirmando ser seu amigo de infância, sendo, portanto, injusto de sua parte permanecer no partido que lhe faz oposição.

Vemos também outra prática: o de transitar de um partido para o outro, como se esse não fosse uma agremiação de pessoas com interesse político comum, mas uma entidade em que indivíduos buscam realizar seus interesses pessoais.

A frase “A migna inrisoluçó é indifinida e indifinitiva” sugere esta volatilidade das ideias e atitudes do narrador, estendendo-se aos políticos. Os termos “disputado” e “futuro indisputado” indicam que o cargo visado pelo narrador, o de deputado, deveria ser disputado pelo voto, mas, no seu caso, tal disputa não será necessária. De modo geral, portanto, o aspecto mais relevante é o da imoralidade das relações na política, que, sutilmente, não isenta nem mesmo as do próprio Partido Democrático.

Assim como em “Política de princípios”, a grande maioria dos textos de Alexandre Marcondes no *Diário Nacional* trata de assuntos políticos. Esse fato é compreensível se considerarmos que suas crônicas, de 1927 a 1931, destinavam-se a um jornal de um partido bem definido e ativo em um momento político turbulento e instável. Suas críticas na maior parte das vezes recaem, como se verá, nos governantes do PRP de São Paulo e do Brasil, com acusações de incompetência administrativa e corrupção. Uma espécie de doutrina da política brasileira é mostrada em uma passagem do “U caso du valentó que stá ficano Valentino ... i n'o abufa maise”, na qual Valentino significa “valentó di fita” – uma referência ao ator Rodolfo Valentino:

Ma in pulittica a questá é non tê virgogna i:
1º) mudá di pinió quano fô prciso;

- 2º) ricuá quano non pudé vanzá;
- 3º) gridá maise arto quano os otro gridá maise baxo;
- 4º) gridá maise baxo quano os otro gridá maise arto;
- 5º) bancá u Valintino quano non pudé bancá u Valentó;
- 6º) butá us maise fraco na a “giladera” i també u gargagnáro du maise forte;
- 7º) dá un beggio na a gara do sole che nasce i nu mesimo tempo un pontapé na a lua chi morre.¹¹³

Os segundo e terceiro textos aparecem mais uma vez na “Secção Livre”, de 3 e 7 de setembro de 1927. São assinados por Franguinho Ru Bixiga, suposto sobrinho de Bananére. Ele pede um emprego no *Diário Nacional*, mostrando uma série de atributos, dentre os quais o de ter sido secretário econômico e político de grandes nomes como Washington Luís, Júlio Prestes, “Campos” – possivelmente Carlos de Campos – Conde Matarazzo, Pires do Rio, antes “che tutto questa gente, pigliarono us dinhero dus popolos”¹¹⁴. Diz que perguntará a Júlio Prestes por que ele quer cinco milhões de libras esterlinas.

Para dar personalidade a Franguinho Ru Bixiga, Marcondes habilmente caracteriza-o com um linguajar macarrônico diverso. As principais diferenças estão na reelaboração de nomes próprios. Bananére emprega “zan baolo” ou “zan paolo”, enquanto o sobrinho usa “Sanpafulo”. O mesmo acontece com “Pirisse do Rio” e “Wachinton”, que para o barbeiro é “Pirolito” e “Oxintó”.

Após estas três primeiras matérias no jornal, no dia 20 de setembro de 1927, Bananére assume a sua própria coluna. Pela diagramação, parece contar com certo privilégio no periódico que reserva para ele o espaço de, pelo menos, meia página, com raras exceções, e tendo, quase sempre, uma ou mais ilustrações acompanhando o texto.

“Crônicas de Juó Bananére” inicia-se com o título “Il XX Settembre” e comemora a data da unificação da Itália em setembro de 1870. É de humor extravagante, cheio de anacronismos e disparates históricos, misturando fatos da história da Itália com a do Brasil:

¹¹³ Juó Bananére, “U caso du valentó que stá ficano Valentino ... i n'o abufa maise”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 159, 14/01/1928.

¹¹⁴ Juó Bananére, “Secção Livre”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 45, 03/09/1927.

Fui nista data groriosa chi u grandi generalo intaliano Guaribaldi, co aussilio du “Pérrepê” arrumbaro a “Portapia” i annumiario u Mussolini rê da Intália! (...)

A Intalia si alivantô di repenti i gia dominô o mondo mediatamenti. Tuto isto obra di chi?!... “Dus figlio di intaliano residentimo nu Brasile” arripresentato pelo Guaribaldi i dus “Pérrepê” arripresentato pelo Oxinto, pelo Giulio Presto, pelo ecc. ecc. chi fizéro uma vacca i pagáro uma passagia di tercêra grassia p’ru Guaribaldi, chi giuntamente c’da Annita, mogliére dele i tambê “figlia di intaliana residentima nu Brasile” xigáro na Intalia, abancáro u Isidoro, i fui aquilla garapa! Adirubáro u ré di Roma, butáro u Mussolini nu guvernimo, annumiario u Giulio Presto p’ru guvernimo di Napoli (...). Fui um tempo quenti che só cabô, quano u Angelo Pavia, inlustro disputato intaliano, risorveu incorporá u Brasile come colonia intaliana i u Mussolini di Macaé passô a sê u Ré du Brasile!

U figlio di Ré fui numiado disputado. U acunhado du Ré fui anumiado ministro da “aviaçó”. A guzhêra du Ré fui anumiada imbaxadore du Brasile in Portogallo, i us dimogrativovô tuttos p’ra giladêra pur ordi du Ré.¹¹⁵

A crônica cita Menotti del Picchia, que escrevia uma “crônica social” quase diariamente no *Correio Paulistano*, jornal ligado diretamente à oligarquia cafeeira e órgão oficial do Partido Republicano Paulista a partir do fim do século XIX:

Io, come “figlio di intaliano risidentimo nu Brasile” giuntamente co Covêro, co Menotti del Picchia, co Molinaro, i tantos outro xefe, ppulittico do “Pérrepê” si sintimos imensamente acumovido co passamento di maise uma data batuta do XX Settembre¹¹⁶.

Del Picchia é o único participante da Semana de 22 citado nos textos macarrônicos, e sempre com conotação negativa. Isso ocorre, por exemplo, quando homenageia o poeta em um “Suneto lirico em quattros atto, stile Grigorio do o Matto, offericido p’ru grandi poete surdato – Minotti del Piques”, de 30 de novembro de 1927. Principia com os seguintes versos – uma paródia do poema “É ela! É ela! É ela! É ela!” de Álvares de Azevedo – ridicularizando o Verdeamarelismo:

É ella!
Lá na a gianella!...

¹¹⁵ Juó Bananére, “Il XX settembre”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 59, 20/09/1927.

¹¹⁶ Idem.

É verdi a boca della?...
Nó! é amarella...
A! é verdiamarella
A bocca della!!¹¹⁷

Duas semanas depois, com “Minottis del Piques i o novo Ford”, as características físicas e traços pejorativos do caráter de Menotti são alvo para sua galhofa. O poeta vai à sua barbearia, mas Bananére recusa-se a fazer sua barba porque não quer ser multado, sendo proibido trabalhar aos domingos:

- Ma, istu é una traicó sô Bananére! Faize quindici dias che io stó giuntando un pochigno di barba p´ra afazê aggi...

- Ma vucê non tê barba Minottis!

- Che fui chi dissì! Vucê non inxerga, pur causa che a minha barba é marella, ma vegna aqui nu craro chi vucê vai vê se io tegno o non tegno!

- Che nada! Non vegio ninguê! Barba é u Govéro! Aquillo si!... Tê maise barba che tuttas vassora da limpeza publica giunto! Aquillo si che dava p´ra genti amuntá una fabbrica di corxó di crina... ma vucê?...

(...) Dai u Minottis mi amulô, amulô chi até io axê migliore isfregá sabô na a gara delli i apassá a navaglia, sinó illo inda era gapaze di mi aricitá us tale versigno verdiamarello inxima di mim (...)

Intô io sfreguê bastante sabô na a gara delli i disposa assuprê assi; intó saiu treiz pelligno amarelligno... Dai io lavê a gara delli, butê pó di arrozó i butê un lazigno di fita nu piscoço delli!

U Minottis del Piques ficô tô xiques chi a Margotina verduriera chi tê una guitanda d´infronte u migno saló assi che viu elli tive quattors xiliques!!!

Nistu momento che io stavo amarrando u lazigno di fita nu piscoço du Minottis, abriu a porta du saló i entró un gamarada vistito di paisano chi mi priguntô:

- O signore é u dono distu saló?

Intô io dissì dentro da oreglia du Minottis:

- Stá vendo, sô gargamano! É u fiscaló!... Pur causa di vucê io tegno da pagá cento massoni di murta... Dai io dissì p´ru omi di paisana:

- Sô io si signore! Juó Bananére cav. uff. i figlio di intaliano nascido na Intalia... Oglíe p´ra traiz i u Minottis já tigna fugido p´ru matto!¹¹⁸

Em 27 de setembro de 1928, após sete meses ausente do *DN*, volta com “Chi non sta bene, ôglio da rua!” na “Seção Livre”, fazendo uma tradução de uma carta publicada supostamente por Menotti del Picchia no *Correio Paulistano*, “organo fasciste du Minotti del

¹¹⁷ Juó Bananére, “O zoglio della”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 120, 30/11/1927.

¹¹⁸ Juó Bananére, “Minottis del Piques i o nuovo Ford”, *Diário Nacional*. SP, ano I, nº 132, 14/12/1927.

Piques”¹¹⁹. Aqui a crítica é contra a posição política do então deputado, uma vez que o subtítulo da crônica é “Primiéra nota di onti du organo fasciste anazionale ‘Curreo Baolistano’ scritta da o disputado gôr di gasca di banana On. Minotti del Piques i traduzida da o intaliano pelo dott. Juó Bananére segretario fasciste da o Abaix’o Piques”¹²⁰.

Aos 31 de maio e 05 de junho de 1930, a bordo do navio Almirante Jaceguay, Bananére envia uma carta ao *DN*, contando sobre sua entrada no navio de Júlio Prestes rumo aos Estados Unidos. O texto contém um poema, que Bananére diz ter recitado para se fazer passar por Menotti, no qual comenta a política do café e eleição fraudulenta de Prestes:

A difeza do o gafé
Fui u Giuligno che fiz!
Ma quano ella ribentô
U Rolinha che fui p’ru olio da a rua

Tambê na inleçó apassada
Fui o Giuligno che avenceu
Ma u segretario das mesa
Che ficaro paralittico das mó! ¹²¹

Não existem dados para diagnosticar as causas dessa atitude rancorosa contra Menotti del Picchia, mas podemos arriscar algumas hipóteses na tentativa de formar a personalidade do narrador. Primeiramente, os gracejos sobre literatura resumem-se em comentários sobre a “tendência futurista” de del Picchia: “Daí io tumava gonta du governimo i cumprava u celebre poete Minottis del Piques p’ra afazê puisias futuriste só p’ra mim, ma primiére amandava naturalizá elli cidadó brasileiro”¹²². O “futurismo” é antes um meio para produzir pilhérias do que propriamente um vínculo ou posicionamento sobre um movimento artístico, o qual contava com membros que mantiveram relações com o fascismo italiano.

A possibilidade de que as convicções políticas de Menotti, as de um nacionalista de

¹¹⁹ Juó Bananére, “Chi non sta bene, ôglio da rua!”, *Diário Nacional*. SP, ano II, nº 377, 27/09/1928.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Juó Bananére, “Currispundenza Pistolare di Bordimo du Armirante Giá Ceguao”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 895, 31/5/1930.

¹²² Juó Bananére, “Se io tirassi a lutteria da Spagna!”, *Diário Nacional*. SP, ano I, nº 145, 29/12/1927.

direita, sejam a causa da agressividade de Alexandre Marcondes é pouco consistente, porque em suas crônicas no *DN* são poupados os outros membros integralistas do Movimento Verde Amarelo e do grupo originado a partir dele, o Anta: Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e outros. Excetuando-se a piada sobre o Manifesto da Legião Revolucionária, escrita por Plínio Salgado, mas que não tem seu nome mencionado na crônica.

Causas pessoais diversas da antipatia podem ser inferidas; são as que nos parecem as mais prováveis para atacar de forma tão agressiva um “articulador e aguerrido participante”¹²³ da Semana de 22, que se projetou no campo literário (escreveu, além de crônicas, poesias, romances, contos, ocupou altos cargos administrativos, foi membro das Academias Paulistas e Brasileira de Letras). Se esta hipótese estiver correta, podemos presumir que Alexandre Marcondes, tirava proveito de sua condição de cronista de um jornal político para atacar outro de um jornal opositor, justificando ao público, desse modo, uma inimizade a qual, na origem, era motivada por questões particulares.

Seja qual for a razão ou as razões dessa atitude, ela teve o mérito de amenizar a seriedade de ambos os jornais. Ana Claudia Veiga de Castro, em seu estudo sobre os textos de Menotti del Picchia no *Correio Paulistano*, argumenta que a coluna social do escritor de *Juca Mulato* era uma “folga ao leitor do sisudo jornal”¹²⁴. Nesse mesmo sentido, Roncari aponta que “a crônica antes de tudo tenta se diferenciar, como se fosse uma visitante ilustre num país bruto, inculto e insensível”¹²⁵. A mesma intenção poderia ser dada aos cronistas do *DN*, com a vantagem de ter entre eles um italiano bem humorado encarregado de motejar sobre tudo e todos.

Observando as notícias do *DN*, constatamos o julgamento dos atos políticos do prefeito de

¹²³ Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo: Cultrix, 1975, 2ª ed., p. 413.

¹²⁴ Ana Claudia Veiga de Castro, *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*, São Paulo: Alameda, 2008, p. 29.

¹²⁵ Roncari, op. cit., p. 14.

São Paulo. As notas são insistentes: “A inépcia do Sr. Pires do Rio”¹²⁶, “O comodismo do Sr. Pires do Rio – O que está acontecendo com o calçamento é alarmante”¹²⁷ e, “As ‘realizações’ do sr. Pires do Rio”¹²⁸, título mencionado no texto de Bananére, a propósito da mesma questão e insinuando a falta de pagamento para os empreiteiros realizarem os serviços.

No ano de 1926, o PRP, controlando as máquinas eleitorais por meio de coronéis e da oligarquia dominante, coloca como prefeito da cidade o ex-ministro de Aviação e Obras Públicas do governo de Epitácio Pessoa, o engenheiro civil Pires do Rio.

“Pirolito” recebe menção especial já a partir do quinto texto, “As delegaçõ istrangêra – A forza do “Perrepê””, no qual comenta sobre as delegações estrangeiras visitantes no dia 14 de setembro de 1927, realmente noticiadas no periódico sob a chamada “Conferências Interparlamentar de commércio - chegam hoje a S. Paulo os membros de 33 das delegações estrangeiras”. Bananére exhibe a cidade aos visitantes sob sua ótica e estranha os delegados não terem reclamado ao ver que as ruas de São Paulo “tê maise buraco do che tê istrellas nu céu”¹²⁹. As referências para a aproximação dos leitores persistem anunciando que os visitantes ainda passaram pelo “Butantano” e na “Fábbriга du guaraná du Gianóta”, ou seja, no Butantã e na Fábrica do guaraná espumante Zanotta, conhecido, naquele tempo, como “poderoso tônico reconfortante”, segundo chamada nos anúncios do próprio jornal.

O texto seguinte, “Os progetto do dottore Pirolito”¹³⁰ é um sarcástico discurso de homenagem ao prefeito, enumerando suas grandes “realizações”. O “giornaliste” esclarece que a administração anterior tinha mandado fazer muitos buracos nas ruas, mas Pires do Rio aumentou notavelmente o índice deste serviço, “di maniera chi oggi ninguê podi si quexá di non tê buracco nista u naquilla rua”¹³¹. O prefeito estaria sendo justo: “Mandô afazê buracco difronte as casa dus dimogratigo i dus perrapado, dus pobri i dus ricco, dus pretto i dus brango, i na a porta da

¹²⁶ *Diário Nacional*, ano I, nº 200, 4/03/1928, p. 3.

¹²⁷ *Diário Nacional*, ano I, nº 205, 9/03/1928, p. 3.

¹²⁸ *Diário Nacional*, ano I, nº 262, 16/05/1928, p. 1.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ Juó Bananére, “Os progetto do dottore Pirolito”, *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 71, 04/10/1927.

¹³¹ *Idem*.

Prefettura també! Istu é chi si xame inguardade i fraternidade!”¹³².

O artigo segue com outras “inrealizaçó” como aumentar o preço do metro quadrado do calçamento, acabar com as ladeiras da cidade aterrando todos os bairros mais baixos, a instalação do telefone automático, a construção da Avenida Anhangabaú, as várias linhas de aeroplanos e até a construção do “Palazzo da a Municipalitá”.

Quando entrevista o prefeito, em “Una circunferenza inzima du Pirolito”, Bananére pergunta se era verdade que Pires do Rio estaria desviando dinheiro das obras de calçamento, ao que o ele responde: “ – Di certo, ué?! Io intó non sô figlio di Deuse?...”¹³³. Indagado se havia embolsado quarenta mil contos de réis, o entrevistado diz:

- Non é bê isso. Io tive da ingoli us tale 38% chi dava us quaranta millas conto ma in gospitalaçó us impretéro afazia una porcheria di ingarzamente per quator dici massoni i nois afazémo uno molto piore, per ventisdue. É na a gabeza! Io gagno a indiferenza...

- Ma non quero sabê di storia! Vucê gagna ista indiferenza ma u fattimo é chi vucê inguliu us 38 %! I un terzo du ingarzamente vucê inguliu també! ein!

Palavra di Deuse Pirolito! vucê tê uno istomigo di vestruiz!! Io, quano axo una pedrigna pichinigna, pichinigna nu arroiz, non sô ingapaze di inguli! Vucê inveiz inguliu uno millió di metro aquadrato di ingarzamente! Vá elli!!... Se io tivessi una garganta assi io si izibissi nus tiatro, pa maronna!!¹³⁴

As réplicas talvez não correspondessem às expectativas dos leitores, mas apontam para um procedimento irônico desenvolvido por Alberés, o de cumplicidade entre autor e leitor, em que o primeiro dá ao segundo um sentimento de superioridade¹³⁵. Com isso, traz à tona, com certo tom crítico, algumas questões políticas ainda mal resolvidas, como obras supervalorizadas ou máquinas eleitorais corruptas.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Rene M. Albérès, *Le comique et l'ironie*, Paris: Hachette, 1973.

Em 15 de novembro de 1927, o *DN* noticia um baile em comemoração à Proclamação de República ocorrido nos campos Elísios:

A recepção e baile de hoje, nos Campos Elyseos

Em comemoração à data da proclamação da República, o governo do Estado oferecerá hoje, uma recepção seguida de baile, no palácio dos Campos Elyseos, que foi ornamentado cuidadosamente.

O jardim do palácio foi feericamente illuminado, sendo para isso empregadas cerca de 15.000 lampadas multicôres e 40 holofotes.

A festa nos Campos Elyseos terá início às 22 horas.¹³⁶

No dia seguinte, o jornal comenta a recepção com uma nota insinuando, nos dois últimos parágrafos, um governo irresponsável que, mesmo diante da difícil situação financeira do estado, direciona gastos desnecessários para ocasiões galantes:

Luminárias

Vimos hontem a noite, o palácio dos Campos Elyseos. Feérico. Lindo.

Povo, algum, ourelando as esquinas, nos passeios. Enthusiasmo, nenhum. Silencio de pedra. De resto, muita educação e muita obediência: - religioso respeito aos cordões de “grilos”...

Mas o palácio estava lindo. Poderosos reflectores destacavam-lhe a architectura na sombra da noite. Arvores luminosas, cercavam-no. Estas rubras, aquelas azues. Arte e bom gosto: - do caule á copa, metade pintalgada de luzes; a outra metade, sombria silhueta...

E, no silencio terrificante, pensamos com nossos botões filosoficos: - arvore maravilhosa de significação, meio sombra, meio luz... Brilham as lantejoulas á superfície morre o lenho nas trevas. Ó Republica!...

‘Por fóra, bella viola...’¹³⁷

Há mais um comunicado a esse respeito publicado com o título “O baile do palácio”¹³⁸, discutindo, com sarcasmo, sobre quem irá pagar pelos custos do evento.

A crônica de Bananére sobre o baile havia sido anunciada alguns dias antes pelo jornal, justificando sua ausência na coluna:

¹³⁶ *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 107, 15/11/1927, p. 8.

¹³⁷ *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 108, 16/11/1927, p. 3.

¹³⁸ *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 109, 17/11/1927, p. 3.

As crônicas de Juó Bananére

Tendo enfermado há alguns dias, o nosso prezado collaborador senhor Juó Bananére deixou de nos enviar, ainda hoje, a crônica em que habitualmente commenta os acontecimentos do nosso mundo politico. (...) O apreciado jornalista, já restabelecido, nos promette para sexta-feira a sua collaboração. (...) Versará o baile nos Campos Elyseos, ao qual compareceu hontem, embora ainda um tanto combalido physicamente. É que não quiz privar o seu público das preciosas informações que elle – e só elle – pôde colher em tão solene reunião¹³⁹.

Os gastos supérfluos dos convidados políticos que faziam vista grossa para os problemas importantes da cidade serão exaltados. Já na introdução ele já dá o tom da crônica:

Che bileza! - A genti inté ficava tonto di tanto dislumbrimento – As fonte inluminosa – Tuttos munno importante stava lá – Danzemos p'ra burro – (...) Tenia ximpagno inté p'ra lavá us pé (...) Tenia Pirú co farofa che inxia duas sala intirigna – Inconcreto né si fala!¹⁴⁰

No início, Bananére diz que foi convidado porque é o “barbiere uff. du governimo” e faz a barba de ilustres “pérrapados”. Este apelido, recorrente nas crônicas do *DN*, refere-se, aos participantes do PRP, provavelmente aludindo também a nossa situação financeira na época.

Fala também da sua cuidadosa preparação para a festa. Depois, faz o leitor entrar no ambiente luxuoso e um tanto erótico do baile:

Quano xigui lá fuique dislumbrigado di uma veze! Nunca vi cõsa tó bunita! (...)

Quano a genti xigava i spiava aquillo tutto, era tó lindo, tó lindo! Chi a genti ficava cumpretamente tonto... Intó tenia un pissoalo chi dava ettero p'ra genti xirá. Daí a genti accordava e intó vigna umas moça batuta, ingatava us braccio na a genti e livava a genti p'ru palazzo...(...)

Nu gamigno iva caíno inzima da a genti uma xuvigna di acqua di golonia finigna, finigna!...

Dai a genti xigava no ó du pallazzo!¹⁴¹

Esse clima é acentuado na seguinte passagem:

¹³⁹ *Diário Nacional*, SP, ano I, n° 108, 16/11/1927, p. 6.

¹⁴⁰ Juó Bananére, “U ballo du u palazzo”, *Diário Nacional*, SP, ano I, n° 110, 18/11/1927.

¹⁴¹ *Idem*.

Ai a genti era arricibido p'ru Prisentino cos ministerio che abbraciava e beggiava a genti. Daí tenia otras mocigna maise batuta che livava a genti p'ru saló. (...) A sala stava xiigna di moglieres linda! linda!... A genti ogilava di zima p'ra baxo i via uma purçó di garas, piscoço, braço, collo, tutto anú... daí a genti parava i principiava di spiá d'imbaixo p'ra zima.

Ternozellos, pernas, gioeglios, ligas... i daí a genti aparava di nuóvo. Daí intó a genti dismaiava sê sintido otraveiz! Vigna os omi co ettero i a genti accordava otraveiz.

Daí é chi a genti incomincio di vê diretto as cósa.

Uh! guanta genti acunhecida stava lá!... S'ingontrê cos veglio acunhecido che io stava com una brutta sodades delli!¹⁴²

O penúltimo parágrafo tem sentido dúbio, podendo estar se referindo tanto ao parágrafo anterior como ao seguinte.

Bananére encontra velhos conhecidos como “Gapitó”, Capitão Rodolfo Miranda e “Piedadó”, o Coronel Piedade. Ambos foram muito criticados por ele em *O Pirralho* e quando aparecem em cena, vemos que o narrador recorre à memória de seus leitores. Trava um diálogo com o “Gapitó” comentando a surpresa de se encontrarem lá:

- O!! u Gapitó veglio di guerra! vucê pur aqui!... ó chi sodades... (e io prigué un tapa inda a barriga delli!)

- E! Bananére! vucê nó murreu?

- Che murreu una óva!... I vucê o che anda afazeno?

- Io aóra só xefe du Perrepê...

- U Gapitó pirata!... Intó vucê non si alembra du tempo chi vucê era ermiste?

Intó u Gapitó mi livô n'un gantigno i mi disse dentro do oreglio:

- Parla baxo, disgraziato!...¹⁴³

A pergunta “vucê nó murreu?” alude, possivelmente, ao desaparecimento de Bananére dos periódicos. E a conversa mostra outra vez o mesmo hábito comum na política brasileira apontado anteriormente, o da costumeira troca de partido pelos políticos.

Há outro trecho interessante:

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Idem.

Icngreto atenia tanto chi né si parla... a genti inté si adivritia gingano incongreto nu tiro o arvo! (...)

Io co Gapitó i com Piedado avancemos primière n'un monte di ingongreto i fumos cumeno, fumos cumeno até che di repente io dê una indentada n'un nigozio duro chi né un inparallelipi!... Fumos vê o chi era, i era u Pirolito che tenia ingonniciado du otro lado do monte i já tenia varado du nostro lado. Intó saimo, nois quatro i fumos abibê ximpagno.¹⁴⁴

Podemos deduzir que o termo “ingongreto”, aqui com conotação de alimento, alude ao embolso indevido do dinheiro público nas obras de calçamento de “Pirolito” – que será retomado na crônica seguinte de 25 de novembro de 1927, já acima citada: “Vucê inveiz inguliu uno milliô di metro aquadrato di ingarzamente!”¹⁴⁵

Mais adiante, Bananére recita Ave Maria de Gounod, introduzindo um texto religioso em um meio mundano e corrompido numa atitude que, ao leitor, soa tão estranha como a presença do próprio barbeiro no ambiente.

(...) ma dai vignó maise una purçó di piquenas batuta, vignó u Giulio co Ministerio i tambê un tiligrammo du Musolino di Macaé apidino tuttos co inzistenza p'ra num inricitá un verso i dai io non tive maise getto di dá u fora i intó aricitê a “Vemaria du Gonô”.¹⁴⁶

Ele faz então seu discurso oficial elogiando os presentes na festa:

Io stó cumpretamenti *disonrado* c'oa distinço che mi fui fazida, da o guvernimo mi scogliando io, u maise umirde i u maise *discompetente* di tuttos poete aqui apresente p'ra afazê o disgorso ufficiale (nó apoiado...) inzima a data *anazionale* di oggi!...

Mi sinto sê forza diante di tó *inseletta* insistenza...¹⁴⁷

No contexto, os termos “disonrado”, “discompetente” e “inseletta” adquirem interpretação ambígua, podendo significar desonrado, incompetente e vulgar. Os trocadilhos continuam com

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Juó Bananére, “Una circunferenza inzima du Pirolito”, *Diário Nacional*, SP, ano I, n° 116, 25/11/1927.

¹⁴⁶ Juó Bananére, “U ballo du u palazzo”, *Diário Nacional*, SP, ano I, n° 110, 18/11/1927.

¹⁴⁷ Idem.

“perrapado” para perrepista, “indisputado”, para deputado, “inrialiazaçó” para realizações, etc.

Na sua fala, Bananére comete uma série de despropósitos históricos ao narrar a proclamação da República da qual teria participado juntamente com “Guintino Bricaiuva, u Ducca di Abacazias, u Diodoros da Funzega, u Froriano Pixotti, u Ri Barboza, u Pedro numero dois, imperadore du Brasile.”

De modo geral, a crônica é uma representação de um grande baile em que políticos convivem mais ou menos amistosamente e, harmoniosamente, dançam a mesma dança, sempre preservando, porém, o isolamento do restante da sociedade. A situação aí descrita é uma metáfora do espírito corporativista que perdura na política até hoje.

No dia 24 de dezembro de 1927, a chamada de capa do *DN* é “Que faria se lhe coubesse a sorte da loteria de Hespanha?”. No artigo lemos que no último dia 22 foi feito o sorteio mais importante do mundo. De fato, tal jogo existe até hoje. O jornal decide, portanto, recolher opiniões de diversas pessoas, entre eles, “um empregado do banco, um fazendeiro, um deputado, um agiota, um poeta futurista, um varredor de ruas, um “grillo”, um contínuo e diversos trabalhadores”¹⁴⁸ e publica, em primeira página, as expectativas desses indivíduos. Cinco dias mais tarde, é a vez de Bananére divulgar suas vontades, caso ganhasse o dinheiro, agindo como se ele também tivesse sido um dos entrevistados da reportagem anterior: “Vuceis prigunta se io tirassi a lutteria da a Spagna o chi é che io faceva?”¹⁴⁹.

Um dos seus desejos era mandar “abuscá u Mussolino p’ra urganizá u facisimo nu Brasile i mandava també trazê u dottore Risco p’ra amuntá aqui una succorsale da fabbrica di “olio di risco” p’ra furnecê materia prima p’ru Mussolino”¹⁵⁰, ou seja, fornecer ao ditador o óleo de rícino empregado nas torturas dos inimigos políticos do fascismo na Itália.

Existe nesse mesmo texto uma referência a Júlio Prestes – “Adimittia o Giulio Imprestimo

¹⁴⁸ *Diário Nacional*, SP, ano I, nº 140, 24/12/1927.

¹⁴⁹ Juó Bananére, “Se io tirasse a lutteria da Spagna!”, *Diário Nacional*. SP, ano I, nº 145, 29/12/1927.

¹⁵⁰ *Idem*.

du lugaro di presidentimo i p'ra disfarçá mandava elli in gomiçó p'ra Orópa p'ra invirificá a indentidade du surdado disgonhecido” – e a Washington Luís – “O Oxiuinto Luigi io pigava elli i mandava elli afazê una gorda co gavagnacco delli, i s'ínforcá apindurado nu tupetto du Gapitó”¹⁵¹. Esses dois políticos são muito criticados por Bananére durante o período no *DN* e muitos textos poderiam ser citados para mostrar essa afirmação.

Júlio Prestes, por exemplo, já aparece nos primeiros quatro artigos, e é especificamente tratado na “Currispundenza pistolare di bordimo du Armiranto Giá Ceguao”, de 31 de maio e 5 de junho de 1930¹⁵², narrando a viagem aos Estados Unidos do recém-eleito presidente do Brasil no navio Almirante Jaceguai. Como vimos acima, Bananére consegue entrar na embarcação fazendo-se passar por Menotti del Picchia e começa a reportar os acontecimentos de lá.

O italiano é encarregado por Júlio Prestes de agradecer a uma demonstração de simpatia popular encomendada pelo próprio político, dando a ideia ao leitor de que o presidente tinha por costume produzir as manifestações a seu favor: “Fui ingarigato da o dottore Giulio Imprestimo di ingrandecê ista immanivestaçó che illo ingomendó i che vuceis fizéro contanto inspomtaniéta”¹⁵³. No mesmo discurso, o narrador enaltece a cidade de “Xiririga”¹⁵⁴ pela produção de votos fraudulentos:

(...) No se come dizê quanto u Governimo é ingrandecido p'ra ista terra giniroza! Xiririga é u maiore baloarte da politicca governamentale... Sê Xiririga u Perrepe tava no o xó a molto tempo. Ma, na ora da a lotta, quano temos una inlecó arrinhida é chi si ve; quano acaba as inlecó i faiz a puracó i o governimo livó na a gabeza, i us pusicioniste gia cumeçaro a surta rojo, di repentimo xega a risurtato di Xiririga i tira quarquere indifferenza... A impositicó leva na a gabeza e chi gagna é a governimo.

Na inleçó prizidenziali fui anni. U Gitulio tenia ottocentomilla voto! U

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Trata-se dos seguintes textos: Juó Bananére, “Currispundenza pistolare di bordimo du Armiranto Giá Ceguao”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 895, 31/05/1930 e “Currispundenza pistolare di bordimo du Armiranto Giá Ceguao”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 899, 05/06/1930.

¹⁵³ Juó Bananére, “Currispundenza Pistolare di Bordimo du Armiranto Giá Ceguao”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 899, 5/6/1930.

¹⁵⁴ Xiririca era o nome de uma cidade no estado de São Paulo, atualmente chama-se Eldorado. Em *O Pirralho*, Cornélio Pires, sob o pseudônimo de Fidêncio da Costa, publicava na coluna “Correspondência do Xiririca” epístolas com linguagem acaipirada.

Giulio Imprestimo tenia seicentomilla!... Di repentimo xigó u arrizultado di Xiririga i amató a imposiçó na a gabeza: Gitulio, zero; Giulio Imprestimo, seiscentomilla. Fui na a gabeza.

Si a Musolino tivessi una terra giniroza come ista, u fascisimo tumava gonta ate do o ceu!¹⁵⁵

Em seguida, descreve a declaração de peixes em homenagem ao político, na qual o orador é um tubarão que faz votos para Júlio Prestes conseguir muitos empréstimos norte-americanos. O termo “Imprestimo”, corruptela de Prestes, é apropriado para a viagem que ele está empreendendo em direção aos Estados Unidos.

Antes du Rie, un povo di pesce fiz apará u vapore p'ra afazê també una immanivestaçó p'ru Giuligno.

Era una billeza agenti vê us gamaró di bogodigno frizado, us tubaró di gartola, as piscadigna di saia gurta i us bacagliau tutto aperfumado.

Fiz u disgorço di onrra um lindo tubaró (...)

Nois afazemo voto perché u governimo di Vostra Incellenza segia un governimo di pais, di amore i di fartura di miséria i qui cave bastani imprestimo lá p'rus Staddonidos.¹⁵⁶

Bananére insiste na animação do futuro governante para se encontrar com Greta Garbo. As expectativas se acirram quando recebe a seguinte mensagem um tanto provocante e ambígua da atriz: “Giuligno. Ti spero co coraçó aberto. Greta.”. Sua resposta é: “Greta – Cinelandia. Stô sê breque. Vai sê uma farra d'otro mondo! Giuligno”¹⁵⁷. Já escrevendo em *A Manhã*, o narrador voltaria a falar da paixão de Júlio Prestes por Greta Garbo¹⁵⁸.

Diz também que “io improcuré un ingeniére i mande rinforçá u stomaco con unas lagia di cimento armado p'ra arisisti u ingiuamente”. O uso do concreto como alimento já havia sido mencionado em 18 e 25 de novembro de 1927, como indicamos acima.

Esta crônica, portanto, mostra Júlio Prestes como luxurioso, manipulador e desonesto.

¹⁵⁵ Juó Bananére, “Curreispendenza Pistolare di Bordimo du Armiranto Giá Ceguaino”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 899, 5/6/1930.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Isso acontece na crônica “Diçlaraçó di Amore p'ru Oxinto Luigi”, *A Manhã*, RJ, ano III, nº 13, 06/03/1931.

Não se faz menção a alguma virtude dele, com exceção do momento em que se compadece do narrador e permite que ele continue a viagem no navio: “Intó o Giulio Imprestimo ficaro co molto dó di mim i mi mandaró io in paiz”, mas isso possivelmente acontece para, mais tarde, ele utilizar o poeta para fazer o discurso em seu lugar.

Outra personalidade política constantemente atacada por Bananére em vários de seus artigos é Washington Luís. Em “A mensagia prizidenciale do Oxinintó Luigi” dos dias 18 e 25 de maio de 1930, Bananére traz uma mensagem “intraduzita, da u grecco p’ra a lingua braziliana” que o presidente, hipoteticamente, enviou para ser lida no Congresso Nacional:

Non é cumprindo brigaçó nisciuna che io mando ista mensagia p’ra vuceis. P’ra mim poco s’importa us artigo da ingonstituiçó; se illa manda o non manda afaze mensagia! Io facio perchê quero, i quero afaze p’ra si annistiá i nada maise!

I si non quizesse non fizessi!! (...)

SITUAÇÓ GENERALE – a situaçó generale é opitima. U paese prugride di notte inguanto nois durmimo.

FINANZAS – As fianza vó molto bê. (...) Digono chi te grizia ma io non vi nada! Tegno gama, meza, robba lavada, otomove, casa p’ra mora i dignero p’ra gasta sê afaze força, desde chia nasci.

Non vegio razô p’ru Ze povo si gueixa! Antigamenti só si gagnava dignero prantano i vendeno café... Oggi inveiz so vendi gadêras di disputado, os disputado si vendi, si vendi votos, cuncenzas, ecc. ecc.¹⁵⁹

Escrevendo sobre as causas da Revolução de 1930, Boris Fausto afirma que a atitude surpreendente e intransigente de Washington Luís de designar um sucessor paulista para a presidência da República – quebrando assim um acordo tácito entre Minas Gerais e São Paulo, o da alternância da presidência entre políticos representativos das oligarquias desses dois estados –, pode ter componentes psicológicos significativos, mas é possível que Washington Luís visse em Julio Prestes o único homem capaz de, como líder da maioria no Congresso, garantir a aprovação da continuidade de seu plano financeiro para enfrentar a crise de 1929¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Juó Bananére, “A mensagia prizidenciale do Oxinintó Luigi”, *Diário Nacional*, SP, ano III, nº 884, 18/05/1930.

¹⁶⁰ Boris Fausto, *História do Brasil*, São Paulo: EDUSP, 2000, p. 319.

O texto de Bananére acima transcrito faz transparecer um presidente com personalidade inflexível, arrogante e autoritária, a qual aparentemente se aproxima da intransigência descrita por Fausto. Reforçando essa atitude de Washington Luís, Bananére, em vários textos, identifica-o com a figura de Mussolini como quando, por exemplo, chama-o de “Mussolino de Macaé”, parodiando a expressão “paulista de Macaé”, como era conhecido.

Em 1931, último ano de sua permanência no *DN*, escreveu cinco artigos. O segundo, de 8 de março, traz uma entrevista com o financista inglês Sir Otto Niemeyer que visitava o Brasil em 1931. A caçoada gira em torno das propostas para melhorar o sistema econômico do país, visando, obviamente, salvar os empréstimos brasileiros tomados da Inglaterra, nossa maior credora no momento. A visita realmente ocorreu e foi noticiada no jornal¹⁶¹. Quando o “Ciro Otto Nimaia” propõe que o “Zepovo” economize dinheiro, o comentário de Bananére é ríspido:

– Ma che! Vucê é besta sô Nimaia... U che chi vucê quere chi u Zepovo ingonomizi?... Chi té duzentó podi ingonomizá uno tostó, machi non té né uno vinté, ingonomiza u che?! Só si fô p´ra ingonomizá a fomi. Istu podi sê.¹⁶²

O barbeiro age como especialista em questões financeiras e refuta as propostas do inglês. Diante da frustração, “Ciro Otto Nimaia” diz que vai tentar solucionar o problema de outras maneiras, mas a resposta é rápida:

– Non perda o suo tempo. Vucê é grandi finanziste lá inda a sua terra, ma aqui indo o Brasile vucê é cangia p´ru Balestra...
Finanziste migliore di vucê té aqui maise di milla (...) ¹⁶³

Nos dias 13 e 18 de março de 1931, são publicados dois artigos com o título *Ligió*

¹⁶¹ Mais especificamente, essas notícias aparecem nos dias 14 e 15 de janeiro de 1931 e 14 e 15 de fevereiro de 1931, in *Diário Nacional*, SP, ano IV, n°s 1078, 1079, 1105, 1106.

¹⁶² Juó Bananére, “Guestos Finanzera”, *Diário Nacional*. SP, ano IV, n° 1123, 8/3/1931.

¹⁶³ Idem.

Inrivolucionária di Zan Baolo, inspirados no manifesto redigido por Plínio Salgado para Legião Revolucionária de São Paulo e publicado a 4 de março:

A Ligió Inrivolucionária di Zan Baolo, con ista linguaia simpris i dispretensioza, fala p'ras massa in generale, con ovo o sem ovo, con farinha de primeira o con farinha di segunda. (...) Si adirigi specialemente p'ra scuola verdiamarella da puliticca ferroviaria dus abecesso inframatorio das impertrofia cerebral subinconsienti das massa graneana du índio co negro che ingerô isto prodotto imbrido xamado “o omi c'oa razza”¹⁶⁴

Bananére faz um discurso extremamente confuso, cheio de palavras rebuscadas, mas sem sentido algum, ridicularizando, desta forma, o manifesto original, o qual pretendia se dirigir às massas, e as próprias ideias integralistas. A menção a “scuola verdiamarella” relembra que o manifesto havia sido redigido por Plínio Salgado, visto por historiadores como base para seu Manifesto Integralista¹⁶⁵. Como notamos, os antecedentes da Revolução Constitucionalista e as movimentações de diversos lados apareciam nas crônicas.

O último texto no *DN*, ao qual já fizemos referência, é o poema “Una furtiva lagrima”. Nele, Bananére lembra com saudades do tempo do PRP e dos políticos de antes da Revolução de 1930:

Quano alembro aquillo tempo
Chi mandava u Perrepê,
Sinto “Una furtiva lagrima...”
Du mio zoglios acorre.
(...)
Oggi apparece to dolce
Come u gantá da giurity,
As tortura indilizioza
Du posto du Gambucy.
(...)
No tempo du Perrepê
Só tenia cumedera,

¹⁶⁴ Juó Bananére, “U manivestu da a Ligió Inrivoluzionaria di Zan Baolo”, *Diário Nacional*. SP, ano IV, n° 1127, 13/3/1931.

¹⁶⁵ Maurício Parada, “Notas Políticas: o jornal A Razão e o jornalismo político de Plínio Salgado”, in: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007: o texto pode ser lido em <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0111-1.pdf>>.

Guverno di braço forti
I “cummigo é na madêra”
(...)
Una furtiva lagrima
Cai dus mios zoglios xuroso,
Solamente di sodades
Daquillos tempo “ominoso”,¹⁶⁶

Como dissemos, a saudade referida no texto é uma ironia, reforçada pelo “sodades daquillos tempo “ominoso”. Este último termo tem a sonoridade de “luminoso”, mas seu sentido literal, de agourento, é que dá o significado ao texto. O título da poesia, primeiro verso de uma ária da ópera “L’Elisir d’Amore”, de Donizetti, parece ter aí sido empregado para dar certo sentimento romântico à poesia.

¹⁶⁶ Juó Bananére, “Una furtiva lagrima”, *Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1136, 24/03/1931.

A Manhã

Até 1926, Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly escrevia para *A Manhã*, jornal de Mário Rodrigues, ex-secretário do *Correio da Manhã*. Sua coluna, “A manhã tem mais...”, tinha boa receptividade e vinha assinada com o pseudônimo *Apporelly*.

A Manhã, sátira ao órgão de nome parecido, é fundado por Torelly em 13 de maio de 1926¹⁶⁷ no Rio de Janeiro. O novo jornal de humor tem êxito, superando fórmulas conhecidas de outros de mesmo gênero, como *O Malho* (1902) e *Careta* (1908). O principal desenhista e diagramador, responsável pelas feições do periódico, era o paraguaio Andres Guevara, amigo de Aparício Torelly. Passaram também pela equipe Martiniano, Mendez e Hilde. O formato era ousado e acompanhava o espírito satírico de seu diretor. Quase sempre com oito páginas, o jornal tinha muitas ilustrações, fotos retocadas e deformadas com nomes de legenda alterados. Algumas colunas e suplementos ficaram cada vez mais regulares.

Com muitas ausências e voltas, *A Manhã* dura 26 anos, sendo publicado pela última vez em setembro de 1952. Ao longo do tempo, foi adquirindo formatação inovadora, com seções, colunas, artigos e ilustrações com diagramação elaborada e particular.

A seção macarrônica inicia-se no seu primeiro número com um “Suprimento de Portugali” escrita pelo correspondente Affonso Coschta, provavelmente pseudônimo do próprio Apparício Torelly. Um suplemento italiano já havia sido publicado pela primeira vez no dia 14 de outubro de 1927 pelo correspondente e jornalista Basgualé, mas não teve continuidade, retornando pouquíssimas vezes. No início de fevereiro de 1931, Basgualé traz sua derradeira publicação do “Subblemento Italiano”, que na semana seguinte é substituído pelo “Sublemendu

¹⁶⁷ Ver Leandro Konder, *Barão de Itararé*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983; Ernani Ssó, *Barão de Itararé*, Porto Alegre: Tchê! Comunicações Ltda, 1984 e Claudio Figueiredo, *As duas vidas de Aparício Torelly - O Barão de Itararé*, Rio de Janeiro: Record, 1987.

de Syria e de Beyruth”.

Quando Bananére começa sua colaboração em *A Manhã*, substituindo Basgualé, o jornal já publicava regularmente os suplementos de Portugal e Alemanha, agora com os pseudônimos Varão de Paixoto Serra e Humbertus Von Kippinging, respectivamente, provavelmente também elaborados por Torelly.

A atuação de Bananére na folha carioca se dá em 27 de fevereiro de 1931, com o suplemento “Organo Uff. da gollonia italiana fasciste de Zan Baolo”. Suas crônicas serão mais frequentes do que no *Diário Nacional* e, até 19 de agosto de 1933 escreverá semanalmente, geralmente às sextas-feiras, com raras exceções. Os primeiros quatro artigos são escritos no mesmo período de tempo dos seus quatro últimos para o *Diário Nacional*. Além disso, podemos observar sua ausência n’ *A Manhã* de 9 de julho de 1932, data da eclosão da Revolução Constitucionalista, até 13 de janeiro de 1933. Nesse intervalo, o suplemento de Bananére é substituído, apenas por 3 números, por outro chamado “O Boateiro”. É durante esse momento que escreve as cinco crônicas no *Jornal das Trincheiras*, de 25 de agosto a 08 de setembro.

Sendo *A Manhã* produzido no Rio de Janeiro, Bananére será, como os outros cronistas macarrônicos, um correspondente, com a diferença que ele estava, de fato, em outro estado. Como é costume, muitos dos textos irão dissertar sobre a situação política paulista. Os leitores, no entanto, são cariocas, o que permite uma atuação propriamente com funções de um correspondente, trazendo outras perspectivas.

Por estar em um jornal cômico, retoma os moldes de *O Pirralho* e não é o único “estrangeiro”, como acontece no *DN*. O Barão de Itararé e Juó Bananére tinham algumas semelhanças. Em *A Manhã*, a principal figura era o próprio diretor, carregando o título honorífico de Barão. Como Bananére, ele era íntimo dos políticos da época e circulava bastante à vontade entre milionários e chefes de estado. Também neste caso percebemos a criação de um universo peculiar.

Uma proposição plausível é a de que Alexandre Marcondes tenha se entusiasmado com a boa recepção do jornal carioca e decidido fazer o seu próprio, o *Diário do Abax’o Piques*, recuperando os moldes de outrora, com textos totalmente humorísticos e repletos de diferentes linguagens macarrônicas.

O primeiro artigo para *A Manhã* tem por abertura um texto ambíguo apontando a

incorruptibilidade do redator, que não se vende por dinheiro nenhum: “Istu Suprimento da a Mánha non si vende pur dignêro nisciuno, ma chi cumprá a Mánha leva uno di meia gara”¹⁶⁸. Vinha, a seguir, a crônica “A sede da Inrivoluçó” na qual o narrador critica a ida de lideranças da Revolução de 30 às estações de água e intitula Getúlio Vargas de “inlustro prisidentino ingonstituzionale”. É difícil avaliar se é intencional o emprego do termo “inlustro”, indicando alguém sem brilho e se “prisidentino”, isto é, presidentezinho, seja erro de imprensa (vale lembrar que no *Diário Nacional*, Washington Luís foi sempre chamado de “prisidentimo”, esta sim corruptela de “presidente”). Já “ingonstituzionale” parece censura voluntária à tomada do poder por Getúlio:

Cabada a inrivolucó, oggi a genti non precisa priguntá andone stó us xeffe!
Gia si sabi: — stó tuttos nas stacó di acqua.

Non se si fui u xirigno da porva, non se si fui u susto, o se illos livaro tuttos tempo da guerre cumeno só garne sega, u fattimo e chi bateu uma sêde nus tale...

Ota pissoalo pau d'acqua di Gambuquira, acqua di Gaxarnbú, acqua di Gardas.

Aóra chi també u dottore Gitulio Danella inlustro prisidentino ingonstituzionale també fui bibê acqua in Minagerais só farta i u maggiore Miguele Costa che segundo gorre u buattimo vai pras acqua di golonia.¹⁶⁹

Na sua segunda publicação, no dia 6 de março de 1931, enquanto ainda mandava textos para o *DN*, Bananére decide fazer a chamada de seu suplemento dizendo: “Us dismogratigo sô muito antipattico”:

Io tegno, uma birra cos dismogratigo pur causa chi é uno pissoalo maisi tipatico p´ra burro! Vive con umas cunversa di adifendê Zan Baulo i us baoliste, maise é tutto potoka!

Aóra stó c´oa mania di querê butá p´ra fuori u Migué Gosta co Juó Aberte pur causa chi illos só straniére.

Ma che! isso mesimo é che io quero! pur causa che dai, noise baoliste non precisa mais trabagliá. Ta xeio di parnanbugano, sargipano, i gauxe trabagliano p´ra nois baoliste i nois stamo di papo p´ru aro guzano a a vita!

Che pissualo artruiste istus straniére chi larga a terra dellis bandonada, na brutta miséria, sê tê né fijó p´ra cume i vê aqui trabagliá p´ra nois, i inda te chi

¹⁶⁸ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 11, 27/02/1931.

¹⁶⁹ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 11, 27/02/1931.

turá as impertinenzas dos dismográtigos.¹⁷⁰

Revela-se aqui o preconceito existente em São Paulo contra os imigrantes tanto estrangeiros (Miguel Costa era argentino) como de outros estados e, em particular, contra João Alberto, por ele ser pernambucano. Ele aponta para a ocupação de cargos políticos por indivíduos de outros estados, especialmente do Rio Grande do Sul:

Vegia só u Rigrandi! Sairo tuttos gaucho di lá p'ra ficá tuttos benigadamente insagrifigado como ditadores, ministrimos, terventores, generalos, tenentes, preffetos, ecc. ecc., inguanto chi u Rigrandi, vasio, stá co papelo p'ra lugá.¹⁷¹

A insatisfação dos paulistas, após a Revolução de 1930, com as nomeações de cargos aparece em seu discurso.

Em 21 de março de 1931, o *Diário Nacional* euforicamente anunciava “O Rio prepara-se para receber o príncipe de Galles”¹⁷² e divulgava as modificações no programa de recepção ao ilustre visitante¹⁷³ ao Brasil. No dia anterior, no entanto, Bananére já havia anunciado em *A Manhã* a programação do evento:

U prugrammo das vesta che stá organizado é u seguinte:
1º) Xigada do trenhes inda a staçó da a Luiz.
2º) U principio di Gallos vê dentro du trenhes.
3º) Tutto desapea.
4º) Disgorso.
5º) Segue tuttos di taksi p'ru palazzo dus Gamposilisio, chi fui ricentimenti lavado i incerado di nuovo.

¹⁷⁰ Juó Bananére, “Organo Uff. da goloria italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manhã*, RJ, ano III, nº 12, 06/03/1931.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² *Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1134, 21/03/1931, p. 1.

¹⁷³ Trata-se de Eduardo VIII (1894 – 1972), filho do Rei da Inglaterra, Jorge V (1865 – 1936).

6º) Disgorso.

7º) Visita p´ru Butatanhes p´ra vê a Mussurana acumê a Giararacca.

8º) Disgorso.

9º) Inomenaggio p´ru Principo dus Gallos grandi spetacolo di gallas nu Tiatro Pulittico c´um matis di bokis entri u gampió di peso gallo Amarrei Giuno i u gampió di peso pesado Migué Costa. Non si sabi ainda chigné chi vai aganhá. Chi aperdê gagna uno bilheto azulo.

10º) Grandi macheronata nu Grubo Commerciali, c ovino Grignolino i ballo. Chi quizé danzá co Principo apaga quinhentó a rodada.

11º) Intervallo p´ru pissoalo durmi.

12º) Lógo di manhã cedo, nu die seguinte: - gafé com pon i mantega i disgorso.

13º) Non vai avisitá uma afazenda di gaffé. Istu já stá fora da a moda. A moda c´oa Ripubliga Nuóva é avisitá uma fazenda di gavallo. Stó na a moda aóra, us gavallo. Visita p´ra fazenda du Leneu Palamaxado.

14º) Istu numaro é du Principo. Illo vai gai du gavallo p´ra nois vê, che illo é u migliore specialiste nu artigolo.

15º) Galope finali.¹⁷⁴

Quando o príncipe vem ao Brasil, a crônica de 4 de abril de 1931, detém-se sobre o assunto. Na chegada, o jornalista oferece a realza o título de “Cav. Uff.”, uma vez que Bananére é o representante do governo do Abax’o o Piques. Desta forma, dá ao príncipe um status realista a uma autoridade de importância limitada nas decisões econômicas da Inglaterra e, por consequência, no Brasil – que eram aquelas que realmente nos interessavam. Este rebaixamento do visitante será reforçado por sua descrição física – “(...) uno rapaizigno pichinigno, virmeglino, com dois buraquigno azulo nu meio da a gara chi só us zoglio.”¹⁷⁵ – e quando, mais adiante, conta que o príncipe de Gales, dentro de seu campo restrito de autoridade, também condecora-o com a insignificante “ordia du Bagno, una das maise impurtanti da Inglaterra”. Este título Bananére não gosta muito: “Nóis só toma bagno nu die chi nasci i quáno ingompretta vintes uno annos. Se io vô atumá istu bagno aóra io si gonstipo na certa”¹⁷⁶. A passagem faz, assim, piada sobre a aversão dos europeus pelo banho.

A precária situação econômica paulista – sugerida pelo mobiliário velho e alugado, pelos tapetes baratos – e a tentativa de escondê-la do visitante sob uma fachada de magnificência é

¹⁷⁴ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 14, 20/03/1931.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 14, 04/04/1931.

mostrada ao narrar a chegada da comitiva ao Palácio dos Campos Elísios

Che billeza u Palazzo dus Campos da Iliza. Tutto arriformado di nuóvo, si via u dedo, u gosto i a distinçó da a Ripubliga Nuóva.

(...). Pur dentro otra billezza! Mubilliario antico lugado nu berxió: tapetos di gobellignos di legitima grinna di gavallo; gortinas di damasco di gretino stampado i armofadas di marcella gallega coberta di villudo.

Tutto molto disgreto, molto sombrio, molto xique.¹⁷⁷

A crítica ao gosto pouco requintado da República Nova pode ser uma referência da presença tenentista do governo.

Bananére envia também telegramas com novidades sobre a visita, por meio do “Servizio Telegrammico (Speciale p’ra *MANHA*)”, parodiando o expediente utilizado pelo *DN* para cobrir o mesmo evento.

No primeiro, volta a falar da nossa problemática situação financeira, agora de forma mais clara, expondo a tomada de posse do país pelos ingleses.

ZAN BAOLO, 28 (Xifrato)

- Divido a situacó finanziaera du Brasile, che stá devéno p’ra burro p’rus ingreiz i non tê dignêro p’ra apagá, i divido u gambio chi stá gaino chi né vara di rogió, u Principi dus Galos arrizorveu tumá posse du Guvernimu di Zan Baolo. A bandiéra ingreza, pur istu amutive fui astiada nu Pallazzo dus Gampo da Iliza.

No segundo, o governo insiste em esconder o clima conflituoso reinante em São Paulo no começo da década de 1930.

ZAN BAOLO, 28 (Xifrato)

(...) Illos ficaró molto bé impressionato (...) c’oa mabilidadi dus insgospiratore indigina chi stó sperano illos i sí’imbóra p’ra armá otra fuzarga i també c’oa gamaradaggia dus grillo chi até aóra non dero nellis.

Mais adiante, Bananére converte o golfe em um jogo de “pauzigno” e “boligna”. A repetição por dez vezes do termo “boligna”, com a finalidade de alongar o telegrama, ridiculariza os meios de comunicação que publicavam notícias dessa categoria como se tivessem alguma

¹⁷⁷ Idem.

importância.

ZAN BAOLO, 28 (Marigana)

- U Principi di Gallos co Principi di Giorgio furo agiugá “gorfo” co Zanto Amaro. U principi di Gallos deu una paulada na boligna i a boligna fui apará lá longi. Fummos atraiz da boligna. Dai illo deu outra paulada na boligna com tutta forza, a boligna fui s’imbora i tuttos munno fui apicurá a boligna. Axáro a boligna. Ingontinua u giogo. U Principi atrucô di pauzigno i arrumo otra paulada. A boligna assumiu. Tuttos munno stá apicuráno ella. Até a ore chi tiligrammo, quattos da a tardi, ainda non axáro a boligna.

ZAN BAOLO, 29 (Speciali)

- Axáro a bolina.¹⁷⁸

A exposição do banquete, também por telegrama, é uma mistura de comidas com motivos políticos.

ZAN BAOLO, 29 (Ovas) –

U Principi cumêu uno banchetto ufficiali co siguinto *minu*:

Intrada – Larangia da a xina (Fokistrotti). Deuse sarvi u Ré chi nois si sarváno sozigno (Inno ingreiz).

Frios – Gambio a treiz con salata di patata.

Fundig con farofa á brasiliana.

Bonus du tisôro insalata di maionezia.

Pexe – Baolista fritto a a moda du Nort.

Pratto du dia. Minêro con bota a la garabina.

Volovento gauxo a la Prisidenti.

Fuzarga di Generallo a la minuta.

Soprameza. Gafé a treis mila réis a roba.

Gallopi finalo. Tutto p’ra Gopagabana.¹⁷⁹

A entrada do jantar é uma tentativa de agradar os ingleses. A laranja consumida por eles era, de fato, oriunda da China. O foxtrote, um estilo de dança popular na Europa durante o século XIX até meados do século XX e o hino inglês, “God save the Queen”, sofre uma tradução enviesada. O cardápio segue com referências ao câmbio, ao desespero dos paulistas, aos mineiros e gaúchos no poder e ao preço do café. Todas elas disfarçadas em nomes de pratos, com complementos como “a moda de” ou “a la”.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ Idem.

Nos próximos telegramas, ele relata a histeria dos convidados ao baile no Clube Paulistano – que chegam a rasgar as roupas do príncipe –, uma partida de pólo com o goleiro liberando a passagem para que ele marque pontos e até as galinhas rendem homenagem ao ilustre convidado, “Principi dus Gallos”.

Finalmente, depois de mais um derradeiro banquete, o visitante de Gales faz um discurso, transcrito na íntegra num último telegrama de Bananére. Com uma historieta, o príncipe aponta mais uma vez para a sobreposição do governo inglês sobre o brasileiro. A submissão que antes permeava o texto com as demonstrações exageradas, os pratos especiais para o momento, preparações, jogos, etiquetas sociais, passeatas e manifestações, encontra sua máxima na fala da própria personagem da realeza quando afirma: “Sintemos inzima du Brasile pissoalo i non dexemos us marigano intrá... I abra os zoglios també cos zoglios di Moscô... Tegno ditto. U oratore fui molto ingomprimentado.”¹⁸⁰

O *DN* diariamente divulgava notícias sobre essa visita: “Enthusiasticamente recebidos pelo povo de São Paulo, os príncipes ingleses”¹⁸¹ ou “Causaram optima impressão nas rodas financeiras tanto do paiz como do exterior as declarações contidas nos discursos do Sr. Getulio Vargas e do príncipe de Galles”¹⁸². São relatadas futilidades como as vestimentas reais, o fato de o príncipe ter tomado cerveja durante uma festa, de ter dançado maxixe, de ter fumado charuto com Getúlio após o jantar, de falar corretamente o francês, o espanhol e inglês¹⁸³.

Em *A Manhã*, Bananére goza a adulação ao visitante e a comoção gerada por sua vinda, durante a qual seriam exibidas ao estrangeiro as maravilhas do país, que, na realidade, sentia os efeitos da crise econômica. Esta era evidenciada anteriormente, no programa da visita, por meio das citações de modestas refeições de macarronada, café e pão com manteiga que seriam servidas

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ *Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1141, 29/03/1931, p. 1.

¹⁸² *Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1139, 27/03/1931, p. 1.

¹⁸³ Algumas chamadas coletadas do jornal dão-nos uma ideia do alvoroço que a figura inglesa causou no país: “O príncipe de Galles e o príncipe Jorge deverão passar hoje pelo porto de Santos” (*Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1136, 24/03/1931, p. 1), “Coube ao território paulista receber, hontem, pela primeira vez, a visita do príncipe de Galles e do príncipe Jorge, ao Brasil” (*Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1137, 25/03/1931, p. 1) e, por fim, “Os príncipes britannicos deixaram hontem a capital rumo aos verdejantes cafezaes do interior” (*Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1142, 31/03/1931, p. 1) registrando as manifestações de simpatia do povo e da sociedade paulistana.

ao príncipe. Neste mesmo artigo, os políticos são como atores de um teatro em um “spetacolo di gallas” para o “Principo di Gallos”,

Essa atitude de subserviência do Brasil perante a grande potência é representada pelo sentido metafórico do termo galo, com toda a carga de superioridade que ele encerra. Essa submissão faz o prefeito de Santos dar o nome de “Inglaterra” a uma das ruas da cidade, em homenagem ao nobre visitante¹⁸⁴.

Em meados de 1930, no povoado de Coqueiros, Manoelina Maria de Jesus (1911-1960) passou a realizar milagres, atraindo centenas de curiosos à região. A notícia circulou em diversos jornais da época. Carlos Drummond de Andrade publica um texto a respeito no “Minas Gerais”¹⁸⁵, em 1931, sob o pseudônimo de Antônio Crispim. Dizia:

A lição de Manoelina aos aflitos e aos curiosos que a procuram é uma lição de humildade. Ela nos ensina a ver tudo de novo, sem os óculos de Pasteur, que acreditava em micróbios, e em a sobrecasaca dos positivistas, que não acreditavam na vacina. Tudo pode acontecer, e de ordinário são as coisas prodigiosas que acontecem. Na sua casa de barro, entre coqueiros (não sei bem se há coqueiros, mas deve haver), diante do trenzinho da Central em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo, palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor, e mil outras coisas importantes. Pode não ser uma grande santa. Mas é uma santa mineira, o câmbio está baixo, a vida difícil: para que mais?¹⁸⁶

A ironia sutil do texto de Drummond, mostrando a crença religiosa como apaziguadora dos problemas brasileiros, é escancarada na narrativa de Bananére quando ele e alguns companheiros resolvem formar o grupo para visitar Coqueiros:

¹⁸⁴ *Diário Nacional*, SP, ano IV, nº 1136, 24/03/1931, p. 1.

¹⁸⁵ Publicada em 25/02/1931 no jornal “Minas Gerais”, a crônica foi republicada na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano XXXV, 1984, p. 80-81.

¹⁸⁶ Antônio Crispim (Carlos Drummond de Andrade), “Coqueiros”, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, MG, ano XXXV, 1984, p. 81.

U pissoalo que iva era io, u Beppino Pédivento, u Malatesta, u Garmello Garetta, u Xicco do o Boteghino, a Cincetta Verduriéra, tuttos co moléstia sê importanza come: uguna, ingravada, rucubacca no o giogo do o bixo, firida brava, inframaçó nas gostella, berne, ecc. ecc.

Tenia maise: (...) U Oxinto Luigi, chi deu brocca nu cavagnaco delli, chi elli já butô tuttos remédio i non tê geito de asará.¹⁸⁷

Estão presentes figuras provenientes de seu universo ficcional, representando uma classe economicamente mais baixa, mostrada nos nomes que tem como complementos verdureira ou botequinho. Propositalmente, Washington Luís, presidente deposto, é colocado junto à caravana de seus amigos do bairro do Abaxó Piques, insinuando a queda do governante que teria se unido a um grupo de pouco peso político.

A excursão “curreu meravigliosamente, sê nisciuno acidenti”, mas por alguns problemas, demoraram “treiz die i cinques notte” para chegar ao destino. As descrições da casa, da santa e das pessoas acontecem como em “U ballo du u pallazzo”, publicado no *DN*, ou seja, aos poucos:

A CAZA DA A ZANTA

A gaza da a Zanta, non é uno palazzo come a gaza do Juó co Migué. É una supána goberta di sapé, c’oa parede apintada di azulo da gôr du céu, arrodiada di goquêros i xeio di strellignas apinduradas nas arve.

A ZANTA

A Zanta Manueligna, non é p’ra aparlá male, che io non sô uómo di si mettê c’oa vita aglieia, ma ella non é molto branga. In gompensaçó é uno pidaço di molata!...

C’un zoglios pretto come duas giabotigaba i grandi come duas larangia.¹⁸⁸

Com a entrada de Manoelina para realizar milagres, mais uma vez a questão política surge:

Mignos ermo! Nisto mondo só Deuse é verdadêro, é gamarada i é amigo da a genti! O maise tutto é farso com’o papeló!

Veggia Zan Baolo, um zanto chi Deuse queriva tanto bene i chi bandonô Deuse p’ra gompagná u Rigrandi i fui cuvardimenti atraído i aóra stá curtáno um doze co Juó co Migué, co Osvarido Aranho i otros insettimo danigno!¹⁸⁹

¹⁸⁷ Juó Bananére, “Organo Uff. Da gOLONIA italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 27, 26/06/1931.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Juó Bananére, “Organo Uff. da gOLONIA italiana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 27, 26/06/1931.

Aproveitando a temática religiosa, o estado de São Paulo passa a ser narrado sob esta perspectiva, sendo personagem e estado ao mesmo tempo. Enquanto santo abandonou momentaneamente o caminho divino; São Paulo, como estado, afasta-se do seu melhor caminho apoiando a Revolução de 1930.

Essa relação também aparece no dia 6 de novembro de 1931 quando Bananére relata sua visita a uma amiga “ispiritêra, adivinhadêra i magumbêra”, a senhora “Garmella Pé di Gallinha”. O motivo é saber sobre o futuro de nosso país. A resposta vem em uma longa e elaborada analogia em que o Brasil parece “uno grandi quejo xeio di gamondongo cuméno elli di tuttos lado. Us gamondongo stô afardado di tenenti (...)”¹⁹⁰. Um gato, “Musolino”, surge e espanta todos. Outros dois gatos espantam o primeiro, tomando posse do queijo. Bananére intervém:

- Già sê istus duos gatto é u Oxito co Giuligno!

- Ocê é besta! Sò a Inglaterra cós Stato Unito.

Illlos toma gonta du quejo. (...)

Aóra io vegio uno veglio di barba branga (...) chi xega p´rus gatto i dá p´rellis una montagna di sacco di gaffé (...).

Intó us gatto pega aquila purçó di gaffé i vai s´imbora lá longi. Daí u veglio chi é Zan Baolo, tira u giaccá di pedra das gosta du Brasile, dá ropa nuóva p´relli, butina, xapello, gamicia, ecc. ecc.

Daí p´ra dianti io vegio uma grandi attivitá nu Brasili intero. Entra dignêero sai dignêero! Entra gafe sai gafe. U gambio sobi p´ra burro chi até é preciso amarrá uno parallelipipi nu rabbo delli p´relli non asubi maise.

Vegio us gamundongo chi vê si axegâno con parti di besta, ma Zan Baolo non vai na onda! Zan Baolo non si isqueceu aquilla storia (...)”¹⁹¹

Uma determinada imagem do estado começa a se desenhar nas crônicas. No texto natalino de 26 de dezembro de 1931, São Paulo assume o papel de apóstolo preferido de Jesus Cristo. Em longa e intrincada narrativa sobre o filho de Deus, Bananére conta que o “Lazareno” apoiou a Revolução de 1930, mas esperava que o poder ficasse na mão dos democráticos de São Paulo:

Intó os dismograttico dovia tumá gonta du governimo in lugáro di Cesare p´ra indireitá as cosa i cabá c’oas perseguigó. Di tutto pissoalo, chi afaceva parti

¹⁹⁰ Juó Bananére, “Organo Uff. da gologia intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 46, 06/11/1931.

¹⁹¹ Idem.

da ingospiraçó só non tênia fugito u Lazareno i u Aposto Zan Baolo, discípulo pridilettimo du Maestro (...)

Mas os revolucionários de 1930 acabaram por trair São Paulo

tumáro gonta du governimo, butáro Gristo nu oglio da rua, tumáro gonta di Zan Baolo, dexáro illo pillado, arubáro u dignêro delli, cumêro tuttas gumida di Zan Baolo, butáro a vamiglia di Zan Baolo nu oglio da rua i inxêro a casa delli di piratas i nergumeno.”¹⁹²

São Paulo é o salvador de um processo político que, segundo os paulistas, iria destruir o Brasil. Essa é a mentalidade disseminada pelo estado durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A única alternativa para isso não acontecer era dar o poder aos paulistas. Pela leitura dos textos aqui analisados, vemos Bananére apoiando tal posicionamento, pois em nenhum outro momento sustenta a intervenção dos tenentes ou dos ministros getulistas sobre seu estado.

O descontentamento com a Revolução encabeçada por Getúlio Vargas aparece claramente em um trecho de 31 de julho de 1931:

PERCHI FUI FAZIDA A INRIVOLUÇÓ

Io stô molto disgotento c’oa riviluço. Stô disgotente perchi quano a genti faize una inriviluço é p’ra impogredi pra frenti i non pra vurtá pra traiz como ista tale garunello! Tuttos polittico era garunello! Tuttos disputado i Presidentomo era garunellos!

Afizemos una inriviluço, adiramemos u nostro sangue inroico na grandi bataglia di Tararé andove vencemos u inzercito da a polizia di Zan Baolo i salgrifiquemos u nostro bè stare p’ra adirubá us garunello i adirubemos ellis tutto! Ma che fui chi cunteceu disposa?

Cunteceu chi gairo us “garunello” i nu lugaro subiro us “tenente”.

Palavra de Deuse! Istu Brazile tê uno azaro!!...¹⁹³

A decepção dos paulistas será retomada diversas vezes com a construção de diferentes analogias. Já em janeiro de 1932, mais próximo da guerra civil paulista, em “Liçó di Storia Naturale”, ele conta sobre certos descobrimentos do cientista francês, Louis Pasteur, o “Pastore”. Bananére irá se referir aos micróbios, fermento e parasitas para explicitar as descobertas de

¹⁹² Idem.

¹⁹³ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonia intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 32, 31/07/1931.

Pasteur. Enquanto “Pastore” olhava o microscópio, sua criada colocou-se à sua frente e ele pode perceber “unos bixinho molto pichinigno andáno di uno lado p’ro outro”¹⁹⁴ no rosto dela. A descrição dos “migrobio”, “fromento” e “parazito” relata as funções ou reações de cada organismo no corpo humano. Em seguida, vem a comparação:

Uno fattimo molto curioso é a ingomparaçó da organizaçó do o mondo suciale c’oa organizaçó do o mondo dus migro-organizimo. In Zan Baolo per inzempio apricano a ingomparaçó nois teniamos chi Zan Baolo era uno gorpo omano. Nistu caso non precisa tiliscopimo né migroscopimo; co oglio anú mesimo a genti inxergava us migrobio, us fromento i us parazito.

Teniamos primieramente us migrobio che stá apruvocáno una porco di doenza in Zan Baolo: u tenentissimo chi apruvocô a indepressó cambiale; u cidadó Mané chi casiono uno disiguilibrio suciali aprumuvendo us mendigo a borghese i us borghese p’ra baxo di rabbo di gaxorro; u Gitulio Danella chi a maise di uno ano vê assustintáno a febramarella du “caso baoliste”, pur causa das baoliste tê sido besta di andá p’ras rua gritáno fatto moleque: “Nois queremos, nois queremos, Gitulio!”¹⁹⁵

Antes da eclosão da guerra, o “Subblemento Italiano” traz um resumo da situação política, com o artigo “Grandi matis di futebolla pulittico”, mostrando a disputa pelo poder entre os tenentes e os paulistas, mineiros e riograndenses. Bananére trata do assunto como se fosse um jogo de futebol com os times “Treiz di Ottobre” e “Frentes-Unica”:

Si stá rializáno urtamente uno bunito giogo entri as “frente-unicas” ariunita di Zan Baolo, Mina i Rigrandi di uno lado i do outro lado, as tenentada do “treiz di ottobre” xafiatta da o tenente Juó Retranga, cavalliére tó stimato da o povolo di Zan Baolo, che se illo vê aqui, uno die górru u pirighio di sê fazido in pedacinho da o Zépovo, che gada uno quere uno pedacinho delli pra guardá come ricordaçó.¹⁹⁶

Quando retorna às páginas, depois da derrota, o discurso de Bananére ainda sustenta a causa paulista. Comentando sobre as eleições e o alistamento eleitoral, avisa:

¹⁹⁴ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonía intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano IV, nº 3, 16/01/1932.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Juó Bananére, “Subblemento Italiano”, *A Manha*, RJ, ano IV, nº 27, 09/07/1932.

Aóra u Brasile vai vê si leva na a gabeza o si non leva na a gabeza!!...
Vamos abatê uno miglió di voto alli, no duro! Nortiste i gauxo vai ficá
c’oa língua secca di tanto amogliá us dedo p’ra cuntá voto di bauliste.
É alli na urna veglia di guerre chi nois vamo vê chi é chi podi maise; si é a
Dentadura cós 3 di Ottobre o si é nois...¹⁹⁷

Como a publicação em *A Manha* é mais extensa, mesmo tratando sobre a política paulista com frequência, há espaço para temas mais relaxados como receita para uma “soppa di pridiguglio co tagliarini”¹⁹⁸, dicas para a criação de galinhas¹⁹⁹, comentários sobre a plantação de banana e mamão²⁰⁰, considerações sobre duas mulheres que se casaram²⁰¹, a morte de Thomas Edison²⁰², a atriz “Renné Adorée”²⁰³, entre outras.

Em uma das vezes que aborda política mundial, conta “O caso do Pirú” sobre a cidade colombiana Letícia, invadida por peruanos em setembro de 1932. A disputa da cidade pelos dois países, aos olhos de Bananére, transforma-se em briga corriqueira de duas donas de casa por um peru:

A Golombia c’oa Lettizia sono duas signora chi mora lá p’ras banda du
Mazonas, andove illas tê facenda di gaffé i di griaçó di vacca. A Dona Golombia
tigna uno pirú é a Donna Lettizia arubô u pirú da Dona Golombia, chi deu u
solene strolimo!

... I pur causa do sopra arifirito robô du sopradetto pirú istos duas
arispitabiles.

Signora ferráro uma brighia feia mesmo!

A Golombia stá safada pur causa, chi a Lettizia arubô u pirú é della...²⁰⁴

¹⁹⁷ Juó Bananére, “Supprimento Intaliano”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 8, 23/02/1933.

¹⁹⁸ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonía intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 23, 30/05/1931.

¹⁹⁹ Juó Bananére, “Ifsroga Uff. da golonía intaliana antOsce de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 28, 03/07/1931.

²⁰⁰ Juó Bananére, “Assuntimos Agricola”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 29, 10/07/1931.

²⁰¹ Juó Bananére, “Organo Uff. da golonía intaliana fasciste de Zan Baolo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 40, 19/09/1931.

²⁰² Juó Bananére, “Morreu U Tomaiz Ediçô”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 45, 30/10/1931.

²⁰³ Juó Bananére, “Subblemento Italiano”, *A Manha*, RJ, ano IV, nº 14, 02/04/1932.

²⁰⁴ Juó Bananére, “Supprimento Intaliano”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 6, 09/02/1933.

Além de mostrar a guerra entre os dois países de maneira bastante simplificada, desmoralizando as questões do conflito, Bananére usa o duplo sentido ao insinuar o grande interesse das duas senhoras por um peru.

No dia 4 de março de 1932, seu texto parece estar um pouco diferente. Intitulado “U cumicio pró-ingonstituente nu dia ventes quattro”, narra um comício feito no Braz a favor da convocação da nova constituinte.

A rapaziata affurmó in roda di una brutta gaixa di kerozena, onde atripo u primero oradore da a turma, chi fu arrecivido go una prulungata salvia de palma e grittos de “Viva San Baolo libero!”

Dispôs chi si feze u silenzio, u inlustre oradore guspiu bra o lado, indirettó a garganta e disprenheu u verbu; chi fui aquella bellezza:

- Nois queremo a vorta mediata du paese bra u regime ingosdiducionale!

Fu u dilirio. A murtidó, come malucca, agritava gom toda a forza:

- Nois queremo! Nois queremo!

U oradore intó ingontínuó:

- U guvernimo indisgrizionario nó póde ingontínuá internamente a guverná sê una ingostituiçó e, purisso, nois vamo a fazê a engrenga grossa di garganta bra ubrigá u Gituglio Danella a appruvá a legge inlettoral e uncunvucá a Ingonstituente nu maise breve tempu pussive, bra che u Brasile retorna outra veze nas mô du u Perrepê.²⁰⁵

Um orador inicia o discurso, mas começa a chover. E quando alguns pensam em ir embora, outro grita para continuarem o comício mesmo assim. Entra mais um pregador, mais eloquente, pedindo por um interventor civil e paulista para São Paulo, enquanto é ovacionado pelos presentes. Na mesma página, encontra-se a poesia “Nois Queremo!” com a autoria de “Francesco Morato”.

Alguns detalhes específicos deste suplemento permitem-nos levantar a teoria de que ele não tenha sido escrito por Alexandre Marcondes, embora esteja com o cabeçalho de “Subblemento Italiano – Organo Farcista”, sob direção de Juó Bananére. Podemos começar apontando para o grande intervalo de ausência anterior e posterior a sua publicação. Antes dela, a

²⁰⁵ “Subblemento Italiano – Organo Farcista”, *A Manha*, RJ, ano IV, nº 9, 04/03/1932.

última crônica é do dia 16 de janeiro de 1932. Depois dela, Bananére retoma a página no dia 2 de abril de 1932. São longos períodos se considerarmos que ele publicava semanalmente no jornal de Aporelly. Além disso, justamente neste número o suplemento altera seu nome de “Organo Uff. da golonia italiana fasciste de Zan Baolo” para um título mais simplificado, indicando alguma alteração na sua estrutura.

Mas o que nos parece conclusivo para eliminar a autoria de Marcondes é a maneira como a crônica é escrita. A construção da reportagem segue um percurso bastante linear, sem divagação ou fuga do assunto principal, divergindo do estilo de Bananére, que costuma intercalar suas narrativas com algumas interrupções, muitas vezes alheias ao tema em questão. Ademais, a figura de Bananére não aparece em nenhum momento durante toda a narrativa, deixando o texto impessoal. Esse aspecto é nítido em sua produção, pois costuma passar suas impressões particulares para os leitores, ainda que ele não faça parte da cena. Como mostramos anteriormente, na maioria das vezes, Bananére se sobressai por diferentes razões, articulando para ser a figura principal de seu espetáculo.

A constituição da linguagem também se afasta do seu estilo. Escapando da dicção oral, o texto parece uma crônica bem estruturada “traduzida” para o macarrônico. Algumas palavras são estranhas ao repertório vocabular de Bananére, pois raramente aparecem com tal grafia, como: “bro” (pro), “gom” (com), “magnã” (manhã), “sandoviches” (sanduíches), “gaaza” (casa), “purisso” (por isso), “zabe” (sabe), “bretta” (preta) ou “gome” (como).

Lendo mais atentamente, percebemos um estilo equivalente ao de outro colunista do jornal, Basgualé, o *giurnaliste*, o primeiro “italiano” a escrever para o periódico, provavelmente pseudônimo do próprio Apparício Torelly. Ele tem pouca participação, mas além de inaugurar a página italiana do jornal, publica um texto pouco antes da estreia de Bananére.

COMO FU U ACCIDENTE DO O EMBACIATTORE GO OS GRILO
DI SAN BAOLO

San Baolo, 5 (Gorrespondenza pistolare) – U fattimo de maiore sensaçõ de questa settimana in San Baolo, fu obruto do o arranca rabo na Estaçõ do o Norte (...)

A cosa no fu sopa, nô... Tigna gente bra burro e bra gachorro na a gare da estaco (...)²⁰⁶

²⁰⁶ O texto de Basgualé chama-se “Il tristissimo accidente in San Baolo go o embaciattore Cerrutti”, publicado no dia 7 de fevereiro de 1931, em *A Manha*.

A volta de Bananére, em 2 de abril, mantém o cabeçalho anterior, “Subblemento Italiano – Organo Farcista”. E na crônica do dia 16 de abril de 1932, Basgualé faz uma participação no suplemento, anunciando porque não queria aceitar o convite de ser colunista no jornal de Apporelly. A linguagem assemelha-se àquela publicada em 4 de março de 1932:

Disgulppa o mau getto, ma io só posso fazê a inguilaboraço bra o seu giornalo, quano u Brasile entre nu regime illegale, acunvucano a Ingonstituinte.
Pur inquanto é migliore aficá asi mesimo.
Mi dêxa suzigno, chi io vó dano um geitigno bra no bancá u flagelatto du Ceará e accetta gom u pissoalo da a redaccó e gom us gamaratta da ufficina, us mio sincero vottimo d’infilicittá.²⁰⁷

Em sua última crônica, do dia 19 de agosto de 1933, Bananére demonstra alguma esperança – se irônica ou literal, nunca o saberemos – e celebra a prometida indicação de um interventor civil e paulista, Armando Sales Oliveira:

Aóra, com uno terventore civile i baoliste, con uno governino baoliste, ai vuceis vai vê u gambio subi chi né vara di figió, os tomobile sai p’ra rua o dignêro incirgolá os monte, i as rua si inxê d garunello di chapéu di Xili i di francesa impiriquitada.

(...) A Dentadura errô p’ra burro afazéno o che fiz p’ra Zan Baolo, ma vamos isquecê tutto i apassá uma spongia inzima du apassato. Non si parla maise nistu i stá tutto cabado. Vamos incominciá vita nuóva, i vamos dizê come aquillo oradore disgonhido da Pininsula Inberiga (vidi disgotso pulittico du Legario MaMarciale in Bellorisonte) dissi p’ra Gristo: - Perdoai signore, che illos non sabi o che faiz...

Assustenta o fuogo chi a vittoria é nostra!²⁰⁸

²⁰⁷ Basgualé, “Basgualé, giornaliste, non quizzo accettare u gunvite”, *A Manha*, RJ, ano IV, nº 15, 16/04/1932.

²⁰⁸ Juó Bananére, “Supprimento Intaliano”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 32, 19/08/1933.

Jornal das Trincheiras

A Revolução de 1930 deixa marcas significativas para os paulistas. As consequências aparecem dois anos mais tarde com a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o Estado de São Paulo se levanta contra o governo central. Durante a conturbada guerra civil, um jornal circulava autointitulando-se “órgão oficial da Revolução Constitucionalista”. Planejado pela Comissão de Imprensa da Liga de Defesa Paulista, o *Jornal das Trincheiras* funcionava como disseminador das notícias militares.

A organização civil Liga de Defesa Paulista foi fundada em 28 de maio de 1931, presidida pelo Dr. Francisco de Sales Vicente de Azevedo, tendo por objetivo lutar pelos interesses da terra paulista. Mais tarde, criam uma comissão de imprensa que contava com Couto de Barros e Vivaldo Coaracy.

As gráficas de Júlio de Mesquita Filho, de *O Estado de S. Paulo*, em sintonia com a Liga de Defesa Paulista, passam a imprimir as edições do *Jornal das Trincheiras*²⁰⁹. O periódico revolucionário e clandestino direcionava-se aos leitores civis e militares e, de certa maneira, funcionava como intermediário entre as duas partes, contribuindo para a comunicação entre elas.

Em primeiro número, publicado a 14 de agosto de 1932, com apenas quatro páginas, está em formato pequeno, parecido com um panfleto, e ainda sem ilustrações. As notícias são todas a respeito da guerra. No expediente, há o aviso de que será publicado às quintas-feiras e domingos e distribuído entre as tropas constitucionalistas pelos delegados da Liga de Defesa Paulista.

Essas particularidades permanecem até a sua quarta tiragem, quando o jornal ganha novo formato, no dia 25 de agosto de 1932. Maior, com nova aparência e ilustrações, mas ainda com quatro páginas, os editores anunciam que “passa agora a ser executado nas oficinas d’ “O Estado de S. Paulo”...”²¹⁰. O periódico tem vida curta, somando apenas 13 publicações, que eram feitas a

²⁰⁹ Além das informações coletadas do artigo de João Paulo Rodrigues, “Informação e mobilização: A atuação do jornal *O Estado de S. Paulo* na campanha constitucionalista de 1932”, In: *Patrimônio & Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007 p. 116, observamos que o próprio jornal anuncia o uso das máquinas no dia 25 de agosto de 1932, SP, ano I, nº 4, p. 2.

²¹⁰ *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 4, 25/08/1932, p. 2.

cada cinco dias, algumas vezes com intervalo até menor. Tem seu derradeiro número em 25 de setembro de 1932, bem próximo da data oficial do fim da Revolução, dia 4 de outubro.

Os paulistas decepcionaram-se com os rumos da Revolução de 1930, que haviam apoiado euforicamente. Miguel Costa chegou a ser carregado em triunfo pelas ruas de São Paulo. Mas com a nomeação de João Alberto para interventor, a elite se dá conta de ter sido alijada do poder pelos tenentes. Por pressões dos paulistas, assim como o tenente João Alberto, mais três interventores até 1932 veem-se obrigados a desistir do cargo. Para Boris Fausto, os tenentes defendiam junto ao poder central a representação por classes, o prolongamento da ditadura, a punição de políticos comprometidos com a República Velha, o prevalecimento do espírito revolucionário traduzido em um amplo programa de reformas. Porém, a falta de identidade dentro do tenentismo atende aos objetivos de Vargas que se aproveita dessa condição para, pela nomeação dos tenentes em postos importantes dos estados, neutralizar o poder político das oligarquias sem, no entanto, modificar de maneira expressiva a estrutura sócio-econômica vigente²¹¹.

Os tenentes desconfiavam das elites paulistas e acreditavam que o seu objetivo real era o da conquista do poder. Preconizavam, então, reformas sociais as quais não atendiam aos interesses das oligarquias. A historiadora Aspásia Camargo em documentário sobre a Revolução diz que

para os tenentes democracia era democracia social, era dar poder a novos grupos, era revitalizar classes e grupos que jamais tinham tido voz para neutralizar as oligarquias. A democracia era antioligárquica. Para os paulistas, democracia era democracia formal, democracia jurídica e não tinha nada a ver com democracia social²¹².

Quando o tenentismo tenta se impôr como movimento autônomo, livre do apoio getulista,

²¹¹ Bóris Fausto, *A Revolução de 1930 – Historiografia e História*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1975, p. 71.

²¹² Aspásia Camargo em documentário de Eduardo Escorel, “32 – A guerra civil”, de 1992.

vê-se em um processo de desmoroamento. Embora, a princípio, tivesse a simpatia popular, a classe média deparando-se com o conflito entre PD e tenentes, gerado após a Revolução de 1930, prefere voltar-se para os democráticos, onde viam quadros intelectuais mais expressivos²¹³.

O governo getulista, contudo, tenta manter a interventoria de São Paulo sob a guarda dos tenentes. Com isso só fez aumentar a crise contínua entre os políticos da burguesia paulista e o governo central. Ao mesmo tempo, Getúlio propõe uma atuação econômica visando à industrialização, oferece certa proteção aos trabalhadores urbanos e dá suporte às Forças Armadas, propostas totalmente contrárias aos interesses dos fazendeiros de café.

O progresso de São Paulo continua crescente durante esses anos. Em ritmo acelerado o estado urbanizou-se e industrializou-se. A evolução da cidade entra em conflito com o rumo que estava tomando sua política. Assim, a Revolução Constitucionalista de 1932 foi um acontecimento decisivo para São Paulo. Após o conhecido episódio da morte dos quatro rapazes (Miragaia, Marcondes, Dráusio e Camargo) no dia 23 de maio, quando a sede da Legião Revolucionária de São Paulo foi atacada por um grupo de manifestantes, o movimento para a revolução aumentou e estourou em 9 de julho de 1932.

Como afirma Vavy Pacheco, “23 de maio é o dia em que essas forças que acabaram concretizando a Revolução de 1932, extinguiram o seu inimigo interno, que era a Legião e Miguel Costa. Em 9 de julho, eles avançam contra o inimigo externo”²¹⁴.

A bandeira carregada pelos paulistas durante a Revolução é de que eram o único estado do Brasil a ter coragem para enfrentar o novo governo. Os panfletos circulavam iterando que um só estado lutava por todo um país, pela vontade nacional. No *Jornal das Trincheiras*, um texto publicado com a assinatura “V. Cy”²¹⁵ anuncia: “Entramos nesta luta para vencer não há outra solução possível. Para isso S. Paulo envergou as armas como *paladino da vontade nacional*”²¹⁶ [grifo nosso]. Nas folhas volantes lia-se: “Paulistas! No momento, ou si é por São Paulo e pelo Brasil, ou si é pela ditadura e contra o Brasil!” ou “Paulistas!!! Brasileiros!!! Pela Constituição!

²¹³ Fausto, op. cit. (1975), p. 73.

²¹⁴ Comentário feito por Vavy Pacheco Borges em documentário de Eduardo Escorel, “32 – A guerra civil”, de 1992.

²¹⁵ Possivelmente, o jornalista, engenheiro e escritor, Vivaldo Coaracy.

²¹⁶ *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 3, 21/08/1932, p. 2.

Pelo Brasil Unido e forte”.²¹⁷

A imprensa tem caráter fundamental nesse contexto, pois a guerra impunha ampla mobilização social. O *Diário Nacional* também divulga notas sobre a guerra conclamando o apoio do povo, mas deixa de circular no dia 30 de setembro de 1932, não voltando a ser publicado.

Com os jornais e o rádio, a imprensa paulista funcionava como verdadeira máquina formadora de opiniões. Além da voz de Cesar Ladeira, que se tornaria o locutor oficial do levante armado²¹⁸, volantes, cartões postais, partituras, folhetos e cartazes traziam palavras de ordem com regras de conduta para assegurar a vitória imediata. Ana Maria Camargo aclara: “Na retaguarda, aquém das trincheiras, trava-se um outro combate, feito de palavras e papéis, alimentando um movimento de opinião pública sem precedentes”.²¹⁹

Foram inúmeras as estratégias para a mobilização da população. Iam desde Manuais de Campanha do Voluntário Constitucionalista e Instruções de Emergência, com táticas de guerra aos militares despreparados, a panfletos que circularam depois da revolução, ainda buscando outro tipo de luta como boicote a comerciantes.

A revolução em São Paulo, segundo Maria Helena Capelato, conta com o apoio de intelectuais de diversas tendências políticas como Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Paulo Setúbal, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Guiomar Novais Pinto, Camargo Guarnieri, Brecheret e Belmonte. A participação de Alexandre Marcondes no *Jornal das Trincheiras* acaba, por conseguinte, sendo compreensível.

Diferentemente do sucedido no *DN*, em que seu papel seria elaborar páginas com caráter mais relaxado contrapondo-se às notícias sérias do jornal, aqui Bananére tratará especificamente sobre os assuntos da guerra e sua coluna não será tão descontraída em meio às notícias militares.

Sua participação inicia-se no quarto número, quando o órgão sofre reformulações em sua

²¹⁷ Frases retiradas das folhas de reprodução do *Bloco Cinquentenário da Revolução Constitucionalista*, 1982.

²¹⁸ Informação retirada do documentário “32 – A guerra civil” (1992) de Eduardo Scorel.

²¹⁹ Ana Maria de Almeida Camargo, “São Paulo, 1932”. In: *Bloco Cinquentenário da Revolução Paulista*, São Paulo: IMESP – DAESP, 1982, p. 10.

diagramação e tamanho. Sua coluna, chamada “Cronacas da Retaguardia”, ocupa sempre a segunda página, no canto superior esquerdo. As cinco crônicas aparecem do número 4 a 8 do jornal – com os seguintes títulos: “Uno consiglio p’ra dentadura”, “A gampanha do ôro”, “A gricortura na guerre”, “Os urtimo momente da dentadura” e “A dentadura no buraco!” – sendo a última publicada no dia 8 de setembro de 1932. Seu espaço é, em seguida, substituído pela seção “Cartas de Mulher”, e uma vez, no décimo primeiro número, dia 18 de setembro de 1932, pela coluna “Quadro de Honra”.

O primeiro texto aparece após um mês de iniciada a revolta.

Io, frangamente, si stava a Dentadura, dava u fóra agurinha mesimo! Guvernimo di uno Paese chi tê ventis uno stato i chi uno stato si alivanta gontra ella, i ella, co dicianovo stato du lado della, co inzercito anacionale du lado della, c’oa squadria du lado della, co tizôro sfederale du lado della, ecc. ecc. i ia quarantas i tantos die non acunceguiu indominá u Stato ribellato i nê avanzá uno passo maise du primié die, frangamenti chi é una pocca virgonha!!...

Una Dentadura assi é una dentadura stragada che pricisa i mesimo p’ru lixo.²²⁰

Ele assina como “Tenenti Juó Bananére”, debochando dos tenentes que tinham conseguido chegar ao poder no governo de Getúlio, ou indicando sua patente imaginária no conflito armado.

Seu discurso está em perfeita sintonia com os ideais paulistas que circulavam entre civis e militares. O humor, como esperado, sofre algumas mudanças. Acostumado às anedotas do dia a dia e a exposição dos desencontros políticos paulistas, Juó Bananére incorre em novo terreno. Diante dos combates e mortes, ele porta-se como um colaborador das causas paulistas, divulgando as ideias revolucionárias. Sua linguagem é mais ferina e violenta, menos humorística, e imita os discursos de palanque, procurando apoio e união dos cidadãos. A fala adquire feições panfletárias, visionária da mesma São Paulo divulgada pela mídia guerrilheira.

²²⁰ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 4, 25/08/1932.

Piratas!!!...
U Governimo Incivile, nois cavemos na bala!
O che illos deu p'ra Zan Baolo fui uma legió di "pikipokis" chi ia quazi
dois anno fizéro di Zan Baolo uno centro di gavaçó.
O che illos fizéro tambê, fui atrasformá u Perrepê, odiato da tuttos
baolistas in una legió di anginhos di azinha branga nas gosta!²²¹

Ainda nesta coluna, tratando do governo "incivile", cita a nomeação de João Alberto. Diz que avisou o tenente para ele não interferir no governo dos paulistas, mas o oficial não escutou. E aqui o estado de São Paulo aparece configurado na imagem de um leão:

A genti diceve p'relli: - Non bringa, Juó! Non bringa chi o Lió sta
durmino ma di repenti Lió accorda i vai sê uno buracco!!...
Non tê pirighio, diceva u Juó com aquilla voizinha gantada di
parnambugano, Baolista é soppa!!...
Fui a gonta! Um die i Lió accordô i cumeu u adomatore.²²²

No dia 28 de agosto, o jornal anunciava a chamada "Ouro para o bem de São Paulo", a campanha visava arrecadar dinheiro para pagar os custos da guerra. Para Boris Fausto, o que leva a classe média para a rua em 1932 é a ideia de que São Paulo havia sido prejudicado, ferido, ocupado por um tenente qualquer, carregando os demais estados da federação nas costas; essa profunda sensação de injustiça é que move e explica a mobilização em torno da causa paulista²²³. Como ensina Antonio Candido:

Neste caso, nós tivemos uma explosão geral das classes dominadas sob a liderança das classes dominantes. E a Revolução de 32 (...) marca o último momento em que as classes dominantes conseguiram incorporar as classes dominadas, ao seu projeto político como se o povo fosse um só bloco²²⁴.

²²¹ Idem.

²²² Idem.

²²³ Comentário feito por Boris Fausto no documentário "32 – A guerra civil" (1992) de Eduardo Escorel.

²²⁴ Comentário feito por Antonio Candido no documentário "32 – A guerra civil" (1992) de Eduardo Escorel.

Muitos doaram suas posses em nome de uma demanda tida como universal. O *JT*²²⁵ anunciava: “milhares de pessoas de todas as condições diariamente acorrem pressurosas a levar o seu concurso a causa de São Paulo”²²⁶. O envolvimento dos paulistas nessa campanha, de maneira geral, foi intenso.

“A gampanha do ôro”, segunda publicação de Bananére, é uma grande paródia da repercussão desta ação. Mostra uma ampla lista de personagens de seu ambiente, como “Concetta Verduriera”, “Marriquinhas Lavadiera”, “Pietro Cavallo”, “Marieta Franguêra”, indicando a adoção da causa por pessoas de classe menos favorecidas.

Sta mesimo una billeza a “Gampanha do oro” p’ra vittoria di Zan Baolo inzima a cabeza dus tenenti! (...)

Tuttos munno dá oro chi tê. A Concetta Verduriera, co stabilicimento nu largo do Abax’o Piques deu uno paro di bringo di oro, legitimo galabreze, du tamanho di una roda di salamo; a Marriquinhas Lavadiera, uma portogheza chi mora pagado co minho saló di barbiere, deu uno arrilégio com gasca di oro; u Pietro Cavallo deu una colhere di prata istorica chi apertenceu p’ro Rodorfo Valentino, quano illo fiz aquilla fita do “O Figlio do Xico”; a Marieta Franguêra chi non tenia nisciuna rebba di oro né di prata p’ra dá, deu una bunita galinha carigió di molta estimaçó (...)

io dê una navaglia storica che io fiz a barba do Ducca di Gaxia quano illo vurtô da guerra co Paraguayo, una panelinha di cobri che io usava só p’ra afazê picadigno di “xuxu”, i uno anello di prata com gasca di ôro i com dois briglianto infarsifigato, lembranza da Juóquina minha molhére, che io assassiná cuvardimenti, faiz unos quindici anno.²²⁷

A última doação do narrador lembra o crime cometido por ele ao descobrir a traição de sua mulher Juóquina com o poeta e jornalista Emílio de Meneses. Mais importante que o assassinato, foi Bananére ter sido inocentado, pois o delito foi cometido por justa causa²²⁸. Ele se referiu a um episódio anterior como fez em “U Ballo du u Pallazzo”, ao encontrar o Capitão Rodolfo Miranda e o Capitão Piedade.

²²⁵ Abreviação de *Jornal das Trincheiras*.

²²⁶ *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 5, 28/08 /1932, p. 1.

²²⁷ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 5, 28/08/1932, p. 2.

²²⁸ As crônicas estão em três números de *O Pirralho*, no suplemento “O Rigalegio” sob os títulos “A tragédia nu Láro” (nº 91, 17/05/1913), “A tragédia nu láro (gontinuaçó)” (nº 92, 25/05/1913) e “O migno julgamento” (nº 94, 7/06/1913). O caso também foi publicado em *La Divina Incrensa* com pequenas modificações.

No final do artigo, fala como um revolucionário: “Dê ôro p’ra Zan Baolo, p’ra agiudá Zan Baolo, p’ra misgaiá istus “tenenti” cavacres, che stô ruinando o Brasile...”²²⁹. Em mesma coluna, divulga um “Communicato Ufficiale da Dentadura” que teria sido publicado pelo governo central sobre a situação em diversas regiões, divididas em Frente Norte, Frente Sul, Frente Mineira e São Paulo.

As tropas getulistas estariam massacrando as frentes rebeldes e gozando de momentos confortáveis. Veja-se, por exemplo, as descrições da situação na Frente Norte:

Infringimos onti una grandi derrotia inzima os reberdi di Zan Baolo.

As nostras troppa avanzáro di queluiz p’ra Barra du Piaráí. A nostra artigliaria da frenti Nortí bombardió a elitá baoliste di Riberó Preto chi ficô iscangagliata. Piguemos una purçó di prizoniére che stó tuttos morto cuntento di tê gaído in nostras mô, perchê lá illos stó se comê a guarantas dia i anda avistido di tanga perchê nontê robba p’ra avissi. Nois inveiz temos treiz robba p’ra gada surdado: una p’ro armoço, una disimoki p’ru giantáro i una p’ra í nu cinema di notte. Cumida temos tanto chi us surdado nê quere scumê; illos dô p’rus porco i só bebi pinga.²³⁰

As demais regiões estão em situação semelhante. Em São Paulo, o caso é ainda pior:

In Zan Baolo a fomi i a miseria é uno causo serio! A popolaçó da cittá só comi una veiz uno dia si uno dia nó. Non tê mais lete p’ras grianza che inveiz bebi pinga co agua i assuca. Non tê mais omi in Zan Baolo, perche giá amateamos tuttos nas frenti di cumbatto, i aóra giá andano pigano as molhére p’ra amandá p’ra guerre.²³¹

Os leitores do *JT*, possivelmente, entenderiam esses comunicados como chalaça, que brinca com as especulações ocorridas durante a guerra. Por outro lado, Bananére deixa transparecer a dificuldade da situação para os revoltosos. Como lembra Brito Broca “o humorista também se dá ao luxo de rir de si mesmo (...) revela as incongruências ou a tragicidade da

²²⁹ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 5, 28/08/1932, p. 2.

²³⁰ Idem.

²³¹ Idem.

vida”²³².

Um excerto final insinua que o trecho anterior não deva ser levado a sério:

VARIAS NUTIÇA

Gomunicação spirita

Du “Centro Spirita Deuse Stá ti Spiâno” aricebemos a ingomunigaçó chi u “Xuxu”, xeffe da Dentadura é aqui na a terra a ringarnaçó da Marquesa di Santo²³³.

A Marquesa de Santos era conhecida por ser amante de Dom Pedro I, mas nunca teve sua relação oficializada²³⁴. Bananére sugere que Getúlio Vargas estaria ocupando uma posição análoga em relação ao governo, até então, provisório; ou seja, não tinha direito legal para existir.

O mesmo procedimento é usado no número seguinte de 2 de setembro de 1932:

COMMUNICATO UFFICIALLI DA DENTADURA

Nisto momente stamos afazendo una grandi fensiva na frenti du sekiore di Leuterio, Lindoia, Socorro, Tapira.

Os reberde baoliste é soppa! In treiz dia o maise tardá o no massimo in quatro meis os reberde starô indominato.

Gia inconquistemos Tapira, Pinhalo, Gampina, ecc. E stamos marxano gontra Zan Baolo, ondi giá tomemos a Barafunda i o Billezinho. Apprendemos oitomilla reberdes, sendo dodici generalo i quarantotto gapitós. Tenenti nê si falla!...

Nota da Ridaçô – Garganta non paga imposte.²³⁵

A nota da redação, indica a origem duvidosa do anúncio, pois garganta pode ser entendido como indivíduo mentiroso, quem se gaba. A imprecisão ao dar uma data para dominação dos paulistas reforça o tom de fofoca e intriga.

Neste mesmo número, irá propor algumas soluções para as dificuldades financeiras e sociais pelas quais passam os paulistas. Com o artigo “A gricortura na guerra”, transmite sua proposta:

²³² Brito, op. cit. (1976), p. 45.

²³³ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº 5, 28/08/1932, p. 2.

²³⁴ Dados retirados de <<http://www.museusdoestado.rj.gov.br/mir/pesquisa.htm>>, último acesso em 28/11/2011.

²³⁵ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº6, 01/09/1932, p. 2.

Nisto nigocio di guerra, a gricortura é u fattore maise impurtanto, perche a gricortura é chi aproduiz a boia, i sê a boia u surdado non podi avivê... Sê bala p´ra garabina inda vái, até vai migliore, perchê a bala amaxuca a genti, ma sê u fijô c´oa carne secca i otras moniçô di barriga, a cõsa non vae nê a pau...²³⁶

Para Bananére, a única maneira de ganhar a guerra é investir na agricultura. São Paulo já produzia “fijó, arroz, batatigna, bôï, galligna, carne di bife, macarró, prisuntimo, ecc. ecc.”²³⁷, mas carecia de outros produtos, obtidos só com a importação como “u trigo p´ra afazê u pon, a carne secca, a banha, cibolla di gabeza, queggio, mantegga i arguno assucaro”²³⁸. Mais uma vez, chama os leitores: “Baolistes! É prciso aproduzi istus genere chi nos vê du strangiére, chi é p´ra na otra inrivoluçô nois non ficá intrapagliato!!”²³⁹.

O despreparo de São Paulo para o combate é citado, mas o narrador mantém um tom otimista: “Aprantemos nois mesimo i non cumpremos maise genere strangiére... Sempr´avanti Baolista! Chi a Dentadura é cangia p´ru Palestra...”²⁴⁰.

Conta também sobre um combate aéreo em que São Paulo era atacado por aviões inimigos, até seu filho Beppino ter uma ideia:

Fui daí che o migno figlio Beppino, chi é tenenti aviatore, tivo una indeia mala: - Pigô cinques gorvo chi stava acumeno uno surdado da Dentadura che tenia pigado o passaporto p´ro otro mondo, apintô os gorvos di cinzento come us aviô baoliste, butô unas élis di parpelló nu piscoço dellis, i surtô ellis atraiz dus éreoprano da Dentadura.

Fui a gonta! Quano os éreoprano nemighio viro os gorvo avuáno atraiz dellis pensaro che stava éreopranos baoliste che vinha lá longi, i abriro nos pê che vuceis nê quera sabê!

Saíro cos ôvo quibrado no rabbo i sumiro na primêra curva.²⁴¹

²³⁶ Idem.

²³⁷ Idem.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ Idem.

O recurso utilizado por Beppino zomba da matraca, instrumento que imitava o som de metralhadoras por falta de munição dos paulistas, ou seja, as complicações da guerra acabam manifestando-se nas entrelinhas do texto de Bananére.

A palavra “dentadura”, por vezes usada, permite várias interpretações, podendo remeter a algo antigo, de idade, obsoleto, antiquado; aos dentes artificiais, que tentam substituir o original; ou a ferocidade de uma “dentada”. Apontam, assim, para um governo caduco, que busca ocupar um lugar ao qual não lhe pertenceria de fato, com violência.

Outra estratégia aparece na crônica seguinte, “Os urtimo momento da dentadura”, mostrando a Ditadura como uma mulher, com emprego dos mesmos procedimentos usados na imagem de São Paulo:

A Dentadura stá apassano male p´ra burro! Tuttos medico axamado già disinganô ella.

Uno diz chi é pendicite seporata, ortro diz chi é una incongestó pormonale ma io acho chi é ina inrivoluçô intestinale molto diantada chi no stato chi xigô aóra non tê maise cura. Né a limonata da incostituizô, ne o olio di risco da incostituente non cura maise ella. A morte già stá spiano a goitadilha...

Urtimamente tentáro o urtimo recurso di uma injeçô di “paiz” p´ro intermezzo do professore Migué Cotto ma non deu risurtato.

Illa vai gai di podri, maise oggi o mais amanhã.

O Gitulio Danelis, xéffe da arifirida Dentadura já tumô as providenza p´ro interro²⁴².

Bananére fala da “doença” e elabora analogias com um jogo de palavras, remetendo aos antigos remédios caseiros usados para curar algumas moléstias e aos movimentos políticos que aconteciam.

No próximo número do *JT*, com “A dentadura no buraco!”, a Ditadura volta como uma mulher. O advogado Theodomiros Santiago²⁴³ teria enviado uma carta a Olegario Maciel. O primeiro avisa que não está mais em Minas Gerais por ficar descontente com os rumos do

²⁴² Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº7, 04/09/1932, p. 2.

²⁴³ Não conseguimos encontrar dados específicos que indicassem que o nome “Dormiro Santiago” fosse mesmo uma referência a Theodomiros Santiago, fundador do Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI) que se tornou a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). A indicação a Olegario Maciel parece clara. Ainda assim, é difícil estabelecer a relação entre essas duas figuras.

governo:

Intô, vucê chi non é maise grianza; chi già tê mesimo maise di vinteuno anno, chi stá já já cos gabello i co gavagnaco branco, non tê discanhamento di si divorziá con ista indade? Sin! Si divorziá! perchê vucê stá si adivorziando do tuo povo p'ra si gazá c'oa Dentadura, una vagabonda molto acunhecida e chi, anda aí na farra con tutto quanto é tenente pirata!

Una molhére sê virgonha, sê morale, i adurtera, chi abandonô o marido na primiéra gurva da strada, come una relis barafunda. Si signore perchê essa tale era gazada c'oa a Rivoluçô di Outubro!

Vucê non stá co miolo molto duro, Legario! Abra o oglio, chi essa barafunda ti leva p'ro buracco giunto c'oella.

Chi avisa amigo é!²⁴⁴

Olegário Maciel, presidente de Minas Gerais, que acabou aderindo à Ditadura e negando apoio aos revolucionários, é colocado como traidor, pois está relacionando-se com uma “mulher” sem boa fama, “vagabonda”, “sê virgonha, sê morale, i adurtera”.

As expectativas de Bananére sobre a guerra Constitucionalista estavam muito longe de se realizarem. Durante o período de combate, ao que se sabe, ele não escreveu para nenhum outro periódico. No *DN*, já tinha encerrado sua contribuição e em *A Manhã* há um grande intervalo nas publicações.

A esperança de que o Rio Grande do Sul e Minas Gerais apoiassem o movimento constitucionalista foi apagada quando Flores da Cunha, interventor do primeiro estado, decidiu dar suporte a Getúlio Vargas, como fez Olegário Maciel. Embora existissem pessoas nos dois estados a favor da Revolução, ficaram temerosos de ir contra aqueles que tinham ajudado a chegar ao poder. Mesmo com o apoio do famoso general Bertoldo Klinger, do Mato Grosso, a rebelião falhou. Enfraquecidos, os paulistas, ainda assim, lutaram por três meses contando apenas com a Força Pública e grande apoio popular.

São Paulo pouco podia contra as tropas de Getúlio, de superioridade militar evidente. Comandado por Góis Monteiro, o exército do governo dizimava os soldados paulistas. Assim, em 1º de outubro, São Paulo decide render-se, procurando poupar algumas vidas. Como vimos, nas páginas de *A Manhã*, Bananére faz menções às consequências políticas da guerra.

Boris Fausto ressalta que o resultado mais importante da revolução foi a consciência, por

²⁴⁴ Juó Bananére, “Cronacas da Retaguardia”, *Jornal das Trincheiras*, SP, ano I, nº8, 08/09/1932, p. 2.

parte do governo, de que não poderia mais ignorar a elite paulista. Dessa forma, em agosto de 1933, Getúlio nomeia, finalmente, um interventor civil e paulista, Armando Salles de Oliveira, o qual, como mostramos, é festejado por Bananére em *A Manhã*. Para o historiador, os poderosos de São Paulo, por outro lado, passaram a ser mais cautelosos²⁴⁵.

²⁴⁵ Fausto, op. cit. (2000), p. 350-1.

Outros tempos de Juó Bananére

Com o nosso estudo vemos que o processo criativo literário de Juó Bananére assemelha-se ao do início de sua carreira. As conhecidas “cincunferenzas” realizadas antes com figuras importantes como “Piedadó” ou o “giurnaliste intaliano Xico Carrera” são posteriormente feitas com outros convidados ilustres como “Pirolito” ou o financista “Ciro Otto Nimaia”. Outro exemplo seria o “servizio telegrafico”, recurso já usado para construir a narrativa truncada.

Mais curioso é as recorrências de temas ao longo dos anos. “Il XX Settembre”, texto de estreia no *DN* é, por duas vezes, título de crônicas publicadas em *O Pirralho*²⁴⁶. Também “U tavisimo” no jornal dos democráticos, apareceu anteriormente na mencionada revista no dia 18 de maio de 1912, sob o título “La legge del tavisimo”²⁴⁷. Podemos citar ainda a temática carnavalesca em 3 de fevereiro de 1912 na revista de Oswald de Andrade com “O Garnevalho”²⁴⁸ que será retomada em 1933 n´*A Manha* em “O carnavallo baoliste”²⁴⁹. Ou a questão do espiritismo em *O Pirralho* em 1912²⁵⁰ e em “Una sessô de spiritisimo” no jornal de Aporelly²⁵¹.

A ortografia moderna que tem o primeiro artigo publicado em *O Pirralho* no dia 13 de julho de 1912²⁵² é também assunto tanto em *A Manha*²⁵³ quanto no *Diário do Abax´o Piques*²⁵⁴.

²⁴⁶ As referências para as crônicas são as seguintes: Juó Bananére, “O XX Settembre”, *O Pirralho*, ano II, nº 60, 5/10/1912 e; Juó Bananére, “O XX Settembre”, *O Pirralho*, ano III, nº 109, 20/09/1913.

²⁴⁷ Juó Bananére, “La legge del tavisimo”, *O Pirralho*, SP, ano I, nº 41, 18/05/1912.

²⁴⁸ Juó Bananére, “O Garnevalho”, *O Pirralho*, SP, ano I, nº 26, 03/02/1912.

²⁴⁹ Juó Bananére, “O carnavallo baolista”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 9, 09/03/1933.

²⁵⁰ Juó Bananére, “O ispiritismo”, *O Pirralho*, SP, ano I, nº 32, 16/03/1912.

²⁵¹ Juó Bananére, “Una sessô de spiritisimo”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 32, 31/07/1931.

²⁵² Juó Bananére, “A artograffia muderna”, *O Pirralho*, SP, ano I, nº 49, 13/07/1912.

²⁵³ Juó Bananére, “O causo da ortografia moderna”, *A Manha*, RJ, ano V, nº 31, 12/08/1933.

²⁵⁴ Juó Bananére, “O causo da ortografia moderna”, *Diário do Abax´o Piques*, SP, ano I, nº 15, 10/08/1933.

Nesta segunda intervenção, Bananére escreve uma carta para Getúlio Vargas esclarecendo porque discorda da lei que obriga as escolas a usarem a nova ortografia. O autor reutilizava os textos nas suas publicações enquanto escrevia ao mesmo tempo para *A Manhã* e para o *Diário do Abax'ó Piques*. Com apenas dois dias de diferença, a carta é publicada nos dois periódicos²⁵⁵.

Essas repetições corroboram a tendência do autor em retomar antigos temas. Se nos debruçarmos sob os textos produzidos posteriormente ao Movimento Modernista brasileiro, verificamos que o impacto das novas intenções literárias tão divulgadas em 1922 pouco ou nada interferiram especificamente no seu processo de escrita. Sua visão de estrangeiro, antes alheia mas reveladora, tornou-se menos ingênua com o acúmulo de informações referentes à política e a fictícia vivência que tinha com os paulistas, possibilitando ao narrador abordagens mais esclarecidas. Ainda assim, a personagem é vista por muitos críticos, erroneamente, como um “pré-modernista” por ter, de certa forma, trazido à tona elementos usados nas propostas de Oswald e Mário de Andrade.

Com a leitura dos textos e análise das imagens, em especial as divulgadas no *DN*, notamos que, embora mantenha seu estilo, a personagem tem seu status modificado. A caricatura de Bananére é feita, primeiramente, por Voltolino, o artista Lemmo Lemmi, reconhecido nos anos de 1910 e 1920. Quando nasce, antes mesmo de ser adotada por Alexandre Marcondes, Juó Bananére tem características estigmatizando-o como um imigrante italiano.

Ana Maria de Moraes Belluzzo ao falar sobre a obra de Voltolino esclarece que o artista tem uma linguagem “aberta a seu tempo e supõe códigos que lhe são externos e que lhe conferem sentido”²⁵⁶. Retomando Marcondes Machado, ela reitera que, da mesma forma, para o leitor

²⁵⁵ Esse será o caso dos seguintes textos: “A filozofia das diversa tioria siciali”, *A Manhã*, RJ, ano V, nº 17, 5/5/1933 e *Diário do Abax'ó Piques*, SP, ano I, nº 14, 3/8/1933 (retira o excerto final sobre o Barão de Itararé); “Azas da Intalia”, *A Manhã*, RJ, ano V, nº 23, 17/6/1933 e nº 27, 15/7/1933 e *Diário do Abax'ó Piques*, ano I, nº 11, 13/07/1933; “A Açó Anazonala”, *Diário do Abax'ó Piques*, SP, ano I, nº 12, 20/7/1933 e *A Manhã*, RJ, ano V, nº 29, 22/7/1933 e “A ordia dus ingonfidenti”, *Diário do Abax'ó Piques*, SP, ano I, nº 13, 27/07/1933 e *A Manhã*, RJ, ano V, nº 29, 29/7/1933.

²⁵⁶ Ana Maria de Moraes Belluzzo, *Voltolino e as raízes do modernismo*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979, p. 51.

distante do processo de aculturação do imigrado italiano ficará perdida a dimensão mais viva do texto de Bananére:

É a presença do linguajar híbrido nas ruas da cidade que fornece uma referência externa ao próprio discurso e suporta seu teor cômico. Fora das circunstâncias de seu tempo, também a caricatura poderá perder sua qualidade cômica²⁵⁷.

Voltolino elabora várias personagens da “colônia” italiana, sendo Juó Bananére a mais aceita, possivelmente por ter ganhado vida com a fala macarrônica de Alexandre Marcondes. A figura criada pelo desenhista, assim como outras caricaturas, tem seu ponto de partida em uma pessoa concreta. Segundo Belluzzo, com informações de Francesco Pettinati, a inspiração foi Francesco Jacheo, que usava o nome de “Dom Ciccio”. Amigo do desenhista, o italiano tinha pouco estudo, mas sendo intuitivo e tenaz, queria ser jornalista e ter lugar especial no mundo do teatro²⁵⁸. Pettinati diz que “Dom Ciccio” era encarregado de recolher notícias e bisbilhotices para jornais como *Fanfulla* e *Il Pasquino Coloniale* e, invariavelmente, aparecia acompanhado de Voltolino nas redações. Pettinati traz ainda uma descrição

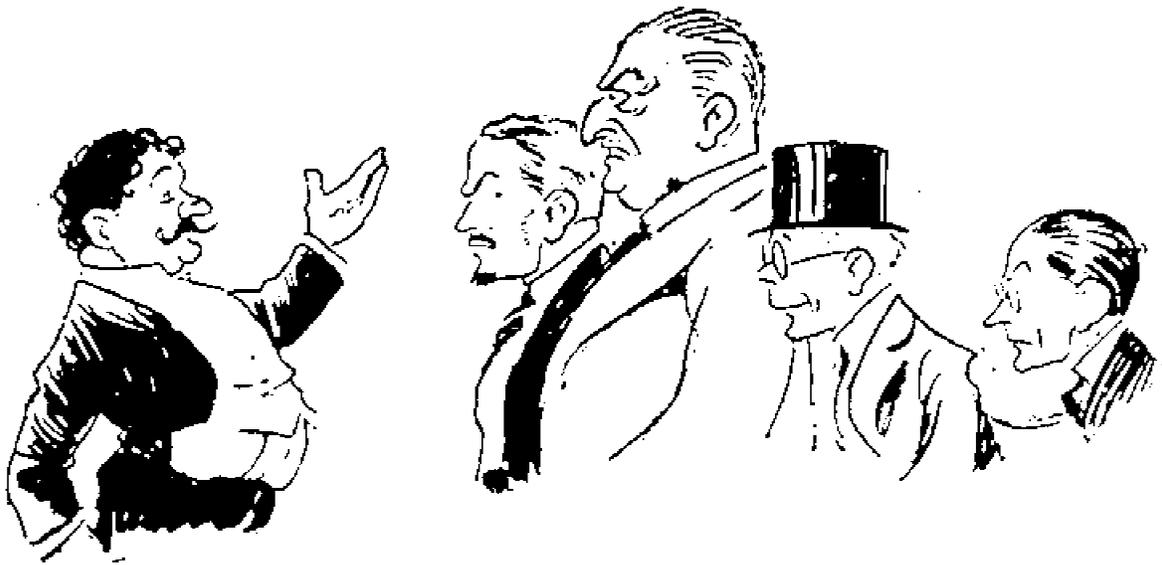
(...) no ambiente da época de ouro da variedade e da pequena lírica, com seu monóculo, calvície d’annunziana, compensado por enormes saltos em sua pequena estatura, perfumado como uma cocota, como um personagem saído do mundo caricatural de Toulouse Lautrec. Foi sua linguagem especialíssima, na qual cruzava a cadência e a sutileza napolitana, que inspirou Voltolino o celeberrimo Juó Bananére.²⁵⁹

Assim, nas mãos de Voltolino, Juó Bananére é robusto, atarracado, tem as pernas arqueadas, longos bigodes, fuma cachimbo e apóia-se em um bengalão, vez ou outra, segura uma navalha, simbolizando sua profissão. O artista morre em 1926, acabando com a parceria de anos com o engenheiro. Quando Bananére volta às páginas, sua imagem passa por mãos diferentes.

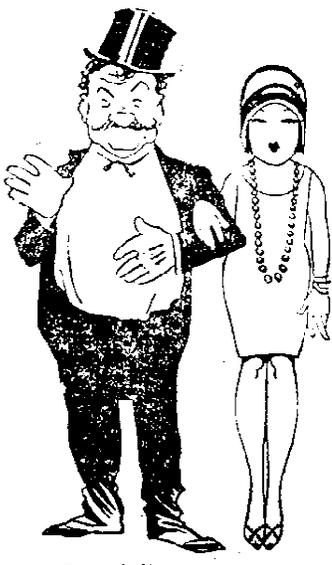
²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Belluzzo, op.cit., p.162.

²⁵⁹ Essa passagem está transcrita no livro de Ana Maria de Moraes Belluzzo, *Voltolino e as Raízes do Modernismo*, São Paulo: Editora Marco Zero, 1992, conta com a seguinte indicação: Francesco Pettinati, “Vita, glória e miracoli del ‘Fanfulla’ di ieri e di oggi. Gli umoristi”, *Fanfulla*, San Paolo, 4 ott. 1964, p. 3.



No *DN*, em 1927, é desenhado, primeiramente, por um artista que assina com o nome de “José” ou “J.”. Ele faz as ilustrações na primeira fase de participação do autor, ou seja, até 1929. A nova imagem dá a entender que o imigrante tenha ascendido socialmente e, mesmo com a barbearia, parece estar aproveitando seu momento de glória. Suas vestes são mais elegantes, está muitas vezes com paletó em meio aos políticos.



Na crônica “Se io tirassi a lutteria da Spagna!”, do dia 29 de dezembro de 1927, Bananére está com uma cartola no lugar do antigo chapéu. Antigamente, o acessório era mote para o “giornaliste” ridicularizar os poetas parnasianos, figuras supostamente pomposas que usavam cartola.

Em 1930, quando Bananére retoma o *DN* com mais regularidade, os desenhos são feitos por “Alves”, e vemos a relativa perda de peso da personagem no dia 31 de maio, em “Currispundenza Pistolare di Bordimo du Armiranto Giá Ceguaino”, em que usa roupas de marinheiro. Nos números seguintes, continua com trajes elegantes e cabelo penteado.

De modo geral, para os leitores “democráticos”, o barbeiro está arrumado, mais limpo e alinhado, e chega a abandonar a bengala. Conserva, porém, o cachimbo, o bigode e a vasta cabeleira como elementos para identificá-lo.

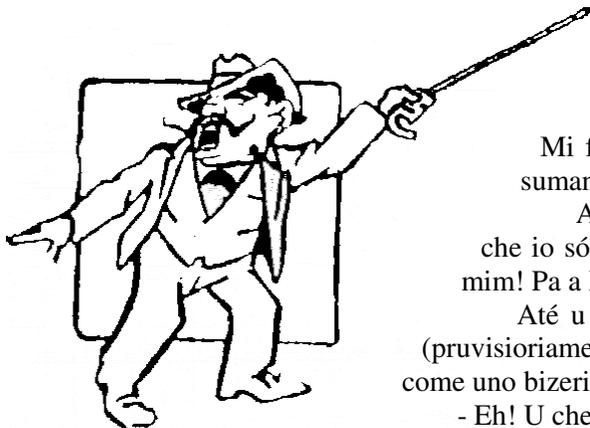


Em *A Manhã* sua imagem muda diversas vezes. Como dissemos, a feição do periódico era criada pelo desenhista, diagramador e artista paraguaio Andres Guevara. Ele, provavelmente, foi também o responsável pelas representações junto aos textos de Bananére.



A primeira aparece no dia 6 de março de 1933, na segunda participação do autor. Vemos um sujeito baixinho, de feições arredondadas, nariz mais escuro, com bigodes, careca, usando óculos de aro arredondado, fraque preto e calças listradas. Enquanto segura papéis em uma mão, a outra tem somente o dedo mínimo apontado para cima, proporcionando à figura um ar afeminado. A imagem pouco se assemelha a qualquer versão anterior, com traços que dificilmente o identificariam como Juó Bananére.

A resposta vem na semana seguinte:



Una rigramaçô votografica

Istu votograffo da A MANHA é uno indigraziato. Mi fiz impubicá a settimana apassata inzima distu giornali sumanario una invotograffia migna chi é próprio una traicó.

Assi illo mi acumprumetti c'óas gariokigna chi vô penzâ che io só mesimo feio daquillo getto i disposa illas non liga p'ra mim! Pa a Marona! Io non sô to feio ansi...

Até u Semaninho Santo, chi é u migno figlio maise piqueno (pruvisionamenti), quano spiô a tale votograffia imprincipiô di axurá come uno bizerigno. Intó io priguntê p'relli:

- Eh! U che fui, guagliô?!

- Oglia só come u migno paio é feio! Ahnnnnn...

- Ma che! Oglia p'ra migna gara! Intô sô io ista vera ahi? Eh! Imbecile!

(Non é imitaçó du imbaxiatore Xaruto, perché io non pagnê dus grillo)

- Ma stá scritto chi é vucê! dissì u Semanigno.

- Isso non tê impurtanza... Stá scritto chi u Gitulio Danella é uno grandi uómo i inveiz illo é pichininihno p'ra burro!

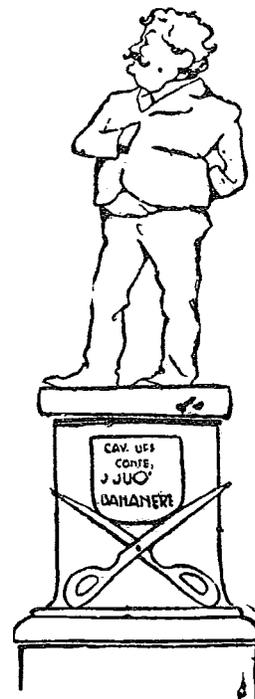
- Ma stá scritto.

- Ma non é.

I p'ra cabá a vesta inda tivi di pagná u Semanigno, a moglére i tutta a vamiglia.

Io axo che istu troxa di votograffo, quano fui tirá a migna invotograffia inveiz virô a a machina p'ra a gara delli i saiu u ritrato delli.

P'ra invitá futuras ingonfuzô mando varas votograffia migna p'ras gariokigna vê che io non sô tó feio.²⁶⁰



²⁶⁰ Juó Bananére, "Una rigramaçô votografica", *A Manha*, RJ, ano III, nº 13, 13/3/1931.

Em meio a esse texto temos três imagens de Bananére, duas delas, segundo o barbeiro, desenhadas por Voltolino. A primeira seria uma foto com traje de passeio, a outra foi tirada durante a revolução de 24 de outubro que ele comandou no Abax'ó Piques e, por fim, o retrato do busto erguido em sua homenagem no Largo do Piques.

Esta última está também nas páginas do *DN*, nos dias 29 de dezembro de 1927 e 18 de maio de 1930. Mais precisamente, o busto de Bananére aparece pela primeira vez em “Se io tirassi a lutteria da Spagna!”, na qual ele lista tudo que faria se fosse o ganhador do prêmio milionário. Dentre os desejos, mandaria fazer “una bunita statua di bronzio ingravegiada di pratina i brigliantina” com seu retrato.



Podemos pensar que, embora fosse constantemente reelaborada nas mãos de diferentes artistas após 1926, Alexandre Machado preocupava-se com a imagem de Bananére e mantinha algumas arquivadas para uso posterior.

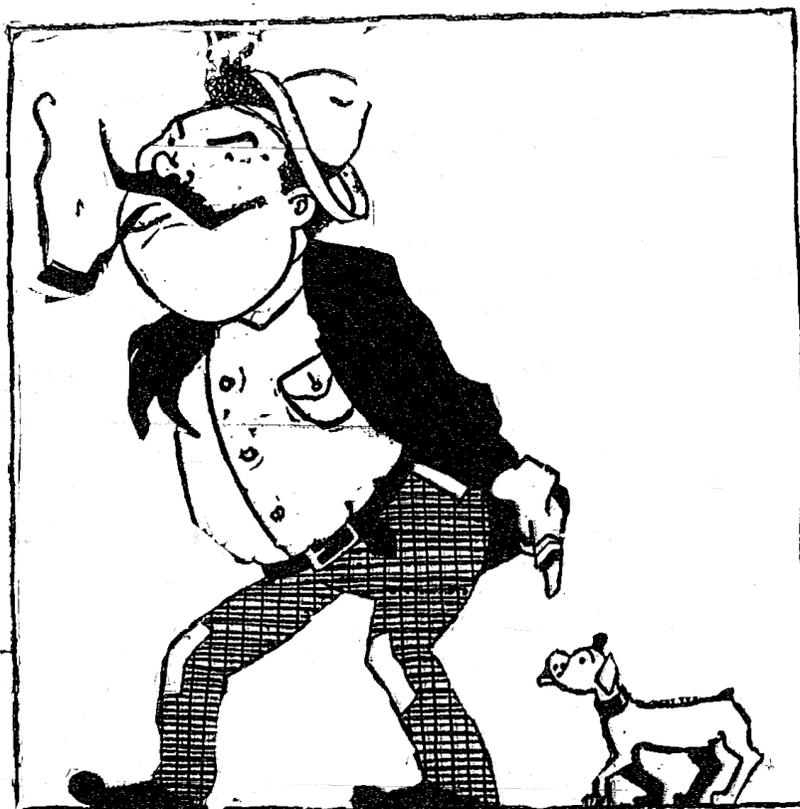
Em 11 de abril de 1931, em *A Manhã*, ele aparece mais de acordo com os traços específicos que o caracterizavam: grande barriga, bigode e cachimbo. Mas o status social e prestígio conquistado no *DN* parecem ter voltado aos tempos antigos, pois usa calça xadrez, um casaco com uma flor na lapela, um colete, lenço à mostra no bolso da calça e chapéu simples. Não é uma reprodução de desenhos de Voltolino, pois o desenho está mais elaborado, mostrando detalhes e texturas nas roupas. Mas toda sua figura remete a certo grau de simplicidade e desleixo, bem diferente daquelas do jornal do Partido Democrático.

Essa será republicada nos dias 24 de abril de 1931, 4 de setembro de 1931 e 2 de abril de 1932. Na primeira reaparição, vemos ao lado, na mesma página, o que seria uma “verdadeira fotografia” de Juó Bananére (não conseguimos melhorar a imagem para apresentá-la). Um homem olha para a câmera, com os ombros para cima, tem um cachimbo na mão direita, usa

casaco, gravata borboleta grande, calças largas e um chapéu arredondado que pende para o lado direito. Não tem a barriga voluptuosa do barbeiro, exibindo trejeitos de palhaço. A foto foge a todas as distinções que implicam na construção de uma representação para a personagem, excetuando-se o cachimbo e as vestes mais simples. Será a primeira e, possivelmente, única vez que Bananére aparecerá desta forma. A foto não está retocada, deformada ou alterada como a maioria em *A Manha*.

Curiosamente, a mesma foto aparece no dia 7 de fevereiro de 1931 na seção macarrônica “Subblemento Italiano” ainda assinada por Basgualde, em que escreve sua última crônica antes da entrada de Bananére. Nesta ocasião, a legenda elucida: “o nostro gorrespondenti in San Baolo”, ou seja, a imagem também estaria representando o jornalista Basgualde.

Mais uma ilustração aparecerá repetidas vezes no jornal de Apporelly, possivelmente desenhada pelo mesmo artista do dia 11 de abril de 1931. Surge pela primeira vez no dia 23 de maio de 1931 e retornará nos dias 16 de janeiro de 1932 e 13 de abril de 1933. Novamente grandes bigodes pontiagudos, chapéu e cachimbo. A calça xadrez tem remendos e o cinto não disfarça a barriga acentuada. Desta vez, o barbeiro está acompanhado de um pequeno cachorro, segundo a legenda: “suo Lulu da a Pomarole”.



Já no dia 12 de dezembro de 1931, a personagem tem um aspecto franzino e nariz protuberante. Novamente mais magro, com chapéu, casaco, blusa e calças listadas e simples, continua com o cachimbo e uma das mãos segura o grande bigode.

A *Manha*, portanto, não parecia ter nenhuma pretensão de elevar a figura de Bananére a outro status como acontecia no *DN*. Esta representação já estava reservada ao criador do jornal, o Barão de Itararé. Para isso, lançavam mão de fotografias retocadas em que o Barão assumia o rosto de alguma pessoa importante da foto, participando de diversos momentos da história nacional.



Sob o aspecto da relação entre a caricatura verbal e a visual, Bananére passa por um descolamento da imagem criada inicialmente. Marcondes consegue sustentar a personagem sem precisar de uma caricatura visual estável que a represente, tampouco um modelo para se basear. Tanto as imagens do *DN* quanto as d'*A Manhã* não estão mais atreladas a qualquer figura real, como aconteceu com a invenção de Voltolino. Todavia, Marcondes conta com o repertório dos leitores, assumindo que se lembrem dos traços mais definidos de Bananére. O desenho feito nos últimos anos não está mais preocupado com uma representação caricatural baseada em uma pessoa real.

Isso nos leva a compreender que, nas publicações, a figura visual de Bananére tem uso secundário assim como todas as outras que os acompanham. Isso porque o caráter transitório da caricatura visual não se aplica a caricatura verbal de Bananére, pois é esse o aspecto que mantém atrelado todas as suas diversas representações.

Mesmo não sendo essencial para a sobrevivência da personagem, a ilustração nunca deixa de ser usada. Mesmo no *Jornal das Trincheiras* somente com o cabeçalho, há ao lado uma

lembrança do “giornalista”, mostrando sua cabeça com chapéu, bigode e um cachimbo.



Sylvia H. Telarolli justifica essa relação elucidando que a caricatura como realização verbal se configura a partir “da palavra, do arranjo e articulação da língua em seus diferentes níveis”²⁶¹ e a imagem visual da personagem pode ser recriada na imaginação do leitor. Enquanto a caricatura visual produz um impacto imediato e de rápida apreensão, a verbal não tem impacto tão forte num primeiro momento e “exige uma participação maior do leitor, e por isso mesmo seu efeito pode ser mais extenso e duradouro”²⁶². Como mostra a autora, esse tipo de caricatura é também mais restrito, pois pressupõe um repertório comum entre o autor e o receptor, sendo que as duas partes precisam ter o mesmo nível de domínio do código, a depender de fatores sociais e individuais.

Já Alvaro Cotrim aponta para a responsabilidade do caricaturista no quadro social de sua época. Segundo ele, “a caricatura é um espelho deformante no qual devem refletir-se, com exagero essencial, os vícios e as virtudes da sociedade na qual o caricaturado aparece, não como se imagina, mas sim como o é na realidade”²⁶³. Dessa forma, quando do início de sua carreira, podemos entender Bananère nitidamente como caricatura visual, por Voltolino, e verbal, por Alexandre Marcondes. Com o passar dos anos, muito dessa configuração mudou. O poeta tem diversas imagens e sua linguagem é mais um atributo próprio que uma imitação burlesca.

No período final, nem a linguagem nem o aspecto visual tem como referência um modelo

²⁶¹ Sylvia H. T. de Almeida Leite. *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas, rigalegios: a caricaturana literaria paulista (1900 – 1920)*, São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1996, p. 31.

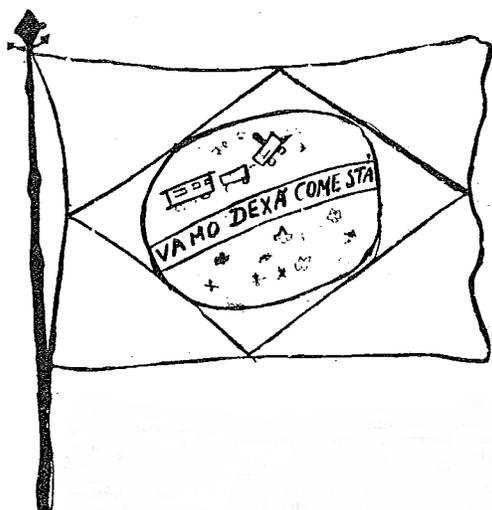
²⁶² Leite, op. cit., p. 32.

²⁶³ Alvaro Cotrim, “Caricatura e Caricaturistas”, In: Curso Informação, Documentação, Comunicação – II – Ciclo de Conferências, Instituto de Documentação (INDOC), São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1973, p. 5.

real. Não havia mais “Don Ciccios” pela cidade para Bananére fazer chacota. O que antes era caricatura passa a ser referência para sua figura. Se a imagem não se mantém, resta a linguagem.

As ilustrações dos periódicos analisados são, portanto, acessórias, pois a apreensão do texto não é prejudicada caso as imagens não estivessem ali. Elas são constantemente articuladas ao texto, elaboradas de acordo com o assunto em questão. Podem ser de dois tipos: desenhos que contribuíam para expressar algum aspecto proposto no texto; e caricaturas representando os políticos do momento ou o próprio Bananére.

No primeiro caso, temos, por exemplo, o debate realizado n’A *Manha* sobre a bandeira nacional, discutindo se ela deve ou não ser modificada dada a proclamação da República Nova. Bananére avisa que o “problemo é di una gravidez straordinaria” e traz algumas sugestões para a nova flâmula. Como mudar a frase “ordem e progresso” para “Vamos dexá come stá p’ra vê come é chi fica...”. As cores também poderiam ser alteradas. Abaixo do título, no topo da página, vemos a representação da bandeira, segundo a proposta de Bananére:



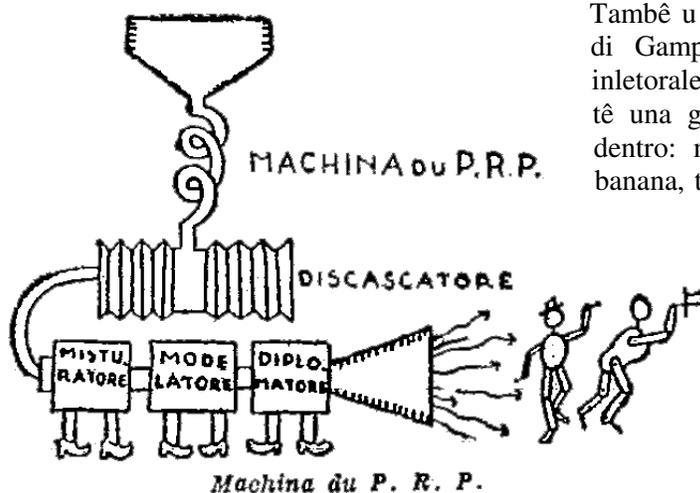
(...) o marello arripresentano o ôro precisa sê orgentemente immodifigato, sino a genti fica riscado a una ingompricaçó c’oa Inglaterra i cos Stadozunito, perché di uno lado a genti non apaga as divida p’rus arifito paese perche non tê ôro, i di ôtro lado a genti diz na bandiéra chi tê ôro p’ra burro!...

Istu non é sério. In lugáro do marello, io aproponho abotá o pretto, che stá mais di accordimo c’oa situaçó, che stá cumpretamenti pretta, até di sê tambê una immerecida omenaggia p’ra “maia pretta” andove nois brasiliére ammamemos o nostro primiéro latte.²⁶⁴

Esse recurso é mais fortemente utilizado com as máquinas eleitorais. O texto, de 21 de agosto de 1931, em *A Manha*, abre retomando a nova constituinte esperada com ansiedade pelo povo paulista, após a Revolução que depõe Washington Luís. Segundo Bananére, três frentes

²⁶⁴ Juó Bananére, “Supprimento Intaliano”, *A Manha*, RJ, ano V, n° 18, 12/05/1933.

políticas já estariam se organizando para criar novas máquinas eleitorais, “pur causa chi as veglia a inrivoluçó insgugliambó tutto!”²⁶⁵. O Partido Republicano Mineiro (PRM), o Partido Republicano Paulista (PRP) e os tenentes decidem criar projetos individuais para o novo advento. Cada modelo tem um funcionamento complexo, com diferentes formatos, que contam com entradas, compartimentos, cilindros e caldeira. A descrição é minuciosa e ressalta as qualidades das máquinas, escarnecendo as irregularidades do governo. Os desenhos são um projeto das máquinas em questão e ricos em detalhes. Seguem à risca as descrições apontadas no texto e, de maneira meticulosa, mostram cada parte dos aparelhos, além de trazer setas indicando onde deve ser inserido o possível eleitor e para qual lado sairá o novo votante.



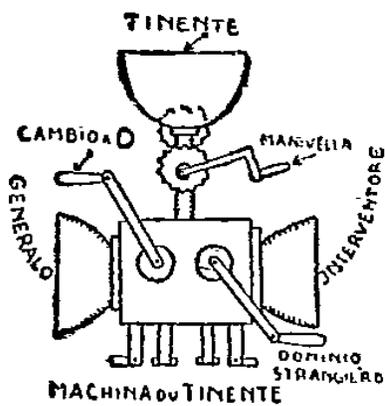
Tambê u Perrepê já inconvocô una riunió p´ru Sirva di Gampo presentá u nuovo modelo di machina inletoziale du Perrepê. É una meraviglia! (...) Primière tê una grandi moega chi a genti bota o che quizé dentro: negro, brango, ostriacco, polacco, gasga di banana, tumato podri, ecc. ecc. Istu tutto passa in una ispiralli chi u inletoziale fica amaleavel come una gobra!

Dispoza a passa nu disgascatore che dexa tutto inguall segia russo o ungaro, brango o preto e daí a passa in treiz gompartmenti ingonsegutivo: u misturadore, u modeladore i u diplomadore i daí sai uno inletoziale nuovigno, nuovigno. É só ave a inleçó i é uno vóto certo p´ru Perrepê.²⁶⁶

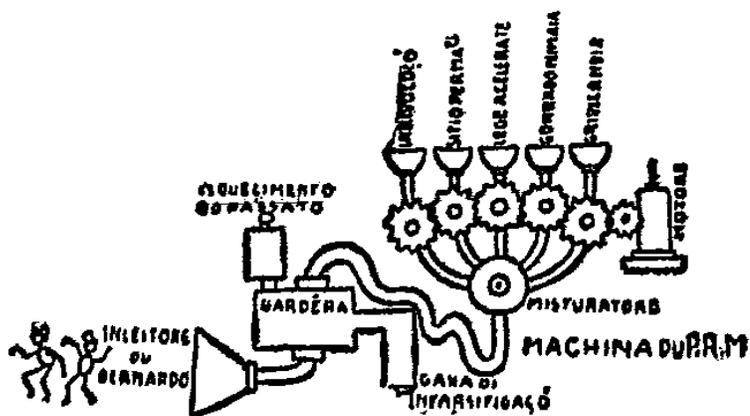
Neste episódio específico, o autor das imagens talvez fosse o próprio Alexandre Marcondes. A forte relação do texto com as imagens mostra um trabalho realizado com certo esforço, para deixar a ironia da palavra ser recapturada durante a exposição visual dos tais aparelhos.

²⁶⁵ Juó Bananére, “As nuova machina inletoziale”, *A Manha*, RJ, ano III, nº 36, 21/08/1931.

²⁶⁶ Idem.



Machina dus Tenente



Machina du P. R. M.

Já no segundo caso, tanto no *DN* como em *A Manhã*, as caricaturas tendem a representar as personagens citadas nas crônicas. Pires do Rio aparecerá no texto sobre seus projetos, Sir Otto Niemeyer em sua entrevista, Menotti del Piques quando debocha de seus versos, Getúlio Vargas quando o assunto é o governo provisório, e assim por diante.





O jornal do Barão de Itararé, além das imagens desenhadas, faz uso de fotografias deformadas. O periódico parecia possuir um arquivo das figuras importantes e recorria a ele cada vez que eram assunto dos artigos. Isso será feito com Borges de Medeiros, Getúlio Vargas, Silva Campos, Góes Monteiro, Washington Luís e outros.

Considerações Finais

Baudelaire vê o riso como expressão de ideia de superioridade do homem sobre a natureza. A “contradição secreta” entre o caráter de sábio e o caráter primordial do riso²⁶⁷ ilustra melhor os recursos que Bananére lança mão em seus textos. Sob este ponto de vista, o narrador mostra o desejo de onipotência existente na dimensão cômica²⁶⁸ e mesmo havendo dificuldade de sistematização em sua produção, percebemos seu mecanismo, ou seja, o “contraste entre a forma de exposição e o resultado a que chega”²⁶⁹.

Nossa pesquisa, somada às leituras dos trabalhos sobre as obras dos anos de 1910, concluiu que as estratégias de Marcondes para a construção textual de Bananére permaneceram, ou seja, continuam a manter os padrões e fórmulas estabelecidos no início da concepção da personagem. As modificações estão relacionadas a fatores externos à obra, provenientes de um novo momento histórico, resultando na mudança de temas e personagens. A linguagem macarrônica fica marcada por vícios, mas, aparentemente, ainda muito descompromissada com um projeto literário. O tipo de humor usado pelo narrador também é similar. A compreensão dos recursos humorísticos – sátira, sarcasmo, ironia – expõe parte da dificuldade enfrentada pelo leitor na tarefa interpretativa, pois ele encara um enigma dúplice: o da dualidade própria da ironia e o da volatilidade das ideias do narrador.

Mesmo com esse obstáculo, conseguimos apontar momentos em que o texto de Bananére, embora carregado de contradições, tem certa camada residual, mantendo sua contemporaneidade, prioritariamente, no que concerne à política brasileira.

Poderíamos indicar como suas marcas: a falta de linearidade na exposição das ideias, a elaboração de temas permeada por desvios, a voz macarrônica de todas as personagens de suas histórias, a fala fragmentada, a oralidade, as opiniões contraditórias e confusas, a constante

²⁶⁷ Charles Baudelaire, trad. Plínio Augusto Coelho, “Da essência do riso”. In: *Escritos sobre arte*, São Paulo: Hedra, 2008.

²⁶⁸ Concetta D’Angeli & Guido Paduano, trad. Caetano Waldrigues. *O cômico*, Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 25.

²⁶⁹ Broca, op. cit. (1976), p. 45.

relação com a política paulistana, as paródias de obras literárias consagradas e fábulas. Esses aspectos, entretanto, não são únicos desse narrador. Como vimos, são resultado de um momento específico na história da imprensa paulista. Marcondes revela elementos que são intrínsecos ao jornalismo humorístico da época de sua estreia como escritor.

Podemos destacar como singular sua capacidade de sobrevivência e adaptação. O autor conseguiu manter sua criação viva e a ajustou ao contexto dos jornais em que escrevia. Se Bananére nasceu como mero pseudônimo de Alexandre Marcondes, o tempo e a insistência da escrita encarregaram-se de construir sua configuração de personagem.

A Semana de Arte Moderna não contou com sua participação, e até onde se sabe, ele nada produziu neste período, retomando suas habituais colunas somente em 1924, no *OESP*.

Em nossos estudos, não encontramos uma proposta subversiva de mudar o estado literário do momento. Se o texto continua o mesmo, como explicar a participação em um jornal liderado por modernistas como foi o *DN*? A continuidade da personagem é antes resultado de um processo natural de uma figura presente durante dez anos no cenário intelectual e jornalístico de São Paulo, e não advém de um objetivo elaborado para outro fim. Sua produção, no entanto, continua a servir favoravelmente às intenções modernistas, ainda que Marcondes não estivesse engajado neste movimento. As suspeitas de que sua obra fosse um prenúncio da revolução cultural de 1922 é desmistificada quando nos lembramos do argumento de Capela ao dizer que a ideia de Modernismo é inexistente “no universo textual composto em torno e a partir de Juó Bananére”.

Pertencentes a uma segunda geração de pesquisadores, que tem como repertório os estudos realizados desde os anos de 1950, tentamos não esquecer as discussões já propostas, procurando somar a elas nossa abordagem. Atentar para os aspectos da crônica possibilitou-nos um ponto de partida para a análise deste material e a escolha de uma metodologia.

Buscamos mostrar as produções de Bananére dentro de um período específico de tempo, visando a aumentar a fortuna crítica e contribuir para futuras pesquisas.

Acreditamos, enfim, ter esclarecido algumas questões: o confuso posicionamento político do narrador, a representação do imigrante politizado que se concentra nessa figura, a ausência de preconceito por parte do autor ao realizar a caricatura do imigrante e o insistente uso da linguagem macarrônica – que auxilia nas construções irônicas e humorísticas propiciando a adaptação da personagem a diferentes contextos.

Bibliografia

- ALBÉRÈS, Rene M. *Le comique et l'ironie*, Paris: Hachette, 1973.
- ALVIM, Zuleika Maria Forcione. "O Brasil italiano (1880 – 1920)". In: *Fazer a América*. (org. Boris Fausto) São Paulo: Edusp, 2000.
- AMARAL, Pedro Ferraz do. *A Guerra Cívica de 1932* (Resumo da obra em seis volumes de Paulo Nogueira Filho), São Paulo: Sociedade Veteranos de 32 – MMDC, 1982.
- AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Seana de 22: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil*, São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*, São Paulo: Editora 34, 1995.
- ANDRADE, Ana Paula Freitas de. *Juó Bananére: verve, litteratura, futurisimo, cavaçó, ecc. ecc.* – indexação e reunião de textos macarrônicos publicados de 1911 a 1933, São Paulo: FFLCH – USP, 1999. Dissertação de mestrado.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. (Antônio Crispim), "Coqueiros", In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, MG, ano XXXV, 1984, p. 81.
- ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*, org. Maria Eugenia Boaventura, São Paulo: Globo, 1992.
- ANTUNES, Benedito. *Juó Bananére: as cartas d'abax'ó pigues*, São Paulo: Unesp, 1998.
- ARRIGUCCI JR, Davi. "Fragmentos sobre crônica", In: *Enigma e Comentário*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Trad. BEZERRA, Paulo. *Problemas na Poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BANANÉRE, Juó. *Diário Nacional*, São Paulo, 1927 – 1932.
- _____. *Jornal das Trincheiras*, São Paulo, 1932.
- _____. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1926 – 1933.
- _____. *La divina increnca*, São Paulo: Irmãos Marrano, 1924.
- _____. *La Divina Increnca*, São Paulo: Folco Masucci, 1966.
- _____. *La divina increnca*, São Paulo: EPUSP, 1993.
- _____. & Paes, Antônio, *Galabáro*; libro di saniamiento suciali. Zan Baolo: 1917.

- BAUDELAIRE, Charles. Trad. COELHO, Plínio Augusto. “Da essência do riso”. In: *Escritos sobre arte*, São Paulo: Hedra, 2008.
- BECKER, Idel. *Humor e humorismo: paródias, poesia e verso*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BELUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do riso*. Trad. Caixeiro, Nathanael. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BERNARDINI, Aurora Fornoni. “Voltolino e Bananére: due interpreti dell’italianità nella San Paolo degli anni 20”, *Libri e Rivisti d’Italia – La Traduzione: Saggi e Documenti (II)* – Supplemento al n° 535-538, 1995, p. 69-82.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. *A vanguarda antropofágica*, São Paulo: Editora Ática, 1980.
- _____. *Movimento Brasileiro: Contribuição ao estudo do modernismo*, São Paulo: Secretaria da Cultura, Ci., Tecnologia, 1978.
- _____. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*, São Paulo, Editora das Unicamp, Editora Ex Libris, 1995.
- _____. (Org.) “22 por 22. A semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos”, São Paulo: Edusp, 2000.
- BONI, Luis Alberto de (org.). *A presença Italiana no Brasil*, Porto Alegre: Torino: Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- BOOTH, Wayne. Trad. GUERREIRO, Maria Teresa. *A Retórica da Ficção*, Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo: Cultrix, 1975, 2ª ed.
- BOURDIEU, Pierre. Trad. MACHADO, Maria Lucia. *As Regras da Arte*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRITO, Mario da Silva. “O humorismo”. In: *Cartola de mágico*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “São Paulo, 1932”, In: *Bloco Cinquentenário da Revolução Paulista*, São Paulo: IMESP – DAESP, 1982.
- CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de R. *A Villa Kyrial e o imaginário da Belle Époque*

- paulistana (1900 – 1930)*, São Paulo: FFLCH – USP, 1999. Tese de Doutorado.
- CAMPOS, P., FAUSTO, B. & HOLANDA, S. *História Geral da Civilização Brasileira* (Tomo III), São Paulo, DIFEL, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, São Paulo: Nacional, 1965.
- _____. “A vida ao rés-do-chão”, In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas, SP, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp: Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987
- CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. *A farsa como método: (a produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas O Pirralho, O Queixoso e a Vespa)*, Leuven: NE, 1996. Dissertação de Mestrado.
- _____. *Juó Bananére – Irrisor, Irrisório*, São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena. *O bravo matutino*, São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- _____. *O Movimento de 32: a causa paulista*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- _____. *Os Arautos do Liberalismo*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- CARELLI, Mário. *Carcamanos e comendadores*, São Paulo: Ed. Ática, 1985.
- CARMO, Maurício Martins do. *Paulicéia scugliambada, paulicéia desvairada: Juó Bananére e a imagem do italiano na literatura brasileira*, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Uma voz da democracia paulista”, In *Presenças*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga. *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*, São Paulo: Alameda, 2008.
- CHALMERS, Vera. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*, São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- _____. “A correspondência do Piques”. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46. n. ¼, jan-dez, 1985.
- COTRIM, Álvaro. “Caricatura e Caricaturistas”, In: Curso Informação, Documentação, Comunicação – II – Ciclo de Conferências, Instituto de Documentação (INDOC), São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

- D'ANGELI, Concetta & PADUANO, Guido. Trad. WALDRIGUES, Caetano. *O cômico*, Curitiba: Ed. UFPR, 2007.
- DE BONI, Luis Alberto de. (Org.) *A Presença Italiana no Brasil*, Porto Alegre: Torino: Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- DELEUZE, Giles & GUATTARI, Felix. Trad. GODINHO, Rafael. "O que é uma literatura menor?". In: *Kafka: para uma literatura menor*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- ECO Umberto, "Pirandello Ridens". In: *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ESCUDEIRO, Camila & TEIXEIRA, Nayara. *Quando a imprensa imigrantes de São Paulo se tornou alternativa*. In: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007 da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em:
<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0101-1.pdf>
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, São Paulo: EDUSP, 2000.
- _____. *Historiografia da Imigração para São Paulo*, São Paulo: Editora Sumaré, 1991.
- _____. *A Revolução de 1930 – Historiografia e História*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1975.
- _____. "Integração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo". In: *Imigração Política em São Paulo*, São Paulo: Editora Sumaré, 1995.
- FIGUEIREDO, Cláudio. *As Duas Vidas de Aparício Torelly – O Barão de Itararé*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987.
- FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague*, São Paulo: Editora 34, 2001.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Aliança Liberal*, São Paulo: Ed. Polis, 1978.
- _____. *Tenentismo e Política*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FRANCESCHINI, Luiz. "Juó Bananére", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23/8/1933.
- FRYE, Northrop. Trad. RAMOS, Péricles Eugenio da Silva, "O Mythos do Inverno: a ironia e a sátira". In: *Anatomia da Crítica*, São Paulo: Cultrix, 1957.
- HUTCHEON, Linda. Trad. PÉREZ, Teresa Louro. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

- JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por Trocadilho – A imprensa de narrativa irreverente paulistana 1900 – 1911*, São Paulo: Alameda, 2006.
- KONDER, Leandro. *Barão de Itararé*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- LAGO, Pedro Aranha Correa do. *Caricaturistas Brasileiros: 1936 – 1999*, Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.
- LEITE, Sylvia H. T. de Almeida. *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas, rigalejos: a caricatura na literatura paulista (1900 – 1920)*, São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1996.
- LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- LINGUANOTTO, Daniel. “Breves apontamentos sobre Juó Bananére”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 28/3/1948.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Cavaquinho e Saxofone*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- _____. *Brás Bexiga e Barra Funda – Laranja da China*, São Paulo: Martins Editora, 1944.
- MARCONDES, Athayde. *Pindamonhangaba: atravez de dois e meio séculos*, São Paulo: Typ Paulista, 1922.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves Marques. *O imigrante italiano em Juó Bananére e Antônio de Alcântara Machado: assimilação e (des)enraizamento social*, São Paulo, FFLCH, USP, 2005. Dissertação de Mestrado.
- MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira: Modernismo*, São Paulo: Cultrix, 1965.
- MENEZES, Raimundo de. “Juó Bananére”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7/10/1948.
- MENUCCI, Sud. *Humor*, São Paulo: Piratininga, 1934.
- MOISÉS, Massaud, “A crítica literária”. In: *A criação literária – prosa*, São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____. “A crônica”. In: *A criação literária – prosa*, São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____. *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo: Cultrix, 2004.
- MORENO, Júlio. *Memórias de Armandinho do Bixiga*, São Paulo: SENAC, 1996.
- MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Trad. SOUZA, Geraldo Gerson. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Coleção Debates).

- _____. *Irony*. London: Methuen & Co, 1978.
- NOVAIS, Fernando A. Org. de volume: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil – vol. 3*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PARADA, Maurício. “Notas Políticas: o jornal A Razão e o jornalismo político de Plínio Salgado”, In: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007 da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0111-1.pdf>>
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *A democracia ilustrada*, São Paulo: Editora Ática, 1986.
- _____. *A Revolução de 1930 – Historiografia e história*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1975.
- PRADO JR., Caio, *Evolução política do Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1975.
- PROPP, Vladimir. Trad. BERNARDINI, Aurora Fornoni & ANDRADE, Homero Freitas de. *Comicidade e riso*, São Paulo: Ática, 1992.
- RAMOS, Roberta Fabron. *Feira das Quintas: crítica de polêmica nas crônicas oswaldianas*, Campinas: IEL - UNICAMP, 2008.1999. Dissertação de mestrado.
- RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*, Rio de Janeiro, Guanabara Dois, 1986.
- RODRIGUES, João Paulo. “Informação e mobilização: A atuação do jornal *O Estado de S. Paulo* na campanha constitucionalista de 1932”, In: *Patrimônio & Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007, p. 116.
- RONCARI, Luiz, “A estampa da rotativa na crônica literária”. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46. n. ¼, jan-dez,1985.
- ROSA, Virgínio Santa, *O que foi o tenentismo?*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1963.
- SÁ, Jorge de, *A crônica*, São Paulo: Ática, 1985.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Epoque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*, São Paulo: Ática, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- SSÓ, Ernani. *Barão de Itararé*, Porto Alegre: Tchê! Comunicações Ltda, 1984.
- VIEIRA, Trajano. “Juó Bananère e a caricatura verbal”. In: *Folhetim* nº 504, Folha de São Paulo, 05/10/1986.

VITALINO, Wilma da Silva. *Juó Bananére no “Diário do Abax’o Piques”*. Assis, FCL - Unesp, 2004. Dissertação de Mestrado.

Documentários

“32 – A guerra civil” (1992), de Eduardo Escorel.

“São Paulo de Juó Bananére” (1998), de João Cláudio de Sena.

ANEXO I

Jornal das Trincheiras

Nº 4 – 25 de agosto de 1932

CRONACAS DA RETAGUARDIA

UNO CONSEGLIO P´RA DENTADURA

Io, frangamente, si stava a Dentadura, dava u fóra agurinha mesimo! Governimo di uno Paese chi tê ventis uno stato i chi uno stato si alivanta gontra ella, i ella, co dicianovo stato du lado della, co inzercito anacionale du lado della, c´oa squadria du lado della, co tizôro sfederale du lado della, ecc. ecc. i ia quarantas i tantos die non acunceguiu indominá u Stato ribellato i nê avanzá uno passo maise du primière die, frangamenti chi é una pocca virgonha!!...

Una Dentadura assi é una dentadura stragada che pricisa i mesimo p´ru lixo. Quano uno uômo tê virgogna na a gara i vê chi tuttos munno sta gontra elli devi di mediatamenti abatê u tilifono p´ru Gardinali, axamá elli i tocá direttamente p´ru fortis di Gopagabana. Istu saria uno attimo di sabedoria i uno rasgo di generositá, chi disinfelimente non é gapaze u Xuxú, aquillo tale chi quizi avendê o Riograndi p´ru Oxinto in troca di uno prato di erviglia.

Illo prefere adiramá u sangue dus braziliano inveiz di dá u fuóri, ma disposa, quano xigá a ora da Gardinali livá elli p´ru Fortis di Gopagabana, non mi venha si agarrá con nois p´ra non i perché vai mesimo!!!... U Xuxú vai p´ru fortis di Gopagabana, ma u Juó, u Gioreiz, u mané dus Mendigo, u Pietro Arnesto, u Oswaldo Rasputiggo, ecc. ecc. inveiz nô! Istus inveiz di i p´ru fortis vô murrê tuttos di uno aceso di pendicitia assapurata...

Goitadignos!

GRIANZA NON BRINGA COM ARMA DI FUOGO

Io bê dizia p´ru Juó non bringá com arma di fuogo perchê arma di fuogo faiz pipi na mó di grianza... inveiz u Juó non miquiz iscuitá, i pigô di bringa di amuntá in Zan Baolo; di inxô Zan Baolo di tenenti morto di fomi; di afazê Zan Baolo di gampo sperimentale di besteras di tenentis i di Manes idiotas, in fine, di querê afazê Zan Baolo di sapato i gatto.

A genti diceve p´relli: - Non bringa, Juó! Non bringa chi o Lió sta durmino ma di repenti Lió accorda i vai sê uno buracco!!...

Non tê pirighio, diceva u Juó com aquilla voizinha gantada di parnambugano, Baolista é soppa!!...

Fui a gonta! Um die i Lió accordô i cumeu u adomatore. Us tar di soppa viro bixo i inleheu inda a prazza publiqa, a baia, uno guvernimo legitimo baoliste i curreu cos tenentis pigareta p´ru oglio da a rua. I non fui só: - Quano u Juó “et gaterva” stava apreparano u Mane Boccó con uno gruppo di tenentis p´ra vin in Zan Baolo i butá u Guvernimo do o Povo nu xô, Zan Baolo pigô na a garabina i saiu curréno atraiz dellis. Aora illos sto xurano as magua: - Che illos quera tanto bê Zan Baolo: Che tênia fazido tuttos p´ra Zan Baolo; chi até tênia dado uno guvernimo incivile p´ra Zan Baolo!...

Piratas!!!...

U Guvernimo Incivile, nois cavemos na bala!

O che illos deu p´ra Zan Baolo fui uma legió di “pikipokis” chi ia quazi dois anno fizéro di Zan Baolo uno centro di gavaçó.

O che illos fizéro tambê, fui atrasformá u Perrepê, odiato da tuttos baolistas in una legió di anginhos di azinha branga nas gosta!

Io bê diceva: - Juó! Non bringa con arma di fuogo, chi ella faiz pipi na mó di grianza...

Aora, agüenta firme, i na ora da onça bibê acqua non fugia p´ra Argentina...

TENENTI JUÓ BANANÉRE

Nº 5 – 28 de agosto de 1932

CRONACAS DA RETAGUARDIA

A GAMPANHA DO ÔRO

Sta mesimo una billeza a “Gampanha do oro” p´ra vittoria di Zan Baolo inzima a cabeza dus tenenti!

Mesimo una billeza!!!...

Tuttos munno dá oro chi tê. A Concetta Verduriera, co stabilicimento nu largo do Abax´o Piques deu uno paro di bringo di oro, legitimo galabreze, du tamanho di una roda di salamo; a Marriquinhas Lavadiera, uma portogheza chi mora pagado co minho saló di barbiere, deu uno arrilogio com gasca di oro; u Pietro Cavallo deu una colhere di prata istorica chi apertenceu p´ro Rodolfo Valentino, quano illo fiz aquilla fita do “O Filho do Xico”; a Marieta Franguêra chi non

tenia nisciuna rebba di oro né di prata p´ra dá, deu una bunita galinha carigió di molta estimaçó; un ôtro minho patrizio chi tenia quattros denti di ôro, mandô arrangá us quatro i deu p´ra gampanha do ôro; io dê una navaglia storica che io fiz a barba do Ducca di Gaxia quano illo vurtô da guerra co Paraguayo, una panelinha di cobri che io usava só p´ra afazê picadigno di “xuxu”, i uno anello di prata com gasca di ôro i com dois briglianto infarsifigato, lembranza da Juóquina minha molhére, che io assassiná cuvardimenti, faiz unos quindici anno.

Tuttos istus begetto nois demo co goraçó nas mó in favore da nobile gausa di Zan Baolo pela legge, i sê abatê gaxa, como unos tale chi manda uno begetto sô p´ra iscrivê uma garta cuntáno chi deu, i p´ra saí u nomi delli nu giornali...

Io axo indecenti istas fitas! Si quere dá a gioia, dê, chi é molto utile p´ra Zan Baolo, ma u nomine non tê utilitá.

Dê ôro p´ra Zan Baolo, p´ra ajudá Zan Baolo, p´ra misgaiá istus “tenenti” cavacres, che stô ruinando o Brasile...

COMMUNICATO UFFICIALE DA DENTADURA

Frenti Nortí

Infringimos onti una grandi derrotia inzima os reberdi di Zan Baolo.

As nostras troppa avanzáro di queluiz p´ra Barra du Piará. A nostra artigliaria da frenti Nortí bombardió a elitá baoliste di Riberó Pretto chi ficô iscangagliata. Piguemos una purçó di prizoniére che stó tuttò morto cuntento di tê gaído in nostras mô, perché lá illos stó se comê a guarantas dia i anda avistido di tanga perché nontê robba p´ra avissi. Nois inveiz temos treiz robba p´ra gada surdado: una p´ro armoço, una disimoki p´ru giantáro i una p´ra í nu cinema di notte. Cumida temos tanto chi us surdado nê quere scumê; illos dô p´rus porco i só bebi pinga.

Frenti Sule

Na frenti Sule, stamos in Xiririca a treiz kilometro di Zan Baolo.

Nu urtimo cumbatto amatamos deiz milla baoliste i aprendemos ventis milla. U pissoalo du Juó Francesco fiz una limpeza nas cidadi i nas fazenda a a zona. Das fazenda tiremos tuttòs gado di raça i amandemos p´ra stanza du Mario da a Gunha nu Ri Grandi.

Frenti miniéra

Na Frenti Miniéra é cangia. U Gioareiz já tumô Gampinas, Ri Graro, Raraguara,

Gioboticabalo, Santos, ecc. ecc.

In Zan Baolo

In Zan Baolo a fomi i a miseria é uno causo serio! A popolaçó da cittá só comi una veiz uno dia si uno dia nó. Non tê maise lette p´ras grianza che inveiz bebi pinga co agua i assuca. Non tê maise omi in Zan Baolo, perche já amatenos tuttos nas frenti di cumbatto, i aóra já andano pigano as molhére p´ra amandá p´ra guerre.

U governimo di Zan Baolo, p´ra assustentá a guerra gontra nois tumó tutto dignêro do povo. Uómos come u Matarazzo, o Conti di Lara, Contessa Apinttada, Antonho Prado, ecc. ecc. che tenia dignêro p´ra burro, anda p´ras rua apidino ismola.

Os operario das fabrica apertado p´ra fomi, cumêro os patrô i aora stô cumeno as machina i os indificio.

VARIAS NUTIÇA

Gomunicaçó spirita

Du “Centro Spirita Deuse Stá ti Spiâno” aricebemos a ingomunigaçó chi u “Xuxu”, xeffe da Dentadura é aqui na a terra a ringarnaçó da Marquesa di Santo.

TENENTI JUÓ BANANÉRE

Nº 6 – 1 de setembro de 1932

CRONACAS DA RETAGUARDIA

A GRICORTURA NA GUERRE

Nisto nigocio di guerra, a gricortura é u fattore maise impurtanto, perche a gricortura é chi aproduiz a boia, i sê a boia u surdado non podi avivê... Sê bala p´ra garabina inda vái, até vai migliore, perchê a bala amaxuca a genti, ma sê u fijô c´oa carne secca i otras moniçô di barriga, a côsa non vae nê a pau...

Nê a spada chi dizimanhô in goninensa a legge tambê non vai!

Tambê sê garanina i sê ganhô nois aganemos aguerra perchê p´ra afazê os surdado da dentadura corrê chi nê cavallo di corrida, basta uno pidaço di pau... ma sê boia non vai!

Adianti distu dilemma, nois temos dois gaminho p´ra sigui: - aproduzi a gricortura i aganhá a guerre o non aproduzi i livá inda a gabeza!!

Isfilismenti p´ra nois, nois aproduzimos tutto o necessario p´ra barriga do nostro pissoalo: fijó, arroz, batatigna, bôî, galligna, carne di bife, macarró, prisuntimo, ecc. ecc.

In tuttos causo argunos artigo sô impurtantes du strangêre, como u trigo p´ra afazê u pon, a carne secca, a banha , cibolla di gabeza, queggio, mantegga i arguno assucaro.

Baolistes! É prciso aproduzi istus genere chi nos vê du strangiére, chi é p´ra na otra inrivoluçô nois non ficá intrapagliato!!

Aprantemos ganna p´ra afazê maise assucaro! Aprantemos cibolla i trigo p´ra burro! Queggio, vamos non cumê maise queggio!! e in lugáro da banha vamos aprantá amendoino i gergelino p´ra afazê olio molto migliore do olio di oliva!!

Baolistes! a Patria spera chi cadaunno cumpra co dovere di aprantá a gricortura p´ra limentá a barriga du surdado da legge p´ra illos tê forza p´ra dá tiro nos surdado da Dentadura!

Aprantemos nois mesimo i non cumpremos maise genere strangiére... Sempr´avanti Baolista! Chi a Dentadura é cangia p´ru Palestra...

GRANDI COMBATTO AEREO

Onti, nu sekitore Di Leuterio tive uno importante gumbatto aéreo. Quano fui logo di manhâ cidinho, pareceu inxima das linha baoliste una quadriglia di aviôs nemiguios, acomposta di dodici ereoprano, chi principiô di butá ovo inzima da a genti. Fui mesimo uno buracco!

Na voiz di “lá vê ôvo” tutto pissoalo avirô galigna xocca i deitô nu xô. Fui daí che o migno figlio Beppino, chi é tenenti aviatore, tivo una indeia mala: - Pigô cinques gorvo chi stava acumeno uno surdado da Dentadura che tenia pigado o passaporto p´ro otro mondo, apintô os gervos di cinzento come us aviô baoliste, butô unas élis di parpelló nu piscoço dellis, i surtô ellis atraiz dus éreoprano da Dentadura.

Fui a gonta! Quano os éreoprano nemighio viro os gorvo avuáno atraiz dellis pensaro che stava éreopranos baoliste che vinha lá longi, i abriro nos pê che vuceis nê quera sabê!

Sáiro cos ôvo quibrado no rabbo i sumiro na primêra curva.

COMMUNICATO UFFICIALI DA DENTADURA

Nisto momente stamos afazendo una grandi fensiva na frenti du sekitore di Leuterio, Lindoia, Socorro, Tapira.

Os reberde baoliste é soppa! In treiz dia o maise tardá o no massimo in quatro meis os reberde starô indominato.

Gia inconquistemos Tapira, Pinhalo, Gampina, ecc. E stamos marxano gontra Zan Baolo, ondi já tomemos a Barafunda i o Billezinho. Apprendemos oitomilla reberdes, sendo dodici generalo i quarantotto gapitós. Tenenti nê si falla!...

Nota da Ridaçô – Garganta non paga imposte.

TENENTI JUÓ BANANÉRE

Nº 7 – 4 de setembro de 1932

OS URTIMO MOMENTE DA DENTADURA

A Dentadura stá apassano male p'ra burro! Tuttos medico axamado já disinganô ella.

Uno diz chi é pendicite seporata, ortro diz chi é una incongestó pormonale ma io acho chi é ina inrivoluçô intestinale molto diantada chi no stato chi xigô aóra non tê maise cura. Né a limonata da incostituíçô, ne o olio di risco da incostituante non cura maise ella. A morte já stá spiano a goitadinha...

Urtimamente tentáro o urtimo recurso di uma injeçô di “paiz” p'ro intermezzo do professore Migué Cotto ma non deu risurtato.

Illa vai gai di podri, maise oggi o mais amanhã.

O Gitulio Danelis, xéffe da arifirida Dentadura já tumô as providenza p'ro interro.

Mandô a molhére delli símbora p'ra Gentina, abotô unos bô cobri abafado do tizôro, no banco Intaliano di Buenozaire i gia tê uno vapore da squadria apreparado co fogo acceso p'ra abri nus pé.

Come providenza gomentare mandó aprendê o cardinale Don Sebastião p'ra non tê pirighio do cardinale levá elli p'ru fortte di Gopacabana.

O Juó Aberto també já amandô a molhére p'ra Buenozaire i já tê uno éreoprano c'oas aza aberta, pronta p'ra avuá ma stá cumprétamente intrapagliato, sê sabê p'ra ondi i, perchê nê as agua do Çeano Atrantico non quis elli, i avomitô elli p'ra praia.

O Osvarado Rasputinho inda stá pensano chi vai indominá Zan Baolo. Che gamarada troxa! Elli con o Gois Bestêra sô os único che pensa chi é gapais di vencê Zan Baolo!!...

Quá! Quá! Quá!.....

Tuttos “tenente” do Brasile con tuttos inzercito do Brasile, con tuttas polizia difinita do Floris i maise tuttas polizia provisoria do Floris, i maise argunas “coisitas maise” é cangia p’ra Zan Baolo!

Gitulio!

Tenentada!!

Juó! Gioareiz!!!

Gois!

Até o dia da “vittoria”! Temos unas continha p’ra agiustá. I co Froris da Gunha, temos uno “bancô”!

TENENTE JUÓ BANANÉRE

Nº 8 – 8 de setembro de 1932

A DENTADURA NO BURACO!

A Dentadura vai di male p’ra piore!

Primiére fui Zan Baolo che si alivantô in pé di guerre come uno liô chi stesse adurmindo i cordasse molto brabbo perchê perdeu a óra do trenhes.

Os “tenenti” mexêro co Zan Baolo, mexêro, mexêro... Zan Baolo era una casa di marimbondo i di repentimo os marimbondo imbrabeçêro i pegáro di mordê inzima dos “tenente” che stô mesimo regularmente meio intrapagliato.

Dispoza illos mandáro apprendê u Bernardo, perchê o Gioareiz queriva abibê o sangue do Bernardo segundo indecrações otenticas do saprarifirito Gioareiz.

Ma u Bernardo chi non é troxa p’ra burro quano stá a cosa pretta també si alivantô in contra us “tenenti” co dois milla uómos!

I aóra també o Rigrandi si alivantô in pé di guerre p’ra agiudá Zan Baolo a butá no oglio

da rua ista tenentada pé rasgado che stava cumêno o Brasile p´ras duas perna.

Na frenti da inrivoluçô gaúcha stá o Borgio Remendêro, braziliere, gazado, maiore de indade, naturale di Arapuazinho; Raule Piglia, xeffe do partidos “Alibertatore”, o Luizardo, o Zeccanetto, o Colôre. ecc. ecc. tuttos disordiêre acunhecidos e cumpetentis.

Aóra é chi a Dentadura stá mesimo intrapagliata p´ra burro!

P´ra acumbatê u Rigrandi o Juó Americo já arrangiô u imprestigioso xeffe pulittico nordestino Cav. Lampiô, collega i amigo delli.

U Floris da Gunha, tenente da Rigrandi, cuncessionario do giogo do bixo e descendenti direttimo du Calabáro, já apidiu p´ru Juó Aberto uno destróio p´ra afugi quano fô óra da onza abibê acqua. Só o Gois é chi stá afazêno bestêra aqui nas banda da Mugiana, che daqui a pôco nois cercamo elli c´oas giagunçada delli i disposa vuceis nê quêra asabê o che vai cuntecê p´rellis.

Illos stô gaino n´uma rapucca chi non dimóra muito illos leva uno gontravapôre pelo rabbo i vira tutto a sorbeta!

Non bringa con arma di fuogo, Gois!! Adianti distus fattimo, o migliore chi a Dentadura tê da afazê é intregá a rapadura!

O Gitulio dovia di sapecá logo una tilifonata p´ru Gardinali p´ra illo livá elli p´ru fortis di Gopagabana e u Juó, co Gioareis, co Mané Boccó, co Osvarido Rasputinho ecc. ecc. dovia sumi da facia da terra, sino maise oggi o maise manhá, illos gai nas nostras unha, i ai nois afazemos con illos tuttos uno lindo “picadinho co Xuxú”!

MENSAGIA DU TEU DORMIRO SANTIAGO P´RU LECARIO MARCIALE

Mio garo Legario.

Salute I figlio masculo.

Aqui stô in Zan Baolo! Non stô maise in Mina. Isso ai stá molto runhes. Chi manda aí é o Capanema, e io frangamente non stô indisposto a sê disgovernado per uno inventore do formicida.

Vucê stá dismolarizando o grorioso stato di Mina, che sempre fui p´ra libertá i p´ra ordia; che tive a sorte di dá a nois u Tiradentese ma inveiz aóra tive tambê u azáro di vê a luiz p´ra vucê,

p'ru Lanharo i p'ru tale da furmicida Capanema

Intô, vucê chi non é maise grianza; chi já tê mesimo maise di vinteuno anno, chi stá já já cos gabello i co gavagnaco branco, non tê discanhamento di si divorziá con ista indade? Sin! Si divorziá! perchê vucê stá si adivorziando do tuo povo p'ra si gazá c'oa Dentadura, una vagabonda molto acunhecida e chi, anda aí na farra con tutto quanto é tenente pirata!

Una molhére sê virgonha, sê morale, i adurtera, chi abandonô o marito na primiéra gurva da strada, come una relis barafunda. Si signore perchê essa tale era gazada c'oa a Rivoluçô di Outubro!

Vucê non stá co miolo molto duro, Legario! Abra o oglio, chi essa barafunda ti leva p'ro buracco giunto c'oella.

Chi avisa amigo é!

In tuttos causo só ti peço una cosa:

- Faça as farra chi quizé c'oa Dentadura, ma non incomprometta o povolo minero i non gaste os cobri da genti p'ra asustentá issa vagabonda, gontra os nostro ermó chi stô lutano pela leggis i pela ordia, a favore du Brasile intêro i di Mina també.

TENENTE JUÓ BANANÉRE

ANEXO II

Cronologia dos artigos

ANEXO 2
CRONOLOGIA DOS ARTIGOS:
DIÁRIO NACIONAL , A MANHA, JORNAL DAS TRINCHEIRAS

p. 1/7

ANO	NÚMERO DO ARTIGO	DATA	TÍTULO DO ARTIGO
DIÁRIO NACIONAL			
1927	1	28-ago	Politica de principios: Mais um adherente que deixa o Partido Democrático: O SR JUÓ BANANERE
	2	3-set	Consequencias de uma deserção... UMA CARTA E ALGUMAS PROMESSAS
	3	7-set	UMA VISITA IMPORTANTE
	4	20-set	IL XX SETTEMBRE
	5	27-set	As delegaçõ istrangêra A forza do "Perrepê"
	6	4-out	Os progetto do dottore Pirolioto
	7	12-out	U INDISCOBRIMENTO DA AMERIGA U CASO DAS NOTTA FARSA U CENTENARIO DU GAFÉ
	8	19-out	U TAVISMO
	9	26-out	O VOTO SECRETO
	10	2-nov	OS AFINADOS
	11	18-nov	U BALLU DU PALAZZO
	12	25-nov	Una circunferenza inzima du Pirolioto
	13	30-nov	O ZOGLIO DELLA
	14	14-dez	Minottis del Piques i o novo Ford
	15	29-dez	Si io tirassi a lutteria da Spagna!
1928	16	14-jan	U CASO DU VALENTÓ QUE STÁ FICANO VALENTINO ... I NÓ ABUFA MAISE
	17	5-fev	U gaso du Minotti del Piques
	18	26-fev	O lobo i o gorderinho
	19	27-set	Chi non sta bene, ôglio da a rua!
1929	20	6-jan	Faxu ú Lampió
1930	21	18-mai	A mensagia prizidenciali do Oxinintó Luigi
	22	28-mai	Menssagia prizidenciali do Oxinintó Luigi
	23	31-mai	Currispundenza Pistolare di Bordimo du Armiranto Giá Ceguaio
	24	5-jun	Currispundenza Pistolare di Bordimo du Armiranto Giá Ceguaio
	25	18-nov	Aspettimos da Situaçó
1931	26	25-fev	U GANTO DA SODADES
	27	8-mar	GUESTOS FINANZERA
	28	13-mar	U MANIVESTU DA A LIGIO INRIVOLUZIONARIA DI ZAN BAOLO
	29	18-mar	U manivestu da a Legió Inrivoluzionaria di Zan Baolo
	30	24-mar	UNA FURTIVA LAGRIMA

1931	1	27-fev	<p>EXPIRENTE</p> <p>A sêde da Inrivoluçó</p> <p>A viaggia du Dittadore p´ra Minagerais</p> <p>Verso popolare</p>
	2	6-mar	<p>Us dismogratico sô muito antipattico - lo gosto é du Juó co o Migué - Nois baoliste aora non trabaglia maise. Uh che billeza!</p> <p>Suneto Futurissimo</p> <p>Vilosofia Grecca</p> <p>Dicraraçó di amore p´ru Oxinto Luigi</p>
	3	13-mar	<p>A Legió inrivoluzionaria di Zan Baolo</p> <p>NUOVA INDIVISÔ DU BRASILE</p> <p>Una rigramaçó votografica</p> <p>Notas variadas</p>
	4	20-mar	<p>U borxevisimo</p> <p>A prosima xigada du principe dos Gallos - U programmo das vesta - Disgorsos p´ra burro - P´ra gradecê illo vai gai du cavallo p´ra nois vê - Stamos na época dus qavallo</p> <p>A insoluçó du problema da arta du gambio arrisorvida</p> <p>A situaçó finazera</p> <p>AS STRADA DI RUDAGIA</p>
	5	27-mar	<p>Cirgolare P´ra Imprensa</p> <p>Ispierienti du governimo - anumiaçós</p> <p>Alunzio di occasió</p> <p>As Pombigna</p> <p>BOESIA</p>
	6	4-abr	<p>A xigada du principi dus Gallos</p> <p>SERVIZIO TILIGRAMMICO (Speciale p´ra MANHA)</p>
	7	11-abr	<p>Disco "Golombia" a sê ingravato i butado in cirgolaçó brevementi</p> <p>U ganto da sodades</p>
	8	17-abr	<p>A briga dus dismogratico go o governimo</p> <p>O Gabitô Xevrolet</p> <p>Poesia patriotticca</p>
	9	24-abr	<p>Manifesto P´ra Naçô</p> <p>Vilosofia Do O Tombo</p>
	10	2-mai	<p>O Gabritto co Macaco</p> <p>U gonbustibilo anazionalo</p> <p>Nisto mondo tutto gái</p>
	11	9-mai	<p>Una imbordade incircumferenza inzima do o Migué</p> <p>O DISGORSO DO O ZECARLO</p>
	12	15-mai	<p>Stato Libero du Abax´o Piques</p> <p>O pé di vento i a sua disinfruenza na viaçó i na pulitticca</p> <p>As cosa stá preta in Zan Baulo</p>

1931	13	23-mai	A visita do ministrimo Sê Trabaglio p'ru Abax' o o Piques XIGADA NA STAÇÓ DO O NORTI A NAUGURAÇÓ DO O CUNGRESSO UMA VISITA NA AS FABRICA DO O XICO MATTARAZZO UMA DISOVAÇÓ NO O TIATRO BERDANO OTRAS NOTAS Liga p'ra defeza das gavaçó
	14	30-mai	A tioria da Rilativité A Sarvaçó du Brasile (Di uno Besservatore istrinomigo) ARTI INGULINARIA Ricetta di Soppa di pidriguglio co tagliariani
	15	6-jun	Us conséglio qui questo financista deu pra ingunzertá as finanzas do o Brasile La tiuria vilosofica du "Idialisimo"
	16	13-jun	A Viagia du Do-X
	17	20-jun	A storia do o café COME E CHISE TRANSFORMA UNO GAFÉ DURO I VAGABONDO IN UNO GAFÉ MOLLE BATUTTA UNA CIRGOFERENZA INZIMA DO O GOES MONTERO
	18	26-jun	A Zanta dos Coquêro U PISSUALO DA A VACCA A VIAGGIA A CAZA DA A ZANTA A ZANTA U PISSUALO CHE STAVA LA PARECE A ZANTA US MIRACOLO A PRIZO DA ZANTA
	19	3-jul	A gunta du sansó c'oa Dallila Assuntimos agricola
	20	10-jul	Assuntimos agricola
	21	17-jul	Una circumferenza co ginerallo Gois Montera
	22	31-jul	Una sessô de spiritisimo Adonde aparece u generalo Migué Gosta i gonta come fui che illo murreu giuntamente c'oa Legiô O GOMMUNISMO PERCHI FUI FAZIDA A INRIVOLUÇÓ
	23	7-ago	U MIGUÉ INDEALISTE Versinho populáro GAMPIONATO DI FUTEBOLA Biglietto postalo p'ra Croppa
	24	14-ago	ANCÓRA U GAUZO BAULISTE
	25	21-ago	As nuova machina inletorales ULTIMA ORA
	26	28-ago	INQUERITO POLITTICO (SISTEMA DIARIO SUCIATO) UVINDO O DOTT. SIRVA DI CAMPO PARLA U GENERALO TALIBA O CHINOS DISSI U GENERALO MIGUÉ COSTA A Troca-Troca du Gafé co Trigo U Manuvestu da Lavôra Baoliste

1931	27	4-set	U Godígo dus Terventores A MORATORIA		
	28	19-set	As molhére che si gazáro U POSITIVISMO A aviaçó		
			29	2-out	A guerre da Xina co Giapó
	30	10-out	As ingommemoaçó da Inrivoluçó A ERANZA DU OXINTO A OPERA DIRIGOSTRUÇO AS DIVIDA DU GUVERNIMO APASSATO A AÇO DUS MINISTERIO A óra nuóva		
			31	16-out	U momento p'ru Gristo Arridentore A muratoria U "caso" di Zan Baolo
			32	30-out	U GAMBIO I US TENENTE Morreu U Tomaiz Ediçó
			33	6-nov	Cósas d'Otro Mundo US AFINADOS A guerre da Xina co Giapó
	34	13-nov			A lavóra di gafé i a grizia
	35	27-jan	Di novamente o "gauzo" baoliste POSTESCRITTO		
	36	4-dez	Os degreto do cidadó Mané		
	37	12-dez	Os Nuovos degretos da cidadó Mané DEGRETTO DA A GARTA ANONIMA DEGRETTO DU GIOGO DU BIXO		
			38	19-dez	Nuovos attimos e degretimos do Mané Monologo do Omellete
	39	26-dez	A gommemoaçó du u Natali		
1932	40	9-jan	1931 - 1932		
	41	16-jan	Liçó di Storia Naturale		
	42	4-mar	U cumicio pró-ingosnstituente nu dia ventes quattro Nois quereмо!		
			43	2-abr	A brughia du Migué co Pietro Gois A attrice Renée Adorée Manivesto p'rus mignos inleitore U gauzo du Rigrandi co Gitulio
	44	16-abr	Contos da Garudxinho Basgualle, giurnaliste, non quizzo accettare u gunvite		
45	23-abr	A vrente única baolista i o tenente generali Pietro Gois U gauzo baoliste di nuovamenti A grande immanivestaçó das leiteros pru Vardo Aranha in Porto Alegre			

1932	46	14-mai	A cosa stá preta FRUITA APASSATA VILOSOFANDO	
	47	28-mai	O CAUSO DI ZAN BAOLO OS ANTECEDENTI DU FATTIMO O COMIZIO - OS DISGORZOS	
	48	4-jun	Ancora o cauzo di Zan Baolo? UVINDO O MANÉ Sonettigno p'ro Juó	
	49	11-jun	Panoramicos da inrioluçó incontribuçó p'ra storia	
	50	24-jun	A situaçó pulittica	
	51	2-jul	Uma visita di oglio a "voli doazó" sopra da situaçó pulittica anazionale O Clubo 3 di Ottobre Commigato do Clubo 3 di Ottobre	
	52	9-jul	Grandi matis di futebolla pulittico Una linda inrioluçó agorada Attos Ficiali	
	1933	53	13-jan	As nuova legge dus imposte Prefaço
		54	26-jan	Os nuovos impostes NOTIZIAS DISPURTUVA Un nuovo giogo de azáro Pequenos aluzio
		55	3-fev	As discraraçó du tenente Juó Aberto A situaçó pulittica in Zan Baolo O grandi Ruliano
56		9-fev	O cauzo do Pirú A Attuale sitoaçó pulittica Um governimo chi trabaglie	
57		16-fev	A celebre questó do adiamente das inleçó p'ra ingostituente	
58		23-fev	O alistamente in Zan Baolo Un cauzo di somiglianza SERVIZIO TILIGRAMICO	
59		9-mar	O Carnvallo Baoliste O che sobra p'ra uno i o che farta p'ra ótro A Guerre Presente e a Guerre Futura	
60		16-mar	A situaçó pulittica Varas Nutiça	
61		23-mar	O cauzo da Sorogabana c'oa Noroesti A Xappa Única	

1933	62	30-mar	A Marinki-Santo A Xappa Única
	63	7-abr	A pruposito da futura Ingostituinti O URTIMO BUATTO DU GIAPÓ Du Brasile DU RIGRANDI DU NORTI DIZAN BAOLO Fattimos diversimos MAISE UNO URTIMO BUATTO
	64	13-abr	O URTIMO DECRETTO
	65	20-abr	A rivugaçó da Lei Secca nos Stadozunido Tiligrammos Uno Lago di Xoppis A Xeia du Mississipo A distribuiçó di xoppis nos Stadozunido nu primiero die da lei amogliada In Bosto Aspettos da legge amogliada Invençó di uno pau d' aqua A Ressacca Lamentaçós (Imitaçó do poete napulitano Luigi di Gamonhes)
	66	27-abr	Coisas da Pulitticca Io quiria sé tenente (Versos arrepentiste)
	67	5-mai	A filozofia das diversa tioria siciali U Sicialisimi U Gommunisimo A Dimograzzia Otras Formolas Os gandidato das inleçó de anti-onti
	68	12-mai	A bandiera anazionale O garmello Gabanas stá afazino baruglio no Tribunale inlettoreale
	69	26-mai	A sitoaçó pulitticca in Zan Baolo ista urtima settimana Ah! Incostituente quirida (Sunetto stile fotoriste) A LEGGE DI ARRIPRESSÓ DA OSURA
	70	10-jun	O pissoalo mudô ma os gostumo só os mesimo O prano dos seis milliô di istrellinho O Gaffé (Puema futuristico)

A MANHA			p.77
1933	71	17-jun	P'ra avuá non te come us intaliano Azas da Intalia O causo di Zan Baolo
	72	24-jun	Teria se abrido di nuovo o "Gauso di Zan Paulo?" O maior indiscoberimento do seculo Uno migrobio di Duccento cincoanta e seis anno
	73	1-jul	Inda as inleçò di 3 de maggio Nois e a Dentadura BOEMA FOTORISTICO (In versos co pé quibrado) P.R.P.
	74	8-jul	RISUMO PULITTICO DA SETTIMANA BENSAMENTO
	75	15-jul	Como us tempo stó mudado, pa a maronna! Storias da Garunxinha Azas da Intalia O causo do terventore civile e baoliste
	76	22-jul	PULITICCA BAOLISTE A Açó Anazonala
	77	29-jul	A ORDIA DUS INGONFIDENTI
	78	5-ago	O OMI SAIÚ O nuovo terventores provisorio di Zan Baolo A penna di morte na Allamanha Sua incellenza u ministrimo Gioareziz Tavora fui p'ra Minagerais
	79	12-ago	O GUVERNIMO PRUVISORIO DA DENTADURA VIAGGIA P'RA MINA GERAIS O causo da ortografia moderna A quadriglia do Barba
	80	19-ago	Civile e baoliste Ripubliça veglia i Ripubliça Nuova O Ingobustible

JORNAL DAS TRINCHEIRAS			
1932	1	25-ago	UNO CONSEGLIO P'RA DENTADURA GRIANZA NON BRINGA COM ARMA DI FUOGO
	2	28-ago	A GAMPANHA DO ÔRO COMMUNICATO UFFICIALE DA DENTADURA VARIAS NUTIÇA
	3	1-set	AGRICORTURA NA GUERRE GRANDI COMBATTO AEREO COMMUNICATO UFFICIALI DA DENTADURA
	4	4-set	OS URTIMO MOMENTE DA DENTADURA
	5	8-set	A DENTADURA NO BURACO! MENSAGIA DU TEU DORMIRO SANTIAGO P'RU LECARIO MARCIALE